



**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

MIGUEL AGUSTINHO CALGARO

**SOCIEDADE E FORMAÇÃO NA TRADIÇÃO ADORNIANA:
PERSPECTIVAS EMANCIPATÓRIAS PARA ALÉM DO NEOLIBERALISMO**

CAXIAS DO SUL

2021

MIGUEL AGUSTINHO CALGARO

**SOCIEDADE E FORMAÇÃO NA TRADIÇÃO ADORNIANA:
PERSPECTIVAS EMANCIPATÓRIAS PARA ALÉM DO NEOLIBERALISMO**

Dissertação apresentada à Banca examinadora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação

Orientador: Prof. Dr. Vanderlei Carbonara

CAXIAS DO SUL

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

C151s Calgaro, Miguel Agostinho
Sociedade e formação na tradição adomiana [recurso eletrônico] :
perspectivas emancipatórias para além do neoliberalismo / Miguel Agostinho
Calgaro. – 2021.
Dados eletrônicos.
Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de
Pós-Graduação em Educação, 2021.
Orientação: Vanderlei Carbonara.
Modo de acesso: World Wide Web
Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>
1. Educação. 2. Cultura. 3. Neoliberalismo. 4. Adorno, Theodor W., 1903-
1969. I. Carbonara, Vanderlei, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 37

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Carolina Machado Quadros - CRB 10/2236

MIGUEL AGUSTINHO CALGARO

**SOCIEDADE E FORMAÇÃO NA TRADIÇÃO ADORNIANA:
PERSPECTIVAS EMANCIPATÓRIAS PARA ALÉM DO NEOLIBERALISMO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação, Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação, à banca composta pelos seguintes membros:

Banca Examinadora

Prof. Dr. Vanderlei Carbonara (orientador)
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof. Dr. Geraldo Antônio da Rosa
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof. Dr. Luiz Roberto Gomes
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Caxias do Sul, ____ de _____ de 2021.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Professor Dr. Vanderlei Carbonara, pela oportunidade de me orientar nesta dissertação, confiança demonstrada, amizade e valiosas contribuições feitas ao meu projeto, além da generosidade de dividir seus conhecimentos. Aproveitando, agradeço também a todos os professores que ministraram os seminários do mestrado em Educação, sendo fonte de conhecimento e inspiração. Aos professores Dr. Geraldo Antônio da Rosa e Dr. Luiz Roberto Gomes pelo pronto atendimento ao convite para compor a minha banca e pelas contribuições dadas na minha qualificação. Aos meus colegas de mestrado, em especial aos colegas do grupo de pesquisa, pelo companheirismo e enriquecimento através das discussões nos encontros. Agradeço à minha esposa amada, que esteve comigo nos momentos difíceis, foi incentivadora dos meus projetos e meu porto seguro; mesmo com todas as dificuldades do cotidiano, sempre me apoiou e esteve presente. Agradeço à minha família e às demais pessoas que, de diferentes maneiras, contribuíram para a conclusão de mais essa etapa da minha vida. A todos, os meus mais sinceros agradecimentos.

“[...] a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência.”

Theodor W. Adorno.

RESUMO

Essa dissertação aborda o conceito de formação a partir da reflexão adorniana sobre educação e a crítica acerca dos efeitos da indústria cultural para a formação humana. Trata-se de investigação teórica, que identifica obstáculos formativos impostos pelo poder econômico na sociedade e aponta perspectivas de uma educação emancipatória. De acordo com Adorno, a educação é vista como um produto comercial e um conjunto de técnicas pragmáticas, cuja única finalidade é a promoção da ascensão econômica e social, impossibilita uma compreensão de conjunto da realidade, oculta a crítica social e institui e normatiza a alienação e as ideologias. É essa proposta de formação, típica da “sociedade administrada”, fragmentada, superficial, acrítica e meramente técnica, que o frankfurtiano chama de “semiformação” (*Halbbildung*). Tal projeto, que apresenta os sentidos da existência como inquestionáveis e determinados, contribui para a reificação humana e para a sua permanência nos limites estreitos do mundo do trabalho e do consumo, mesmo nos momentos de lazer e de entretenimento, apartada do universo da cultura. Tendo em vista o desenvolvimento e a ampliação desse processo, com o advento das mídias digitais e da sociedade neoliberal, essa pesquisa busca o suporte de autores e estudiosos da tradição adorniana para refletir a respeito da dominação cultural nos dias atuais. Dentre as possíveis perguntas, indagamos: qual a importância e os caminhos possíveis para uma educação emancipadora no mundo contemporâneo? De que maneiras a onipresença da internet e das mídias sociais contribui para o aprofundamento da dominação cultural? Embora as respostas possam não ser assertivas ou definitivas para o problema da educação, o percurso crítico e reflexivo proposto por Adorno parece-nos contribuir decisivamente para a consciência da educação que queremos: aquela que não impõe obstáculos à reflexão e à busca por uma formação emancipatória.

Palavras-chave: Adorno. Educação e emancipação. Formação cultural. Diretrizes neoliberais à educação.

ABSTRACT

This dissertation approaches the concept of formation from the Adornian reflection on education, including the criticism about the effects of the cultural industry on human formation. A theoretical investigation is proposed, identifying formation obstacles imposed by economic power on society, indicating prospects for an emancipatory education. According to Adorno, education is considered a commercial product and a set of pragmatic techniques, whose sole purpose is to promote economic and social ascension. This type of education makes it impossible to fully understand reality, hides social criticism, and institutes and regulates alienation and ideologies. It is this proposal of formation, typical of the “managed society”, fragmented, superficial, uncritical and merely technical, that Adorno calls “semi-formation” (Halbbildung). This educational project presents the meanings of existence as unquestionable and determined, contributes to human reification and to its permanence within the narrow limits of the world of work and consumption, even in moments of leisure and entertainment, separated from culture. Considering the development and expansion of this process, with the advent of digital media and neoliberal society, this research seeks the support of authors and scholars to reflect on cultural domination today. Among the possible questions, we ask: what is the importance and possible paths for an emancipatory education in the contemporary world? In what ways does the ubiquity of the internet and social media contribute to deepening cultural domination? Although the answers may not be definitive for the problem of education, the critical and reflective path proposed by Adorno seems to contribute decisively to the awareness of the education we want: one that does not impose obstacles to reflection and the search for an emancipatory education.

Keywords: Adorno. Cultural formation. Education and emancipation. Neoliberal guidelines to education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 REFLEXÕES PRELIMINARES SOBRE O CONCEITO DE ESCLARECIMENTO (AUFKLÄRUNG) EM ADORNO E HORKHEIMER.....	16
1.1 A CONTRADIÇÃO DO ESCLARECIMENTO.....	19
1.2 IMBRICAÇÕES ENTRE MITO E ESCLARECIMENTO.....	23
1.3 RAZÃO INSTRUMENTAL, DOMINAÇÃO DA NATUREZA E AUTOCONSERVAÇÃO.....	30
1.4 RACIONALIDADE INSTRUMENTAL E EDUCAÇÃO.....	35
2 PROCESSOS DE FORMAÇÃO CULTURAL.....	39
2.1 INDUSTRIALIZAÇÃO E INDÚSTRIA CULTURAL.....	39
2.2 PADRONIZAÇÃO E ALIENAÇÃO.....	40
2.3 A ARTE COMERCIAL COMO ENTRETENIMENTO E CONFORMAÇÃO.....	47
2.4 O LOGRO DA LIBERDADE NA SOCIEDADE DA COERÇÃO.....	53
2.5 FORMAÇÃO CULTURAL E EDUCAÇÃO.....	61
3 EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO: PARA ALÉM DE UMA SEMIFORMAÇÃO.....	64
3.1 A SEMIFORMAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES À EDUCAÇÃO.....	64
3.2 FORMAÇÃO CULTURAL: AUTONOMIA E ADAPTAÇÃO.....	67
3.3 ALIENAÇÃO NAS PLATAFORMAS DIGITAIS.....	68
3.4 ENFRAQUECIMENTO ESPIRITUAL NA FORMAÇÃO TRADICIONAL.....	71
3.5 O EFEITO PERSUASIVO DO “AMOR TELEVISIVO” NO ESTÍMULO AO FETICHISMO MERCADOLÓGICO.....	73
3.6 IDEOLOGIAS NA SOCIEDADE MUDIÁTICA.....	75
3.7 PUBLICIDADE E FETICHISMO MERCADOLÓGICO.....	83
3.8 COERÇÃO ECONÔMICA: PROGRESSO E RESISTÊNCIA EMANCIPATÓRIA.....	86
3.9 AS CONSEQUÊNCIAS DEGRADANTES DA SEMIFORMAÇÃO.....	89

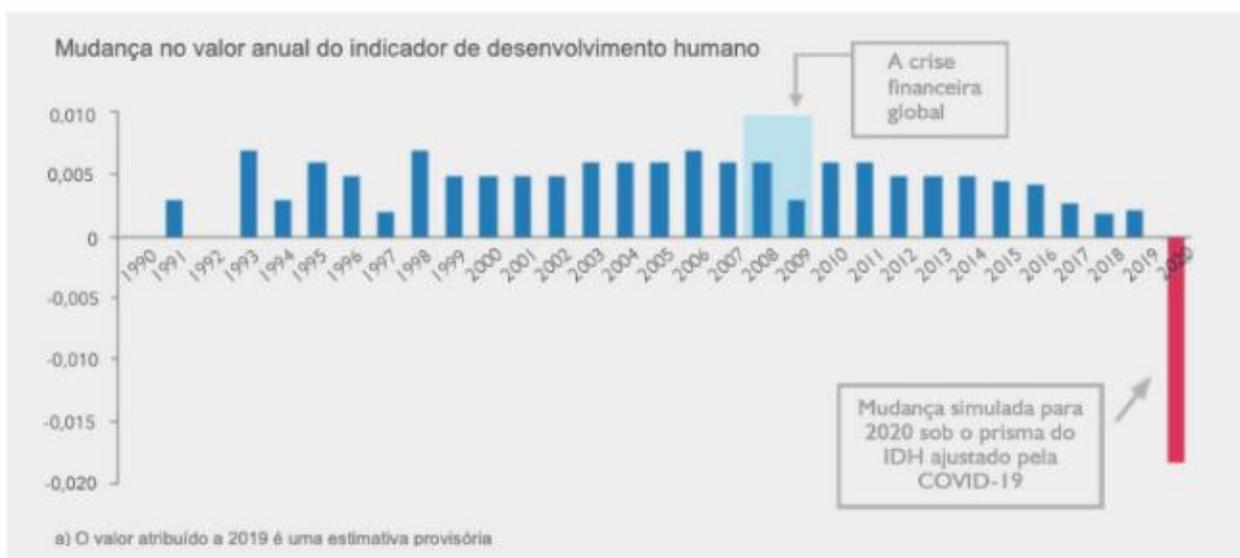
4	EDUCAÇÃO COMO POSSIBILIDADE CONTEMPORÂNEA DE EMANCIPAÇÃO.....	94
4.1	A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO COMO OPOSIÇÃO À PRÁTICA OPRESSIVA, À DOMINAÇÃO E À BARBÁRIE.....	94
4.2	BARBÁRIE CONTINUADA E AUTORITARISMO: O DILEMA DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS GLOBAIS.....	97
4.3	A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA A EMANCIPAÇÃO.....	99
4.4	CARÊNCIA FORMATIVA, COMPETIÇÃO E BARBÁRIE SOCIALIZADA.....	100
4.5	PRÁTICAS NEOLIBERAIS E PROCESSO EDUCACIONAL BRASILEIRO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TEORIA CRÍTICA SOBRE A PROMESSA DE UM FUTURO IRREAL.....	104
4.6	DIRETRIZES NEFASTAS DO DISCURSO DE FUTURO ANTECIPADO.....	108
4.7	OS IMPACTOS DO DISCURSO DE FUTURO ANTECIPADO.....	117
	CONCLUSÃO.....	119
	REFERÊNCIAS.....	125
	ANEXO 1.....	130

INTRODUÇÃO

Ao dirigir o olhar para minha trajetória percebo que esta dissertação de mestrado começou, na verdade, no meu bacharelado de Ciências Econômicas. Naquela primeira oportunidade de produção científica desenvolvi uma pesquisa com foco nas desigualdades socioeconômicas na era global e deparei-me, então, com a amplitude das inequidades existentes na sociedade. Foi o primeiro momento no qual percebi que a relação entre desigualdades e educação era mais estreita do que pensava, não apenas como forma de desenvolvimento socioeconômico, mas também no que diz respeito às relações humanas.

Ao analisar O relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)¹ destinado ao Brasil (UNICEF, 2021), observei que a pandemia da COVID-19 acentuou ainda mais as desigualdades entre os brasileiros. O Gráfico 1 demonstra que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)², vem sofrendo queda expressiva a partir de 2017, despencando em 2020 para índices negativos. É interessante notar como mesmo na crise financeira global, entre 2007 e 2009, não havíamos obtido tamanho retrocesso.

GRÁFICO 1 – ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL (1990-2020)



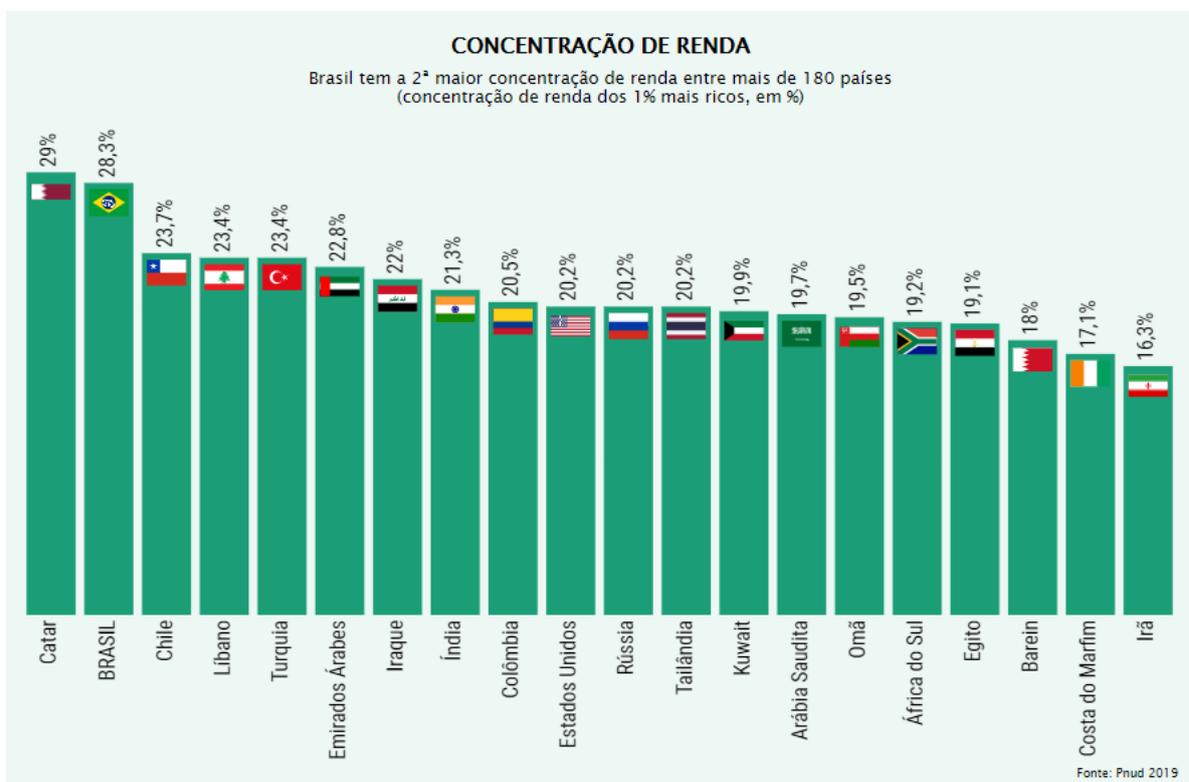
FONTE: UNICEF (2021, p.28).

¹ Em parceria com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS).

² Possui uma variação entre zero e um, quanto mais próximo de um maior será o desenvolvimento humano. É composto pelas variáveis de renda, saúde/longevidade e educação.

Já o índice de Gini³ alcançou 0,640 até o segundo trimestre de 2021, representando a maior elevação registrada desde o início das medições, considerando que havíamos alcançado a marca de 0,6279 em 2019 (BRASIL, 2021). Observando o Gráfico 2, divulgado pela Organização das Nações Unidas (ONU) no final de 2019, podemos verificar que o Brasil ocupa o segundo lugar no ranqueamento entre os 180 países com maior concentração de renda, atrás apenas do Catar.

GRÁFICO 2 – CONCENTRAÇÃO DE RENDA MUNDIAL

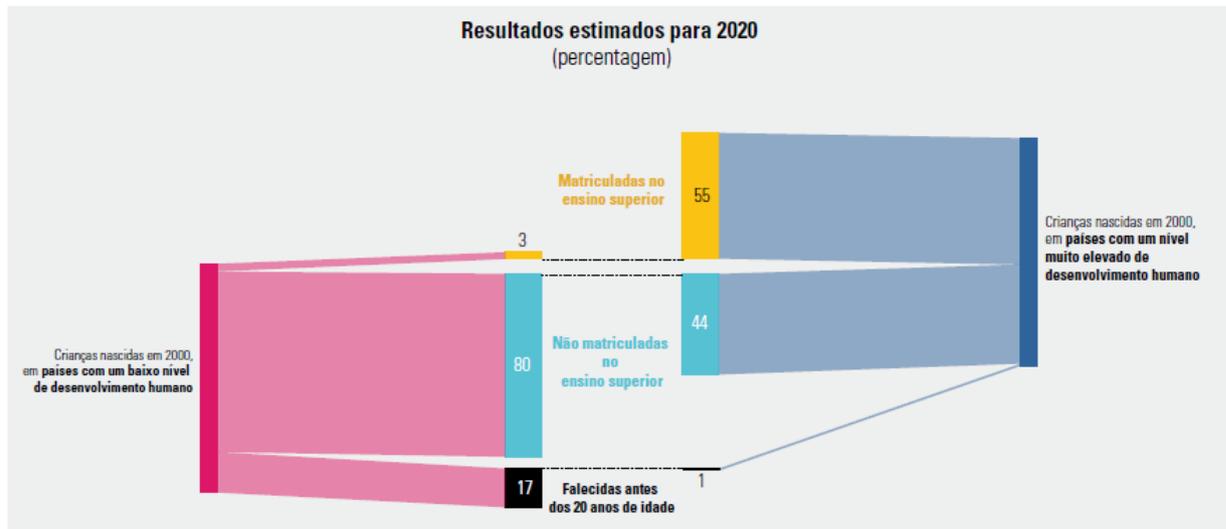


FONTE: SASSE (2021, não p.).

Analisando os indicadores apresentados, juntamente com os demais dados dispostos no Gráfico 3, é possível compreender melhor o cenário global no que diz respeito às desigualdades na educação.

³ Índice utilizado para medir as desigualdades de rendimentos entre os mais pobres e os mais ricos. A variação é entre zero e cem, no qual, zero representa situação de igualdade.

GRÁFICO 3 – DESIGUALDADES NA EDUCAÇÃO



FONTE: PNUD (2019, p. 2)

É possível perceber que países com IDH muito elevado possuem 55% dos alunos matriculados no ensino superior, contra apenas 3% nos países com baixo IDH. A variação entre os não matriculados corresponde a 81% e, além disso, a disparidade quanto ao percentual de alunos falecidos antes mesmo de completarem 20 anos de idade chega a 17%, nos países com IDH baixo, contra 1% nos países com IDH mais alto.

A partir da compreensão do impacto das desigualdades sociais também no campo educacional, convenci-me de que a educação – sobretudo, ao modo como ela é concebida na tradição adorniana, ou seja, a educação voltada para a ampliação da capacidade crítica e da autonomia humanas – é a ferramenta que apresentava maior potencial de impacto na minimização dessas desigualdades.

Hoje, continuo buscando por mais elementos que ofereçam suporte à demonstração de que a educação tem papel relevante no processo de emancipação humana, e que as desigualdades socioeconômicas têm raízes mais profundas do que exclusivamente indicam as causas econômicas. Tendo essas considerações em vista, encontrei o pensamento de Adorno e Horkheimer como um rico manancial para o aprofundamento dessa reflexão, correlacionando o sujeito às suas condições sociais ao passo que apresenta possíveis caminhos para a emancipação humana.

A presente dissertação nasce da inquietação e do entendimento de que a educação é um direito de todos; porém, observa que a emancipação humana facultada pela educação tem a indústria cultural como seu principal obstáculo.

Considera-se que a educação atrelada à sistematização limita o indivíduo e impede que alcance o esclarecimento, capturando a subjetividade na própria concepção de educação. Nesse sentido, pensa-se a educação não apenas como forma de resistência da estrutura social vigente, mas também como meio de desenvolvimento do processo de emancipação social, tendo em vista a situação de exclusão dos desfavorecidos e a urgência de uma sociedade mais igualitária.

Decorrente do cenário descrito para a educação, a pesquisa proposta nesta Dissertação é voltada para responder à seguinte questão: considerando-se a crítica adorniana aos efeitos da dominação econômica e da indústria cultural à sociedade e à formação humana, quais perspectivas apresentam-se pertinentes a uma concepção emancipatória de educação frente aos desafios atuais impostos pelas novas mídias sociais e pelas diretrizes neoliberais às políticas educacionais brasileiras?

Na busca por respostas à questão levantada, o objetivo geral deste estudo consiste em investigar perspectivas teóricas da Teoria Crítica que possibilitem conceder uma educação crítica e emancipatória, para além dos limites da semiformação produzida pela estrutura neoliberal e pela difusão semicultural nas mídias sociais.

Em termos mais específicos, o estudo pretende analisar, no discurso filosófico de Adorno e Horkheimer, o fundamento da semiformação e do processo de dominação cultural. Para tanto, partimos da crítica frankfurtiana do mito do esclarecimento e do desenvolvimento da razão instrumental, que fundamentam a indústria cultural e sua interferência no processo de formação.

Tendo em vista o desenvolvimento das plataformas digitais e das mídias sociais no mundo contemporâneo, interessa-nos a presença das ideologias, da alienação e da semiformação na sociedade neoliberal, a partir de pensadores e estudiosos atuais inseridos na tradição adorniana. Por fim, cabe-nos refletir, a partir desta tradição, acerca das possibilidades atuais para uma formação emancipatória.

Muitos conceitos serão explorados nesta pesquisa, porém, alguns colocam-se como fundadores da investigação a ser realizada. Nesta dissertação, o pressuposto fundamental é o de que a educação seria o vetor mais importante da emancipação humana. Entretanto, esta emancipação encontra-se prejudicada por uma concepção de processo educacional massificado, ou seja, oferta-se aos

indivíduos processos formativos que mantêm a concepção industrialista de padronização e ajuste da máquina para a maior produtividade possível.

O processo cultural testemunhado atualmente personifica a ideologia do controle na formação humana, repetindo conceitos preferidos para a manutenção do sistema produtivista capitalista. Historicamente, observa-se que a acumulação progressiva e interminável do capital é do interesse de uma pequena parcela populacional, relegando à outra parcela – composta pela grande maioria – o papel de instrumento que realiza a acumulação, transformando sua força de trabalho em capital para o menor grupo.

A percepção clara deste processo desigual de distribuição da riqueza (e seu eventual enfrentamento) depende de fatores educacionais que ampliem a compreensão do indivíduo, o que pode desestruturar o sistema e impedir seu pleno funcionamento. Depreende-se desta ameaça a necessidade de manter uma cultura dominante que enalteça a massificação, minimizando a emancipação individual e impedindo a compreensão lata sobre como ocorrem os processos de distribuição de bens e riquezas.

É neste contexto que Adorno e Horkheimer abordam o conceito de indústria cultural (*Kulturindustrie*) e dominação, no qual as classes dominantes utilizam dos meios de comunicação para impor ideologias, muitas vezes de forma imperceptível, mas que promovem uma educação danificada, útil àqueles que dominam os meios de produção, mas não àqueles que são vítimas do processo formativo.

A concepção de processo formativo em Adorno toma como contexto de análise o pressuposto da notoriedade dos avanços tecnológicos e do domínio do homem sobre a natureza, apoiando a falseabilidade do conceito que apregoa igualdade entre avanço científico, produção tecnológica e ascensão cultural de uma comunidade. A análise histórica aponta de forma bastante clara que a disponibilidade de informação e tecnologia não facilitou a emancipação e, de fato, a humanidade vivencia o elastecer das dimensões das violências e usurpações do homem pelo homem (ADORNO, 2009).

Partindo dos pressupostos teóricos expostos, considerando os objetivos da pesquisa e atentando à necessidade de responder à questão principal, esta dissertação traça um percurso composto por quatro capítulos.

O primeiro capítulo tem como foco a reflexão preliminar do conceito de esclarecimento (*Aufklärung*) em Adorno e Horkheimer, que indicam sua origem no

Iluminismo. Compondo o trajeto do conceito até o seu uso contemporâneo, os autores apresentam suas perspectivas críticas acerca das contradições inerentes ao próprio esclarecimento. Desta maneira, o estudo realizado no primeiro capítulo traz a compreensão sobre as relações entre mito e esclarecimento, segundo a tradição adorniana. Ao término desta seção também é explorado o conceito de razão instrumental, como processo de dominação da natureza e ascensão da ciência que favorece a dominação do homem pelo homem.

O segundo capítulo apresenta a articulação do processo de formação da Indústria Cultural, um conceito que para Adorno e Horkheimer apresenta-se vinculado com a sua concepção de ideologia. O estudo da ideologia, por sua vez, leva a outro conceito fundamental dos autores: a “cultura de massas”, uma modalidade de cultura que é instrumentalizada e conduz a vida do indivíduo a uma existência alienada, uma forma de imposição social padronizada de comportamento. A vida alienada encontra substrato no sistema capitalista e numa cultura decorrente da padronização e reprodução, atingindo a arte e o entretenimento, e lançando formas enganosas de “liberdade” que são, na realidade, novas maneiras de coerção.

O terceiro capítulo explora o conceito de educação em relação à formação cultural, procurando compreender de que forma a educação pode contribuir para avançar no processo emancipatório humano. Da articulação dos elementos teórico explorados emerge o conceito de “semiformação”, processo no qual o sujeito é afastado do pensamento crítico e reflexivo, seduzido pelo imediatismo de concepções ideológicas prontas e carregadas de intencionalidades. O cenário constituído aponta em direção à barbárie, definida por Adorno pela entrada da humanidade em uma nova forma de existência sociopsíquica violenta, baseada no sistema capitalista. O capítulo encerra com os apontamentos adornianos que indicam as possibilidades de uma formação emancipadora como fuga à barbárie.

O quarto capítulo avalia a situação atual, refletindo sobre os processos formativos no cenário nacional e avaliando a influência dos organismos internacionais sobre a educação no Brasil. Discute-se a influência de instituições neoliberais, como a OCDE, e seu impacto nas práticas formativas. Finalmente, o olhar da dissertação descola-se para o porvir, investigando as promessas de um futuro irreal, mediado pela repetição do mesmo ideário capitalista refletido em métricas produtivistas, como o teste Pisa. Articula-se, no fim da reflexão teórica, o pensamento adorniano sobre educação emancipatória como contraponto ao

discurso de futuro antecipado, considerado este o ápice das promessas de liberdade que o sistema atual não pode cumprir.

1 REFLEXÕES PRELIMINARES SOBRE O CONCEITO DE ESCLARECIMENTO (AUFKLÄRUNG) EM ADORNO E HORKHEIMER

As concepções expostas neste capítulo têm o objetivo de demarcar alguns temas e conceitos fundamentais para a discussão proposta nesta dissertação, sendo posteriormente aprofundados e articulados nos capítulos 2, 3 e 4. Estas reflexões preliminares partem, principalmente, do pensamento de Adorno e Horkheimer, geradas sob contexto no qual a nação alemã, golpeada e derrotada na primeira Guerra Mundial, se vê acuada e sensível à necessidade de renovação. Neste momento o fenômeno sociológico ganha representatividade dentro da própria ideia de modernidade, ressaltando que estas características já eram observadas da metade até o final do século XIX (THOMSON, 2010).

Segundo Thomson (2010), almejava-se que ao fim da guerra a humanidade se encontrasse em uma nova era cultural mas, na verdade, seus horrores evidenciaram muito mais o efeito nefasto e apocalíptico. Entretanto, é preponderante ressaltar que a maior parte de pensamento intelectual que constituiu as bases da guerra já havia se constituído no fim do século XIX. A concepção de Adorno retrata o recorte de sua temporalidade, mas também se revela efervescente na atualidade, encontrando no movimento histórico a permanência dos mesmos elementos que constituíam a realidade do próprio autor. Para que seja possível a aproximação da centralidade do pensamento adorniano, se faz necessário denotar breve percurso do entendimento humano estruturado pela filosofia, historicidade e ciência.

A filosofia – atribuída pela tradição grega como conhecimento perante o mundo natural e o comportamento humano, sustentada nas evidências observadas – perde representatividade no início do século XIX. Na metade do século a ascensão das ciências naturais mobilizou a aproximação com a historicidade, a favor de subsidiar estudos da humanidade numa abordagem científica e, nesta movimentação, a filosofia mergulha no desprestígio (THOMSON, 2010).

A ciência se desloca e se divide, a fim de atingir maior especificidade, e surgem as ciências naturais e sociais, abarcando as mais diversas áreas do conhecimento a partir da fragmentação das disciplinas e da abrangência do método empírico, analítico e quantitativo da teoria tradicional. Aqui é importante lembrar que, segundo a abordagem positivista, só o método científico (diga-se de passagem, o

reducionismo e o empirismo, ou o “método indutivo-confirmável”) é propriamente considerado conhecimento (THOMSON, 2010).

Enquanto isso, a filosofia definhava na incapacidade de lidar com o movimento científico. O sucesso progressivo da ciência acentuou o afastamento entre o homem e a filosofia nos séculos XVIII e XIX. Neste afastamento, Adorno e Horkheimer encontram o ensejo para demonstrar o percurso histórico genealógico da razão na *Dialética do esclarecimento* (THOMSON, 2010). A grande questão desvelada pelos autores é “[...]descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie”, na qual a razão é despojada em favor de sua instrumentalização (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.11).

A obra de Adorno e Horkheimer se insere no contexto do processo civilizatório ocidental a partir da fundação do Instituto de Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt⁴, que surge como uma nova proposta epistemológica de afrontar a Teoria Tradicional desde uma perspectiva crítica⁵. Desde sua fundação, em 1923, o Instituto tenciona a crítica da sociedade moderna, e o pensamento dos filósofos oriundos da instituição – que ficou conhecida como “Escola de Frankfurt” – se estrutura sobre um tripé que contém, em primeiro lugar, o materialismo interdisciplinar (baseado na crítica da economia política de Marx), em segundo lugar, a crítica da razão moderna (baseada na racionalidade ocidental, que remonta à origem da racionalidade mitológica até a modernidade) e, por último, propunha a retomada da ideia de ciência social crítica (RÜDIGER, 2004)

Os frankfurtianos partem da denúncia da presença do positivismo e de uma pretensa concepção de neutralidade da ciência na fundamentação da Teoria Tradicional que orienta a modernidade. Além disso, nessa perspectiva, a

⁴ O Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt (*Institut für Sozialforschung*) foi fundado em 1923, ligado à Universidade de Frankfurt, embora seus fundos privados lhe garantissem certa autonomia. A partir de 1930 o instituto passa a ser dirigido por Max Horkheimer, recebendo a contribuição de filósofos que ficariam conhecidos depois como membros da Escola de Frankfurt.

⁵ A teoria tradicional, segundo Horkheimer, remonta ao pensamento cartesiano, e está fundada na suposição de neutralidade da ciência e na separação entre a esfera subjetiva e objetiva e, portanto, na separação entre sujeito e sociedade. A sistematização das informações e a organização das experiências adquiridas, a partir da fragmentação das ciências, são aplicadas ao maior número possível de casos, generalizando-os, como se fossem apenas dados objetivos quantificáveis. Na ótica da Teoria Tradicional, a origem dos problemas sociais é algo externo à própria ciência, ignorando o olhar e a implicação social das ações humanas. A Teoria Crítica, por sua vez, reconhece o ser humano como produtor das forças que atuam na história e na vida em sociedade. De acordo com Horkheimer, as situações não dependem apenas da natureza, mas também da interferência humana diante delas (HORKHEIMER, 1991, p.69).

universalidade do mundo seria alcançada por uma análise descontextualizada da realidade. A Teoria Crítica, parte, portanto, da proposta de contextualizar as ciências sociais, procurando entender a sociedade e suas relações numa intenção de transformar o mundo, evitando uma compreensão totalitária da vida (VILELA, 2006). Segundo Horkheimer (1991), a Teoria Crítica está voltada para o sentido da interatividade do ser humano, buscando estabelecer conexões com as outras ciências e com a própria história, a fim de contribuir para emancipação humana.

Nesse sentido, seguindo Marx, os frankfurtianos estavam preocupados com as condições que permitiam mudanças sociais concretas, embora fossem críticos do marxismo ortodoxo que reproduzia um discurso limitado, geralmente em defesa dos partidos comunistas e do bloco socialista. Sua ênfase no componente crítico da teoria foi derivada da sua tentativa de superar os limites do positivismo, materialismo e determinismo, retornando ao diálogo com a filosofia de Kant e aos seus sucessores no idealismo alemão, principalmente a filosofia de Hegel, com sua ênfase na dialética e contradição como propriedades inerentes da realidade.

Com relação, mais especificamente, à obra de Adorno e Horkheimer, os filósofos promovem uma profunda reflexão acerca dos pressupostos da racionalidade ocidental, apontando para a presença do aspecto mítico na historicidade ocidental, comparando o sujeito mítico com o moderno esclarecido. O percurso do pensamento ocidental traçado pelos autores remonta aos primórdios das narrativas míticas até a afirmação do discurso científico, abordando o homem primordial na sua relação com a natureza. Porém, em sua transição para o homem moderno, transforma-se em dominador da natureza e do próprio homem, denunciando a tentativa de transformação da razão em racionalidade instrumental. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Adorno e Horkheimer sofrem expressiva influência dos pensamentos de Kant e Hegel, sobretudo na já constituída Teoria Crítica. A própria discussão do conceito de Esclarecimento, sendo fundamentalmente influenciada pela concepção kantiana do mesmo, adquire outra significância em relação ao conhecido conceito iluminista na recepção dos autores. Em Adorno e Horkheimer a relevância está na libertação do estado de ignorância e preconceitos, enquanto para Kant a definição de *Aufklärung* foca no processo de emancipação, vinculado à ruptura com a ignorância pelo esforço de pensar por si próprio, não deixando-se levar pelas intencionalidades hierárquicas ou institucionais (SILVA, 1995).

Adorno e Horkheimer se valem de uma crítica da concepção de esclarecimento de Kant para demonstrar que o indivíduo só se emancipa se estabelece uma relação de não dominação com o mundo. O conceito de *Aufklärung* está relacionado à crítica da menoridade, ou seja, à falta de capacidade de usar o próprio entendimento sem o direcionamento do outro. Segundo Kant, a responsabilidade por essa menoridade deve ser atribuída a si mesmo, uma vez que ela não resulta da falta de capacidade de entendimento, mas da falta de coragem de usar o entendimento sem a tutela do outro (KANT, 1974).

Na abordagem crítica observa-se uma retomada da razão emancipatória, relevante na busca da liberdade e do esclarecimento, tendo este “[...] o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 17), afastando assim o povo dos mitos e substituindo a imaginação pelo saber. A contribuição de Hegel, contudo, se dá pelo modo como os frankfurtianos se valem da dialética e do idealismo hegeliano para realizar uma revisão do pensamento de Marx, enfatizando o aspecto ativo da razão e do idealismo. A constituição desta racionalidade marca o termo *desencantamento do mundo*, designando a libertação do homem da natureza misteriosa. O entendimento ultrapassa a concepção mitológica e procura compreender a paradoxal neutralidade do homem dominador da natureza pela ciência (PUCCI, 1995; SILVA, 1995).

1.1 A CONTRADIÇÃO DO ESCLARECIMENTO

De acordo, com Adorno e Horkheimer (2006) o grande propósito de alcançar o pensamento esclarecido, segundo a proposta do mundo moderno, é livrar o ser humano dos temores do desconhecido, mas também elevá-lo à condição de superioridade. Entretanto, a humanidade se viu assolada pelo signo de uma falsa vitória do esclarecimento, verdadeiramente não alcançada. Na obra *Dialética do esclarecimento*, os autores são enfáticos ao afirmar “o mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por reverter à mitologia.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.11). A fundamentação consiste em compreender quais motivos conduziram a humanidade à barbárie (fruto da desrazão), uma vez que o projeto da *Aufklärung* defendido por Kant, que tinha por objetivo o idealizado Estado universal de direito, não se consolidou (TIBURI, 1995).

É preciso pontuar que os autores apresentam uma percepção conceitual própria para a expressão *Aufklärung* uma vez que, em sua obra, ela não se restringe à noção europeia do século XVIII, presente no movimento iluminista. Com efeito, a expressão alcança um sentido mais amplo, no qual a significância indexa a formação do Eu e da própria civilização. A expressão *Aufklärung*, nativa da língua alemã, foi empregada no final do século XVIII para expressar o movimento iluminista, mas carrega também matizes peculiares que lhe conferem o sentido de *esclarecimento*, sendo este o termo mais próximo na língua portuguesa. Para os frankfurtianos, o esclarecimento apresenta o sentido do movimento humano de “desencantamento do mundo”, tratando-se do processo de livramento dos medos e angústias frente a uma natureza desconhecida que, além disso, é considerada como detentora de poderes ocultos. Portanto, esse processo viria a ser atingido pela racionalização do pensamento advindo da filosofia e da ciência (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Contudo, para os autores, o entendimento do conceito de esclarecimento como proposta de pensamento humano demonstrou na modernidade ser autofágico, visto que tenta abandonar a barbárie sem, no entanto, deixar de mantê-la inerente ao processo. Adorno e Horkheimer ilustram que a barbárie moderna remonta a uma natureza civilizatória tecnocrática. Os instintos de autopreservação revelam, no homem moderno, seu ressentimento destrutivo contra a civilização, pautada na razão calculista (TIBURI, 1995).

Adorno e Horkheimer evidenciam a contradição inerente à *Aufklärung*, posto que ela reproduz aquilo que pretende eliminar. O absolutismo racional deveria libertar o mundo da obscuridade, entretanto, este constitui-se em elemento de poder e dominação, na imposição da razão perante o mito. Poder e conhecimento coadunam-se e criam um mundo de obscuridade (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

A *Aufklärung* se faz mito do mundo secularizado na medida em que é usada a própria estrutura mítica para estabelecer novos moldes de supremacia, também permeados de irracionalidades. O esclarecimento deveria dissolver o mito e libertar o homem das ilusões, através da sabedoria. Segundo Adorno e Horkheimer, o pensamento de Bacon já apresenta indícios do rompimento com os aspectos da filosofia tradicional, apontando para o esclarecimento, ao criticar a inutilidade do pensamento dos antigos e propor o conhecimento como dominação da natureza (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Para os autores, Bacon já havia apontado os princípios das ciências que viriam a se constituir, embasados em um projeto patriarcal de dominação e desencantamento da natureza. A sabedoria converte-se em técnica irrestrita e sem limites, presente em todas as esferas da sociedade, voltada para o domínio e a produção de modo extremamente fiel ao método adotado. Assim sendo, a pretensão dos homens é “[...] aprender da natureza como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 18). Nesse sentido, o pensamento é encaminhado para satisfação da realização de procedimentos eficazes sem nenhuma reflexão ética, voltado completamente para os interesses da economia. O esclarecimento acaba por dissolver a autoconsciência (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Segundo os frankfurtianos, a relação entre poder e conhecimento no pensamento moderno é tão estreita que se confundem. A ciência, como organização de conhecimento, tem a pretensão de melhorar a vida das pessoas pela revelação do desconhecido, eliminando o animismo. Os homens percebem na ciência moderna um novo sentido, que utiliza a fórmula ao invés do conceito, a probabilidade e a regra ganham preponderância frente à causa. A ciência deixa para trás a vida entrelaçada no mítico:

O esclarecimento, porém, reconheceu as antigas potências no legado platônico e aristotélico da metafísica e instaurou um processo contra a pretensão de verdade dos universais acusando-a de superstição (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 19).

O homem, que quer dominar a natureza pela ciência, utiliza como critério a calculabilidade, sendo que, fora desta, tudo lhe parece estranho. Segundo os autores, o esclarecimento é totalitário: ele pretende romper com o mito, mas pressupõe a completa possibilidade matemática e universal de dominação do mundo. Segundo Adorno e Horkheimer, a matemática representa o cânone do esclarecimento, equacionando elementos que contribuíram para a formação da justiça e do pensamento mercantil burguês. Neste sentido, a “[...] sociedade burguesa está dominada pelo equivalente [...]”, o mundo é reduzido a grandezas abstratas. O esclarecimento se opõe ao mito, através do pensamento matemático que percebe neste a intenção de “[...] relatar, dominar, dizer a origem, mas também expor, fixar, explicar [...]”, porém, logo transforma-se em doutrina. O esclarecimento

que procura negar o mítico é obrigado a reconhecer a sua própria existência por meio deste (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 20).

O mito, que já se encontrava sob o signo do poder, apresentava na imposição da força e do terror, pela imaginação, a existência de espíritos e demônios que subjugavam os homens. Esse modelo cedeu lugar à apologia dos deuses do Olimpo e suas hierarquias, que da mesma forma criou uma nova percepção, na qual o homem é visto como imagem e semelhança de Deus, soberano da natureza, mas sujeito às leis divinas. Sendo assim, através desta percepção o “[...] mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objetividade.” O homem que busca progressivamente o poder, passa a alienar tudo aquilo que procura exercer poder e portanto dominar (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 21).

Na figura do líder espiritual, que assume a função de estabelecer a comunicação entre os homens e a divindade celestial, a alienação ganha força pela prática do sacrifício como forma de livrar os homens do castigo do céu. No correr da história, as oferendas adquirem tamanha especificidade que provocam uma nova percepção, que passa a classificar a natureza antes desqualificada. Assim, o processo de substituição do sacrifício abre caminho em direção à lógica discursiva, e a ciência se apresenta com o propósito de findar com a magia. Somente foi possível a substituição do líder espiritual pela técnica industrial mediante a mudança dos pensamentos, quando esses se tornam autônomos diante dos objetos (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

O esclarecimento, que não possui limites, finda com o incomensurável, possibilitando que todo pensamento possa ser dissolvido e, portanto, o próprio homem permanece suscetível ao real conformismo imposto. No conformismo prevalece a indiferença, que não é apenas entre as pessoas, mas também sobre o que elas produzem. Com isso, a pretensão é garantir certa segurança social, estabelecida pela ação igualitária. O pensamento esclarecido, que pretende tornar tudo igual, é o mesmo simpatizante da abstração, que elimina o incontável como meio de coerção social: “[...] A abstração, que é o instrumento do esclarecimento, comporta-se com seus objetos do mesmo modo que o destino, cujo conceito é por ele eliminado, ou seja, ela se comporta como um processo de liquidação.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 24).

Para os autores, a abstração tem origem no distanciamento entre sujeito e objeto. Essa condição é fortemente marcada, no decorrer da história, por uma nova conjuntura social, que se estabelece pela instituição da propriedade fixa. Segundo Adorno e Horkheimer, esse novo modelo de propriedade age como catalisador na divisão entre dominação e trabalho. Essa dissociação, por sua vez, enaltece a nova conjuntura, que tenciona a universalidade dos pensamentos mediante o aperfeiçoamento da lógica discursiva. Na associação da fácil absorção do esclarecimento na prática de construção de conceitos com o aperfeiçoamento da eloquência provoca-se o desencadeamento da relação de dominação, que transpassa o plano da oralidade e ascende à realidade. Nesse sentido, ocorre a substituição da magia por uma suposta unidade consensual capaz de reorganizar o modo de vida das pessoas. Contudo, essa nova organização fundamenta-se no princípio de dominação e de governo (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

1.2 IMBRICAÇÕES ENTRE MITO E ESCLARECIMENTO

O homem da antiguidade foi envolvido pela repressão mítica, amordaçado em seus próprios medos, sujeito ao mundo hostil de criaturas e deuses. Na *Dialética do esclarecimento*, a análise do processo civilizatório ocidental é marcada pela progressiva eliminação da opressão mítica a favor de um indivíduo esclarecido, que fora moldado ao longo da história para alcançar os propósitos da individualidade burguesa (ADORNO; HORKHEIMER, 2006). Para os autores, existe imbricação dialética nos conceitos de mitologia e esclarecimento, fortemente demarcada desde os primórdios das civilizações. O ordenamento civilizatório desvela a presença do esclarecimento na própria constituição mitológica e, além disso, desde o princípio existe a sinalização para a organização instrumentalizada do mundo. As concepções ideológicas objetivam suplantam as necessidades materialistas; a ciência evidencia-se preponderante e paradoxal, na medida que afasta os ditames míticos, outorgando uma nova mitologização (DUARTE, 2004). Assim, as figuras mitológicas constituem elementos do progressivo engendramento da burguesia esclarecida.

Com efeito, no decorrer da história antiga, o ser humano viveu forçado a lutar contra a natureza para garantir sua sobrevivência, e o meio do qual se utilizou foi o desenvolvimento do espírito. Dessa forma, a relação entre mito e esclarecimento é inexorável, e retrata o antigo desejo humano de imposição à

natureza: “[...] todas as figuras míticas podem se reduzir, segundo o esclarecimento, ao mesmo denominador, a saber, ao sujeito” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 19).

Para o homem primordial o mito constituiu a fuga do próprio medo e permitiu encontrar explicações para o mundo. Nesse sentido, o mito se constituiu pelo próprio ato e tentativa de esclarecimento. A grande questão do esclarecimento era transformar os mitos e diluir a imaginação pela sabedoria.

É isso que os autores da *Dialética do esclarecimento* procuram demonstrar por meio da análise da *Odisseia* de Homero, tomada como exemplo dos primórdios da estruturação da dialética do esclarecimento. Na analogia da epopeia são encontrados elementos que, no desenrolar do poema, apresentam certas aproximações com a contemporaneidade. Nessa aproximação, os autores testemunham a relação vincada entre mito e trabalho racional, e como a tradição popular serve de apoio para preservação do mito.

Para Adorno e Horkheimer, o movimento que procura dominar o mito na epopeia, praticado por Ulisses, o herói homérico, acaba por desvelar a própria contradição inerente na relação entre mito e esclarecimento. Os frankfurtianos entendem que o herói reorganiza o discurso e se apropria de uma universalização da linguagem. Dessa forma, Ulisses dissolve a estrutura hierárquica estabelecida pelo mito e impõe-se perante as forças da natureza. Nesse processo, de construção de saber por meio da linguagem, o que se busca é a autoafirmação. Os autores reconhecem essa autoafirmação como um possível paralelo entre Ulisses e o protótipo da racionalidade burguesa, que da mesma forma busca afirmar ideologias proponentes. Os frankfurtianos identificam na epopeia indícios de uma racionalidade que, progressivamente, se organiza e passa a lutar contra o mito. Porém, é o Iluminismo que irá dicotomizar mito e razão, relegando o primeiro a uma condição inferior.

Para Adorno e Horkheimer, a obra de Homero é relevante para a progressiva construção da mentalidade burguesa, dada a importância dos textos homéricos para os românticos que contribuíram com a construção do pensamento burguês. Segundo os autores, a aproximação da epopeia com o romantismo foi identificada já por Nietzsche (2000), o qual relacionou o aspecto contraditório do esclarecimento e da dominação (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Embasados no pensamento de Nietzsche, os frankfurtianos destacaram a preponderância do esclarecimento na arte de governar, quando as massas se sujeitam à dominação mesmo em um processo democrático. Embora o pensamento esclarecido possa parecer progressivo, mesmo em Nietzsche, segundo Adorno e Horkheimer, ele permanece contraditório. Para os autores, há certa ambivalência no pensamento de Nietzsche, na medida em que ele percebia no esclarecimento “[...] o movimento universal do espírito soberano” e, concomitantemente, a “potência hostil à vida” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.48).

Para Adorno e Horkheimer, a contribuição da análise da obra homérica está na demonstração do percurso de fuga das forças míticas. Essa fuga, que é “[...] oposição do ego sobrevivente às múltiplas peripécias do destino exprime a oposição do esclarecimento ao mito”, é percebida como superação, primeiramente de si mesmo e depois das próprias forças míticas. Nessa perspectiva o herói, fisicamente mais fraco diante da potente natureza, somente se constitui ao passo que toma consciência de si (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.49).

O eu consciente de si percebe que não pode prevalecer diante da natureza sem agir com flexibilidade nessa empreitada, entretanto, o processo de enrijecimento do espírito se dá justamente mediante esse movimento suficientemente flexível para possibilitar sobrevivência. Progressivamente, o eu que sobrevive adquire novos conhecimentos, que posteriormente deverão ser utilizados em novos enfrentamentos. Portanto, a rigidez é alcançada pelo processo de oposição. Nesse processo utilizado por Ulisses, que destoa entre flexibilidade e rigidez, outro elemento se acrescenta: o fato do herói se colocar à mercê da aventura alimenta a sua própria astúcia, ao passo que, sucessivamente, logra as forças míticas. No contexto da aventura persiste a todo momento a relação de troca e sacrifício, de acordo com o princípio de equivalência. Nas palavras de Adorno e Horkheimer:

Se a troca é a secularização do sacrifício, o próprio sacrifício já aparece como esquema mágico da troca racional, uma cerimônia organizada pelos homens com o fim de dominar os deuses, que são derrubados exatamente pelo sistema de veneração de que são objetos. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.51).

Contudo, prevalece a astúcia, que se engendra no logro instituído por Ulisses na aventura perante os deuses. Do mesmo modo, os autores relacionam

esse logro como pressuposto que se estendeu nas práticas sacerdotais, visto que estas encontraram pessoas suficientemente humildes para nelas crerem (ADORNO; HORKHEIMER, 2006). De acordo com os frankfurtianos, a prática sacerdotal está fortemente ligada à existência do sacrifício: “Enquanto os indivíduos forem sacrificados, enquanto o sacrifício implicar a oposição entre a coletividade e o indivíduo, a impostura será uma componente objetiva do sacrifício” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.52).

Assim como mito e esclarecimento, a prática sacerdotal e o sacrifício são mutuamente dependentes. Como o sacrifício representa a intencionalidade de reminiscência é possível identificar uma inverdade: se o indivíduo institui o sacrifício como substituição, então é procurada a conciliação com a divindade, porém, é justamente o desvencilhamento dos deuses e da natureza misteriosa que Ulisses institui. Segundo os autores, “[...] a instituição do sacrifício é ela própria a marca de uma catástrofe na história [...]”, pois marca a incumbência da violência que será do homem pelo homem e do homem contra natureza (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.52).

Mesmo assim, o sacrifício viria a ser substituído pela astúcia, pelo desdobramento da inverdade. O sacrifício acaba, portanto, por negar a racionalidade, na medida em que assume um caráter ideológico. Para os frankfurtianos, as ideologias modernas: “[...] são apenas reprises das mais antigas, que se estendem mais além das ideologias anteriores conhecidas quanto mais o desenvolvimento da sociedade de classes desmente as ideologias anteriores sancionadas” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.53).

O movimento que dissolve ideologias encontra na congruência entre irracionalidade e racionalidade o ponto de sutura para a astúcia. Se, por acaso, a astúcia prevalece por causa da irracionalidade, que é a primazia do sacrifício, isto ocorre verdadeiramente ao mesmo tempo em que se dá a racionalidade. O eu que busca a racionalidade, como meio de escapar da natureza desconhecida, acaba por se deparar com a necessidade de opor-se a si mesmo e à natureza. Para os frankfurtianos, no decorrer da história, a relação do eu com o sacrifício é marcada pela “[...] negação da natureza no homem, em vista da dominação sobre a natureza extra-humana e sobre os outros homens” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.53). Nessa negação encontra-se o cerne da racionalidade civilizatória e da irracionalidade mítica, além de ser o elo da dominação externa e interna do homem

e da natureza. Com isso, o ser humano se vê em outros rumos, já que todo o empreendimento de sobrevivência passa a fazer uso do “[...] progresso social, o aumento de suas forças materiais e espirituais, até mesmo a própria consciência – tornam-se nulos, e a entronização do meio como fim, que assume no capitalismo tardio o caráter de um manifesto desvario” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.53-54).

Esse humano, inserido no processo social e no desdobramento histórico que constitui posteriormente a economia capitalista, torna-se mais robusto espiritualmente, dotado de consciência de si, detentor de bens materiais e livre. E assim, se vê em condições de oprimir outros homens, tornando estes vítimas da sua autoconservação. Segundo os frankfurtianos, é justamente no ponto nevrálgico da autoconservação que se tem o exemplo da antirrazão do capitalismo totalitário, este que introduziu como necessidade humana a aquisição objetiva de bens, sinalizando para a nova reorganização da dominação.

Para os autores, o capitalismo cria ilusões nos homens pois, ao mesmo tempo que oferece bens, torna parte desses impossíveis de serem adquiridos, restringindo a satisfação. Nesse sentido, “A história da civilização é a história da introversão do sacrifício. Ou por outra, a história da renúncia” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.54).

A satisfação restringida é renúncia que requer o sacrifício da aceitação de uma condição imposta. Contudo, o sacrifício que transformou-se em subjetividade engendrada pela astúcia, acaba por trazer outra prática: a composição de um aspecto fraudulento na humanidade, na medida em que se funda em uma inverdade. Esse aspecto inerente do próprio sacrifício torna-se elemento constituinte do caráter humano. O aspecto fraudulento, que tem origem na astúcia, é demonstrado na epopeia, no pugilato travado entre Ulisses e as potências míticas, no qual é configurado o rompimento entre o espírito e a força física. O herói homérico, sucessivamente, é apresentado como fisicamente mais fraco diante da potência mítica e, ainda assim, necessita lutar por sua autoconservação. Ao não ser capaz de vencer a luta pela força física, Ulisses reconhece essa fragilidade e faz dela “[...] o pressuposto formal de sua própria decisão racional” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.55).

Adorno e Horkheimer percebem na decisão racional o embasamento do esclarecimento burguês, na medida que este é fruto de um realismo que pondera as

relações de forças. Nessas relações a sociedade se conecta, pois no despertar da consciência revela-se a impotência do homem fisicamente mais fraco, que deve sujeitar-se ao domínio do próprio homem, dentro da sociedade (ADORNO; HORKHEIMER, 2006). O domínio se dá pelo espírito subjetivo, que objetifica a natureza, reivindicando a dominação que a natureza exerce sobre o homem. Trata-se, portanto, de um movimento mimético, no qual o mais forte prevalece diante do mais fraco.

Adorno e Horkheimer percebem que a manutenção da astúcia permanece vinculada à consciência avaliativa nas relações de forças, que coloca em evidência a autoconservação. A astúcia burguesa compreende estas relações como não sendo apenas externas, mas invadem “[...] a interiorização do sacrifício, a renúncia”, sendo preciso temporizar desejos (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.55). Para os frankfurtianos, Ulisses é obrigado a colocar seus desejos de lado, ser paciente, até amputar a proposta de felicidade total, passando a conviver com a ânsia de perdas calculáveis ao longo da aventura. O herói, que faz uso da astúcia, desperta em si o espírito instrumental, embasado primeiramente na calculabilidade e posteriormente na previsibilidade.

Esse espírito, que articula-se com as potências míticas, resigna-se, para possibilitar a instauração do logro. Ulisses, ao se oferecer às potências míticas, estabelece relação mútua de força e impotência. Nesse vínculo, segundo os autores, encontra-se o primado do contrato jurídico: “No mito, cada ponto de ciclo faz reparação ao precedente e ajuda assim a instalar como lei as relações de culpa. É a isso que se opõe Ulisses. O eu representa universalidade racional contra a inevitabilidade do destino” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.56).

Nesse sentido, existe a necessidade de cumprimento do estatuto jurídico, porém, novas cláusulas são acrescentadas e legitimam a astúcia do herói. O episódio do canto das sereias demonstra a astúcia de Ulisses, ao ordenar para a tripulação que passem cera nos ouvidos, enquanto ele próprio permaneceu amarrado ao mastro para que pudesse ouvi-las, sem sofrer o castigo. Os autores percebem o refúgio, estabelecido na dissolução do contrato por meio de uma interpretação literal da lei e do reordenamento da linguagem. Assim, a determinação da lei possibilita uma nova interpretação, de modo que a astúcia do intérprete passa a exercer poder sobre a coisa. As expressões e intencionalidades se articulam nas

relações que, pela palavra, querem modificar a coisa (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Contudo, eis que surge a consciência da intencionalidade, que reconhece o dualismo na linguagem e percebe na palavra a possibilidade de exercer certo distanciamento do conteúdo que completa cada caso. Para os frankfurtianos, este distanciamento representa o formalismo burguês, que procura dar nomes e estabelecer estatutos a partir do mítico. Nesses termos existem os elementos condutores da indiferença burguesa, provenientes da mesma abstração da natureza, estimulada pela autoconservação. Sucessivamente, a autoconservação requer o uso da astúcia, que busca na adaptação da linguagem o esquema não apenas do que está vivo, mas também das coisas mortas, como é o caso da matemática moderna.

Na percepção de Adorno e Horkheimer o pensamento matemático, a astúcia, o cumprimento do contrato e o logro são elementos que constituíram o processo que levou ao modelo econômico moderno. Nele, o objetivo é alcançar o excedente, por meio da diferença entre o valor do que se produz e o valor recebido de um bem. O *ratio* se estabeleceu como lucro dentro do sistema capitalista que superou o modelo anterior, o feudalismo, que utilizava como critério mercadológico e, portanto, como moeda, a troca de mercadorias. De acordo como os autores, a racionalidade burguesa assimilou a irracionalidade contida no *ratio* pela segmentação da astúcia (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Na aventura homérica, Ulisses é forçado a praticar o logro para não ser consumido pelas forças míticas. O herói acaba por assumir o próprio risco letal de sua existência e, não por acaso, é justamente o conceito de risco que a racionalidade burguesa utiliza como justificativa moral, legitimadora do lucro. Assim, na sociedade burguesa, a legitimação do lucro fortaleceu-se à medida que a humanidade adentra o processo de socialização universal. Para Adorno e Horkheimer, esse processo se deu de forma radical e, portanto, conduziu a humanidade à alienação também de forma radical (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

1.3 RAZÃO INSTRUMENTAL, DOMINAÇÃO DA NATUREZA E AUTOCONSERVAÇÃO

Para Adorno e Horkheimer, o desenvolvimento da linguagem superou a representatividade de um sistema de signos, produzindo conceitos distintos que possibilitaram a perspectiva positivista do esclarecimento. A linguagem matemática converte o desconhecido em uma incógnita de uma equação e, progressivamente, o mundo é envolto em teoremas que atacam de forma consistente os mistérios da natureza, ato precursor da sua dominação: “O pensar reifica-se num processo automático e autônomo, emulando a máquina que ele próprio produz para que ela possa finalmente substituí-lo” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.33).

Nesse sentido, o esclarecimento nega o exercício do pensamento como autorreflexivo, desviando sua função exclusivamente para a práxis. O pensamento é reificado, instrumentalizado, convertendo-se em exercício permanentemente mimético, no qual apenas os fatos instantâneos ganham relevância, sem os quais não há sentido colocar-se a questionar. Observa-se que “O procedimento matemático tornou-se, por assim dizer, o ritual do pensamento” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.33).

O surgimento da ciência, portanto, constituiu-se pelo engendramento do pensamento sistemático, afastando o mítico, a religiosidade e a arte, pois estas não seriam consideradas verdadeiramente conhecimento, mas movimentos sociais. A ciência tem interesse em dominar a natureza, não tem pretensão de mover-se numa crítica da razão, e o ser humano é levado a sistematizar seu pensamento diante de si mesmo e das coisas (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Esse pensamento, por sua vez, torna-se elemento do próprio processo que domina ambos: “O que aparece como triunfo da racionalidade objetiva, a submissão de todo ente ao formalismo lógico, tem por preço a subordinação obediente da razão ao imediatamente dado” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.34). Porém, o pensamento já não compreende mais a origem do dado, não relaciona este com o conceito, não articula os sentidos sociais e históricos, e enaltece a própria regressão do esclarecimento. Adorno e Horkheimer percebem essa regressão como o retorno a uma mitologia, e a humanidade, de fato, nunca se libertou. O retorno moderno ao mito, portanto, é uma constatação da falibilidade do projeto civilizatório do esclarecimento (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Para os frankfurtianos, a dominação se estendeu muito além da “alienação dos homens com relação aos objetos dominados”, invadindo o pensamento reificado como um germe, corrompendo as relações humanas e a própria relação do eu consigo mesmo (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.35). O ser humano passa a ser reconhecido como o resultado de suas ações objetivas, inerente ao sistema econômico.

Esse homem é o mediador da relação de produção e consumo de mercadorias, relação esta que, ao se desencadear, mantém o estímulo de novas formas de comportamentos humanos. Na medida que há expansão da relação comercial, os produtos passam a ser mensurados monetariamente pelo seu valor objetivo, restando apenas o caráter de fetiche como aspecto subjetivo. Segundo os autores, essa concepção de relação se enraizou na sociedade. As engrenagens da economia adotam a produção de bens em massa, assim como a cultura, da mesma forma, entra em uma linha de montagem. Para tanto, é preciso inculcar ideologias no humano, que procuram a todo instante normatizar o comportamento e a racionalidade (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

De acordo com Adorno e Horkheimer, o homem é instrumento do sistema, peça de uma coletividade; sua manifestação restringe-se às concepções religiosas e da autoconservação. Esse homem, que se constitui como sujeito elevado espiritualmente em prol dessas concepções, se faz transcendental, envolvido no seu pensamento lógico. A autoconservação está relacionada ao trabalho social e à representatividade do indivíduo como trabalhador inserido na economia burguesa, tendo por finalidade servir de instrumento de retorno do capital e produzir o excedente. Neste sentido “[...] quanto mais o processo de autoconservação é assegurado pela divisão burguesa do trabalho, tanto mais ele força a autoconservação dos indivíduos, que têm de se formar no corpo e na alma segundo a aparelhagem técnica” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.36).

O capitalismo coloca todos os trabalhadores à sua sombra, tanto o mecanicista quanto o transcendental: o primeiro tem suas ações embasadas na práxis e recepção de ordens; o segundo age em conformidade com o pensamento lógico, referência para a razão. Com persistência, o capitalismo procura que todos sigam seus ditames comerciais, entretanto, ele próprio tem a necessidade de consolidar tais ditames. Com essa finalidade, o pensamento esclarecido buscou na subjetividade o pertencimento, para criar a lógica das regras do jogo econômico. A

economia é o instrumento universal do capitalismo, que estimula a produção de bens e, portanto, tem seu fim preestabelecido. Desse modo, sua consolidação é instituída sobre leis que respeitam o critério lógico de sua elaboração, assim como o “caráter coercitivo da autoconservação” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.37). O trabalhador, que não tem escolha, se vê obrigado à submissão para garantir sua sobrevivência, permanecendo subordinado aos interesses da sociedade que, eventualmente, se equiparam aos do sujeito.

O sujeito que imergiu nos processos técnicos, reificado em si mesmo, derramou sua consciência, tornando-se incapaz de transpor o tabu que o próprio esclarecimento criou. Se nos tempos míticos o homem almeja fugir da opressão da natureza hostil, na modernidade a angústia ganha nova roupagem. O processo civilizatório torna-se a própria prisão e fonte de angústias do sujeito (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Na angústia da autoconservação o sujeito é obrigado a consolidar a perpetuação de sua prisão, como forma de garantir a segurança e preservar a sobrevivência. Ainda que a autoconservação imponha a submissão ao sistema capitalista, este possui outra face, da qual se valem aqueles que herdaram o título de mentores da produção e que, de forma categórica, passam a oprimir os deserdados. Em suma a “[...] essência do esclarecimento é a alternativa que torna inevitável a dominação”, portanto, o eu sempre permanece à luz de dominar a natureza ou ser dominado pelos homens (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.38). Com o progresso da economia burguesa, a razão baseada no pensamento matemático, que se instrumentaliza, sinaliza para uma nova forma de barbárie, engajada na dominação humana.

Adorno e Horkheimer percebem que, desde os tempos pretéritos, o homem já pratica a renúncia da felicidade a favor da obstinação pelo poder. Na epopeia, Ulisses permaneceu amarrado ao mastro em troca de contemplar o canto das sereias. A sociedade burguesa, do mesmo modo, renega a própria felicidade a favor da expansão de seu poderio, obstinando-se ao procurar preservar o sistema que o instituiu na vanguarda social. Pelo lado mítico, o pagamento pela astúcia do herói é permanecer imóvel, extasiado pelo canto, porém a salvo; pelo lado do esclarecimento é a vigilância permanente que contribui para a preservação da dominação. Os frankfurtianos retratam que a dominação social impera nas relações

humanas, por possuir correlação estreita com a cultura e o trabalho comandado (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

O sujeito é suscetível à dominação social, na medida em que lhe é imposta a necessidade de trabalhar sem que haja emprego minimamente aceitável, ou quando simplesmente não há emprego. A mutilação do sujeito perdura quando ele é obrigado à submissão incondicional. Com a divisão do trabalho na modernidade acentuou-se a distinção entre habilidades e conhecimentos. Além disso, mesmo como os avanços da técnica, a humanidade de fato não progrediu na extirpação da dominação. O pensamento dominador sempre esteve presente no decorrer da história, e mesmo na modernidade prevalece como repressão para a humanidade, “[...] forçada a regredir a estágios antropológicamente mais primitivos” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.40).

Adorno e Horkheimer percebem que progresso e dominação perpetuam uma maldição da humanidade, irrefreável e regressiva, que não se limitam à experiência sensível. O intelectual, apartado do sensível com o propósito de se impor diante deste, remodelou o sujeito por dicotomia, empobrecendo o pensamento e o espírito, e tornando-os suscetíveis ao sistema econômico. O sujeito imaturo acaba por alimentar a hipermaturidade da sociedade: “Quanto mais complicada e mais refinada a aparelhagem social, econômica e científica, para cujo manejo o corpo já há muito foi ajustado pelo sistema de produção, tanto mais empobrecidas as vivências de que ele é capaz” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.41).

A limitação das experiências sensitivas do sujeito é fruto do pensamento instrumentalizado, cultivado no trabalho racional, que preserva a ação sistemática oriunda das fórmulas científicas. As experiências dos sujeitos, encadeadas na coletividade social, reproduzem uma regressão em massa do pensamento, à medida em que estes tornam-se incapazes de realizar por si mesmos o discernimento da realidade na qual estão inseridos. Os sujeitos coisificados são genéricos, produtos numa linha de montagem, idênticos uns aos outros, confinados na coletividade e governados pela coerção social. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

O conformismo delegado ao sujeito pelo coerção social é sustentado muito mais pelas condições de trabalho do que pelas “influências conscientes” que obstruem a verdade. “No trajeto da mitologia à logística, o pensamento perdeu o elemento da reflexão em si mesmo, e hoje a maquinaria mutila os homens mesmo quando os alimenta” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.42).

Adorno e Horkheimer denunciam o próprio sistema capitalista como precursor do aumento desenfreado do poder dos homens, uma vez que esse homem ascende à dominação da natureza mas declina em relação a si próprio. Se a voracidade humana pelo poder é inerente ao próprio homem então, de fato, a humanidade permanece diante de um aparente esclarecimento, que deve se dividir à luz da dominação entre quem comanda e quem obedece (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Contudo, a humanidade, desde o princípio do processo civilizatório, vem renovando os ditames da dominação ao mesmo tempo em que reestabelece novos abrandamentos para esta, retroalimentando o sistema. Para os autores, o abrandamento da dominação representa a própria retomada da consciência do pensamento que está atrelado à economia, já que, por meio desta, se criou o grande abismo das desigualdades que separou abastados e não-abastados (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

O pensamento de Adorno e Horkheimer aponta que o esclarecimento, de modo geral, se opõe à dominação. Entretanto, na medida que este obstrui a formação de conceitos, seja em nome do progresso seja da cultura, favorece a consolidação da mentira e a ocultação da verdade. Ao não exercitar o pensamento reflexivo a sociedade moderna torna a verdade indistinguível, já que procura apenas verificar o que já está dado. Esse procedimento torna o pensamento contraditório antiquado, constituindo uma perda do patrimônio cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Para os frankfurtianos, o esclarecimento abriu mão do seu maior triunfo, o de livrar os homens do desconhecido. Em vez disso, seguiu pelo caminho de “[...] disciplinar tudo o que é único e individual, ele permitiu que o todo não compreendido se voltasse, enquanto dominação das coisas, contra o ser e a consciência dos homens” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.45). De todo modo, essa ação tão somente é possível na medida que a sociedade permanece imersa num ofuscamento, com pensamentos enrijecidos. O esclarecimento, que tanto se adaptou e contribuiu ao longo do percurso da humanidade, revela uma faceta destrutiva, convertendo-se a favor do imediato no processo de mistificação das massas (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

1.4 RACIONALIDADE INSTRUMENTAL E EDUCAÇÃO

O imediatismo, travestido de esclarecimento e libertação, apresenta-se de forma clara na arena educacional, onde imensos grupos humanos acedem a uma lógica produtivista e acumuladora na aquisição do saber. Os desafios da educação nos dias hodiernos perpassam as salas de aulas e invadem a sociedade como um todo, contribuindo direta e indiretamente para a nossa crise atual.

As raízes são profundas, e parte das dificuldades estão relacionadas às próprias transformações do ensino no decorrer dos séculos, sobretudo, a partir da Revolução Industrial. Nesse período, a racionalidade humana sofreu uma profunda transformação, que não cessou e avançou no tempo numa escala global até os dias atuais. A alta demanda por mão-de-obra nos primeiros centros urbanos no século XIX, oriunda do surgimento das primeiras fábricas, estimulou o surgimento da classe trabalhadora. Os principais ofícios praticados pelos trabalhadores no período são decorrentes das linhas de montagens fabris, que transformam o trabalho em uma repetição física sem necessidade de pensamento crítico.

Essa relação entre trabalho mecânico e criticidade é nuclear para Adorno e Horkheimer, demonstrando o conceito de racionalidade instrumental e a trajetória até o pensamento reificado. Como vimos, o escopo dos frankfurtianos revela que o advento da ciência não libertou a humanidade do mito, mas que este apenas tomou novas formas a partir da modernidade. O revés ocorre, sobretudo, com a ascensão do pensamento matemático. Ao se tornar o cânone da racionalidade instrumental, o mundo é envolto em variáveis e teoremas abstratos, com a finalidade de classificar e alcançar o máximo de controle e previsibilidade.

A calculabilidade fornece ao ser humano uma espiritualidade voltada para uma práxis imediatista, valorizando mais os resultados e desprezando os meios. O fordismo⁶ é um bom exemplo de aplicação da racionalidade instrumental no universo do trabalho, uma vez que pretende realizar ao máximo o controle do espaço físico e do tempo dos trabalhadores na fábrica automobilística. Henry Ford⁷ introduziu o registro do ponto e estipulou o tempo a ser gasto em cada etapa do processo de produção, otimizando a linha de montagem. As ideias de Ford caminhavam na

⁶ Sistema de produção em massa, criado por Henry Ford, baseado numa linha de montagem que facilita a logística e reduz o tempo de finalização do automóvel.

⁷ Empresário estadunidense fundador da Ford Motor Company.

direção de uma racionalidade de aprimoramento, visando à melhor organização da fábrica e aproveitamento logístico (PAIVA NETO; LIMA; ALMEIDA, 2019). Nesse contexto, o ser humano é percebido como instrumento do processo produtivo. Seu valor de barganha é equiparável à própria técnica que desenvolveu:

O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.100).

Alienado pelo sistema social, no qual o trabalho e o consumo fornecem o ritmo da vida, pouco resta ao ser humano além de garantir sua própria sobrevivência. O pensamento reificado reduz a reflexão crítica, não reconhecendo sua importância e não encontrando estímulo para buscar algo distinto do que lhe é oferecido.

Desde a modernidade até a contemporaneidade, os mesmos mecanismos reificadores permanecem inerentes à sociedade. Ainda que a temporalidade conceda desdobramentos e aprimoramentos, o imperativo da dominação permanece. A supervalorização da técnica estimulou uma “formação instrumental” que é justificada como o único modo de garantir a sobrevivência humana. O louvável desenvolvimento da técnica, que visa à elevação da produtividade, não conduziu à ascensão espiritual no mesmo ritmo de progresso. Pelo contrário, com o aumento das desigualdades sociais e econômicas e o aprofundamento do processo de reificação, o pensamento crítico torna-se cada vez mais escasso.

Essa disparidade ainda se faz presente, em grande medida, devido à necessidade do proletário vender o único bem que possui para garantir sua sobrevivência, sua mão de obra. Esse condicionamento não proporciona outra alternativa além da submissão ao trabalho que enalteça uma formação instrumentalizada, não apenas no ofício, mas também como forma de espiritualidade.

A formação instrumentalizada relaciona-se diretamente ao que Adorno chama de semiformação. Este aspecto será melhor desenvolvido no capítulo 3, mas é importante aqui discorrer algumas linhas sobre essa relação. A racionalidade instrumental tende a movimentar-se linearmente no campo das ideias, semelhantemente à semiformação. Com algumas nuances, o pensamento

semiformado não se restringe às concepções práticas decorrentes do ofício, mas adentra no ser ontológico.

Na lógica capitalista, o ser humano é envolto no fetichismo mercadológico, no desejo de consumir bens. A capacidade de consumir determina o espaço de pertencimento em uma relação pertinente, na qual ora se é consumidor, ora se é produtor. No emaranhado social essa relação é crucial e determina a vida, na qual a consciência humana está suscetível a dominações e adesões ideológicas. A venda de sua força de trabalho não é apenas uma barganha por baixos salários, também é a entrega da capacidade de desenvolvimento do pensamento crítico em troca de um pensamento imediatamente dado.

Paulatinamente, a educação vem sendo absorvida desde a modernidade pelo processo de semiformação. A formação de sentido integral, que permite uma visão abrangente da realidade e do mundo, é deixada de lado para ceder lugar a uma educação de caráter específico. A formação universal é deslocada para a instrumentalização, que acaba se convertendo em semiformação como modelo de uma educação que atende a fins específicos.

O deslocamento da racionalidade universal para a instrumental é nevrálgico na crítica de Adorno e Horkheimer, especialmente na emblemática frase: “A exigência que Auschwitz não se repita é primeira de todas para a educação” (ADORNO, 1995, p.119), ressaltando o empreendimento educacional no seu caráter civilizatório e humanista, como primeira linha de defesa contra a repetição de atrocidades como o Holocausto. As observações de Adorno evidenciam o lado sofrido e as consequências do desprendimento de uma racionalidade capaz de conter a violência oculta no ser humano.

Assim como na modernidade, o conceito de *Bildung* é repensado como formação humana, no sentido universal e idealizador do projeto civilizatório. Na contemporaneidade, porém, ele ressurgiu, evidentemente maquiado de universalidade. A partir da criação da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE, surge outro apelo cultural mundial, marcado pela ideia de profissionalização da formação. No capítulo 4 será melhor desenvolvido este aspecto. A proposta é estimular a racionalidade de instrumentalização para promover o desenvolvimento econômico mundial, preparando o ser humano para o mercado de trabalho, profissionalizando-o. Essa lógica, que movimenta a produtividade e o consumo, segue na contramão de uma

educação imanente, aquela que valoriza o espírito humano e difere de percebê-lo apenas como instrumento do capitalismo.

Esse deslocamento da racionalidade universal para a instrumental na modernidade culmina com o direcionamento da formação para uma educação instrumental na contemporaneidade. O mesmo mecanismo reverbera nas recomendações da OCDE, oriundas do pensamento neoliberal. As proposições, de escala global, são veementes quanto às implementações de novas tecnologias, além do empreendedorismo e inovação. O que fica encoberto no vistoso discurso idealista das proposições da OCDE é o quão distante são as extremidades das desigualdades sociais e econômicas mundiais entre os mais ricos e os mais pobres. Essa disparidade é um desafio que não parece ser devidamente atacado dentro das políticas educacionais mundiais, tornando-se uma questão sensível à dominação intelectual.

2 PROCESSOS DE FORMAÇÃO CULTURAL

2.1 INDUSTRIALIZAÇÃO E INDÚSTRIA CULTURAL

Como já apresentado no primeiro capítulo desta dissertação, a Escola de Frankfurt se estrutura sobre um tripé que contém o materialismo interdisciplinar, a crítica da razão moderna e a retomada da ideia de ciência social crítica. Embora a crítica da indústria cultural esteja mergulhada na ciência social crítica, verdadeiramente, sua origem encontra-se na crítica da razão moderna (RÜDIGER, 2004). Antes do término da II Guerra Mundial os autores da Escola de Frankfurt já se manifestaram, ao concluírem que a sociedade moderna havia entrado em colapso, o Estado Liberal fora dissolvido e o socialismo tendia ao totalitarismo. O grande ponto para Adorno e Horkheimer era desvelar, dentro do movimento histórico, em qual momento este colapso se constituiu no processo civilizatório (RÜDIGER, 2004).

O colapso apresenta fortes vínculos com o impulso do capitalismo, quando a razão instrumental torna-se o único paradigma da sociedade e a crise da cultura provém das narrativas mitológicas no engendramento da razão instrumental. Se antes a economia transmitia a ideia de livre iniciativa, a massificação da sociedade industrial reforçou o sentido competitivo, principalmente na esfera corporativa, favorecendo o desenvolvimento de um Estado intervencionista. Em tal contexto, a expressão “indústria cultural” é criada por Adorno e Horkheimer para representar a virada estrutural da sociedade moderna na transição do século XIX para o XX. (RÜDIGER, 2004).

A organização social adquire um novo elemento, que se integra ao sistema mercadológico e que se insere no sistema técnico-administrativo. A exuberância burguesa fora golpeada e, ainda que de forma precoce, se instaura uma cultura massificada, advinda de uma cultura popular industrial. Cultura e economia se entrelaçam e, com isso, qualquer tentativa de compreensão do fato social sem ambos os componentes torna-se inviável (RÜDIGER, 2004).

Sendo assim “Horkheimer e Adorno usam o termo indústria cultural para referirem-se, de maneira geral, às indústrias interessadas na produção em massa de bens culturais” (THOMPSON, 1995, p. 135). No entanto, o termo *indústria cultural* requer uma melhor especificação a partir da percepção dos autores, e não deve ser

entendido como as empresas produtoras de bens e serviços, ou tampouco como os meios de propagação de bens culturais. Na verdade, trata-se da movimentação histórico-universal que representa a mudança do modo de vida do indivíduo impulsionado pelo consumo mercadológico, tal como já haviam mencionado Marx e Engels, e segundo a interpretação de Adorno. A contribuição de Adorno e Horkheimer consiste em demonstrar como, nesse processo, a cultura também é transformada em mercadoria (RÜDIGER, 2004).

O fundamental aqui é o processo social que transforma a cultura em bem de consumo. O esquema, e não a coisa. Os empreendimentos culturais e os conglomerados multimídia são um momento do processo, e não a sua totalidade. O capitalismo não se confunde com as soma das indústrias que abastecem o mercado, tratando-se antes de uma relação social, cuja dinâmica condiciona toda a sociedade (RÜDIGER, 2004, p. 28).

Já no início do século XX a obra de arte passa a ser produzida com o intuito de adaptação aos gostos de consumo e, com isso, as técnicas de produção começam a caracterizar a sistematização. Com o advento da publicidade os elementos se justapõem e, na máquina publicitária⁸, “[...] o mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 104).

Se, a princípio, a cultura possui especificidades que dificultam torná-la meramente produto de consumo formal e utilitário (visto que a expressão cultural possui um conteúdo em si mesma), com o desenvolvimento das técnicas da indústria cultural cada vez mais a cultura foi se tornando semelhante a qualquer outro produto que necessita cativar o consumidor. O sujeito é submetido às estratégias publicitárias e passa a existir certa dependência, o que acaba por fidelizar o consumo (RÜDIGER, 2004).

2.2 PADRONIZAÇÃO E ALIENAÇÃO

Para Adorno e Horkheimer, a grande questão envolvida na compreensão da cultura contemporânea está na objetividade instrumental, que procura conferir a tudo um aspecto sistêmico e padronizado. O próprio cotidiano da vida é estruturado dentro da lógica de que o sujeito deve se encaixar com coerência nos moldes do

⁸ A obra de arte é capturada pela força do capitalismo, a representatividade do dinheiro torna-se mais relevante e por isso a arte entra numa linha de produção. Os gostos devem ser induzidos e preservados como metas a serem atingidas.

sistema, que tende a padronizar a tudo na conformidade dos ditames mercantis do capitalismo. Das fazendas até os grandes centros urbanos, o mercado e a produtividade permanecem intricadamente ligados ao modo de vida da sociedade e, portanto, não só o comportamento, mas as conexões sociais são fundamentais para constituir esse modelo sociocultural. Com a difusão dos meios de comunicação, impulsionada pela necessidade de negociar, as informações, tendências e opiniões chegam de forma cada vez mais acelerada ao sujeito. Os grandes centros urbanos, efervescentes de atividades comerciais, tornam-se espaços de confinamento humano que crescem de forma desenfreada ao ritmo da submissão ao poder do capital (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

O capitalismo – que detém em suas bases as relações humanas nas quais as pessoas por vezes são produtores, por outra, são consumidores, e, além disso, buscam permanentemente realizar seus desejos – é o fermento do sistema e desse modelo de sociedade. A consistência da vida social é arrastada para uma falsa identidade do universal e do particular, pois a cultura segue os conceitos estabelecidos pelo poder de grandes corporações, que procuram editar padrões preestabelecidos em conformidade com seus interesses.

Para os frankfurtianos, tanto o cinema como o rádio (e, por conseguinte, as demais mídias ainda inexistentes na época em que a obra fora escrita, tais como a televisão, a internet etc.) se afastaram de seu principal propósito, que seria o de levar arte às pessoas e, além disso, usaram a sua representatividade para conferir o aspecto ideológico, com um propósito predominantemente comercial. Esse mesmo ponto é revisitado por Adorno em uma das várias entrevistas que concedeu juntamente com o professor Becker nos encontros promovidos pela rádio de Hessen. O debate propunha tratar acerca da Educação a partir da divisão de Educação e Cultura. As questões levantadas priorizaram a problemática da realidade educacional da Alemanha (ADORNO, 1995).

Na ocasião do debate foi levantada a questão da possibilidade de influência da televisão na formação de adultos, a partir do argumento de que ela poderia ser prejudicial na formação do ser humano, afastando-o do propósito formativo. O argumento tem como fundamento o fato de a televisão ser um meio de comunicação de massas. Nesse sentido, Adorno chama a atenção em primeira mão para o duplo caráter da ideia de formação, ao retratar que por um lado ela fornece contribuição pedagógica em seu fim, por apresentar programação de conteúdo que visa à

formação do ser humano por meio da instrução e, por outro lado, o autor alerta sobre sua ação deformativa, na medida em que a consciência é prejudicada ao ser levada a crer que o tempo em frente à tela corresponde a aprendizado. Além disso, não considerar o uso desse tempo como possibilidade para outros e melhores meios de aprendizagem é um erro.

Adorno reconhece a potencialidade da televisão no sentido de transmissão de informação para certo esclarecimento. Nesse sentido, para ele, é preponderante a reflexão que ensina o ser humano a usufruir dessa transmissão de informação (ADORNO, 1995). Entretanto, é notório que tal mecanismo somente é possível na medida em que a lógica da produtividade permanece ideologicamente associada a uma necessidade real do consumidor e, portanto, são aceitos de forma passional. Nas palavras de Adorno e Horkheimer, a sociedade vive em um:

[...] círculo da manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa. O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 100).

Nesse sentido, o sujeito permanece preso à sua própria racionalidade instrumentalizada, sendo esta o elemento preponderante no processo de dominação e alienação da sociedade. Pucci (1995) reitera que essa racionalidade se reflete em uma negação do próprio aspecto emancipatório do sujeito, o qual abdica do pensamento. À medida que a ação de pensar o pensamento é afastada do ser humano, a dúvida e a crítica são elementos que tendem a ser erradicados. Pucci considera que o conhecimento movimenta-se em direção à identificação do que esse ser humano previamente reconhece, deixando de lado a possibilidade de apreender o desconhecido.

Segundo Nadja Hermann Prestes (1995), a educação é preponderante nesse processo, uma vez que ela é responsável por estabelecer a relação entre o ser humano e o mundo. A partir da crítica da razão estabelecida por Horkheimer, a autora afirma que a prática pedagógica que resulta do desenvolvimento do positivismo da modernidade é uma “razão formalizada”. Esse tipo de racionalidade produz tendências erráticas que afetam todas as esferas sociais. Nesse sentido, a prática pedagógica estimula fundamentalmente o processo de coletar e classificar

dados sedimentados que pouco estabelecem conexões entre si, desestimulando uma compreensão de conjunto da realidade.

A classificação, a fragmentação do saber, a desvinculação com uma verdade universal e o atrelamento ao chamado “interesse pessoal” (no caso, o interesse de grupos sociais) presentes nos processos educacionais, revelam a lógica do positivismo (PRESTES, 1995, p. 97).

Assim, voltando a Adorno e Horkheimer, paralelamente à inviabilização do conhecimento e da criticidade a partir da racionalidade utilitária, a alienação se estabelece à medida que bens e produtos são classificados como aspecto nivelador do sujeito, da mesma forma como ele é classificado de acordo com o padrão cultural imposto. Essa classificação priva uns em nome de outros e, portanto, mantém o controle e a injustiça social (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Para os autores, os meios de comunicação em massa têm um papel determinante no processo de alienação, influenciando o comportamento social⁹. A própria pretensão de uma ilustração da sociedade, fornecida pela comunicação em massa, seja tomada como exemplo pedagógico para resolução de problemas técnicos ou de cunho pessoal, revela o processo de alienação decorrente. O que escapa da realidade apresentada é a obscuridade das relações de poder, movimentada pelo engendramento econômico minuciosamente ajustado ao consumo e à diferenciação técnica do sujeito.

Segundo Thompson (1995), recordando o pensamento de Max Weber, o ser humano outrora vivia na prisão da racionalidade burocrata, agora esta converteu-se na prisão do sistema inculcado pela indústria cultural. A vida é condicionada a aspectos objetivos e idênticos, propostos pelo mercantilismo. Este, por sua vez, desestimula a imaginação e o pensamento crítico, obstruindo a individualidade e a própria autonomia do ser humano.

Sendo assim, observa-se que a indústria cultural disponibiliza diferentes conteúdos intelectuais com preços distintos para que, desde a origem destes produtos e seu consumo, já seja realizada a classificação e a organização de cunho estatístico dos consumidores¹⁰ (ADORNO; HORKHEIMER, 2006). O consumidor,

⁹ Embora, Ohne Leitbild (COHN, 1994, p. 93) considere que a comunicação de massa não se refere aos meios ou tecnologias abrangentes de propor a comunicação, mas ao espírito persuasivo que procura insuflar o ser humano.

¹⁰ Esse ponto é reiterado por Adorno no diálogo com Becker, em um debate transmitido pela Rádio de Hessen na Alemanha em 1 de junho de 1963 e intitulado “Televisão e formação”, ao afirmar que a

que não tem como escapar da economia vigente, é submetido à hierarquia da qualidade, tanto do bem cultural quanto do material. Em outras palavras, tudo é produzido em conformidade com os níveis previamente classificados de disponibilidade financeira e intelectual do sujeito (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Para Adorno e Horkheimer, a indústria cultural utiliza meios técnicos, progressivamente padronizados, para aproximar consumidores e produtos. As palavras, imagens e sons seguem a lógica da harmonização, e o objetivo é sensibilizar e, portanto, constituir outra realidade, ilusória, mas que deve ser integrada à realidade social. Em *Televisão e Formação* – capítulo constante do livro *Educação e Emancipação* (ADORNO, 1995) – Adorno, Kadelbach e Becker debatem o embuste, que se dá a partir de uma proposta de harmonização que não ocorre às claras, uma vez que “[...] o contrabando ideológico se realiza sem ser percebido, de modo que as pessoas absorvem a harmonização oferecida sem ao menos se dar conta do que lhes acontece” (ADORNO, 1995, p.86).

Ainda na *Dialética do esclarecimento*, Adorno e Horkheimer já reconheciam nesse processo “o triunfo do capital investido”, representado pela indústria cultural que não possui limites, invadindo até mesmo os momentos de lazer do sujeito, procurando induzir seu comportamento a todo instante e impondo-lhe a lógica da produção (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.102). Zuin (1998) reitera que essa invasão da indústria cultural na vida do ser humano é necessária para replicar o sistema. Para a indústria cultural o fundamental é que esse ser humano “[...] desenvolva uma forma de pensar e sentir, nas suas relações afetivas e de lazer, que seja compatível com a forma como trabalha” (ZUIN, 1998, p.126). Esse elemento reforça a lógica da produção. Rüdiger (2004), por sua vez, cita como exemplo desse máximo desenvolvimento da indústria cultural a indústria cinematográfica estadunidense, que gerou uma gama de produtos para consumo:

[...] desenhos animados, brinquedos e filmes, passa pelo uso de suas figuras em lanches rápidos, camisetas, bolas e outros produtos de consumo, e desemboca nas matérias editoriais em jornais e revistas,

comunicação de massa induz o consumidor a ser leviano em suas escolhas e que estas, aparentemente feitas com liberdade, reproduzem modelos já estabelecidos. Além disso, esse tipo de comunicação afasta qualquer aptidão do ser humano à criticidade e, portanto, aprofunda a perda da [...] capacidade de desmascarar ideologias” (ADORNO, 1995, p. 79). No texto, o frankfurtiano salienta que a concepção de ideologia está relacionada à ideia e “[...] tentativa de incutir nas pessoas uma falsa consciência e um ocultamento da realidade”, procurando assim “(...) impor às pessoas um conjunto de valores como se fossem dogmaticamente positivos” (ADORNO, 1995, p. 80).

reportagens ilustradas e músicas populares, além do próprio negócio da publicidade. (RÜDIGER, 2004, p. 24).

No meio jornalístico a lógica se articula na conservação de um público leitor que esteja permanentemente em busca de informações e, por isso, da mesma forma, deve ser cativado por um conteúdo que seja atrativo. Desse modo, o processo de formação de opinião é transformado em mercadoria, visto que a constituição de ideias já chega ao leitor carregada de ideologias que visam à orientação e ao consumo (RÜDIGER, 2004).

Assim, com o desenvolvimento dos meios de comunicação em massa, o jornalismo passou cada vez mais a explorar os potenciais mercadológicos da indústria cultural, fornecendo espaço à publicidade e percebendo a vasta abrangência de apresentação de bens para comercialização. As matérias jornalísticas – até então consideradas de relevância pública – cedem lugar aos interesses particulares, estruturados pela expansão dos negócios que constituíram grandes empresas e conglomerados que se apresentam à sociedade na forma de entretenimento. O conteúdo passa a priorizar a necessidade de ser agradável, de fácil compreensão e instantâneo, assim o leitor abstrai a própria razão em favor do imediatismo (RÜDIGER, 2004).

Os frankfurtianos percebem o esquematismo circunscrito na sociedade, que se afasta da sensibilidade de conceitos fundamentais para avançar em direção ao imediatismo, que procura ajustar-se aos desejos e à razão do consumidor. Duarte (2004) destaca que o esquematismo referenciado pelos autores tem inspiração na *Crítica da razão pura*, de Kant, na medida em que este estabelece uma ponte conectiva do íntimo do ser humano com os conceitos pré-estabelecidos socialmente e que se consolidam em conhecimento. Contudo, o idealismo realizado pela indústria vai além do idealismo ensejado por Kant, atingindo o âmago do anseio onírico do consumidor. Nas palavras de Adorno e Horkheimer: “Para o consumidor, não há mais nada a classificar que não tenha sido antecipado no esquematismo da produção. A arte sem sonho destinada ao povo realiza aquele idealismo sonhador que ia longe demais para idealismo crítico” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.103).

A própria arte foi manchada pelo idealismo, que a transformou em produto de uma linha de montagem administrada por especialistas. Nesse modelo, ela deve seguir padrões estabelecidos pela calculabilidade e pela previsibilidade para alcançar o sucesso esperado (ADORNO; HORKHEIMER, 2006). Os autores

reconhecem que a arte, em outros tempos, foi veículo da Ideia; porém, na modernidade, adentrou num processo de liquidação, no qual as particularidades, os detalhes, a autenticidade, a profundidade crítica e a penetração psicológica foram substituídos por uma fórmula padronizada, de acordo com os interesses mercadológicos da indústria. Trata-se de uma submissão das partes ao todo, a uma totalidade previamente estabelecida e padronizada. Adorno e Horkheimer são enfáticos ao responsabilizar prioritariamente a produção cinematográfica como instrumento manipulador do telespectador, ao procurar estender uma realidade fictícia até a realidade social. Assim, o telespectador passa por um processo de atrofiamento da própria imaginação e da espontaneidade, pois não lhe é permitida a prática de atividade intelectual e os fatos estão justapostos de tal modo que não há mais nada a refletir (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Os efeitos da indústria cultural permanecem enraizados no consumidor de tal modo que ele é levado de forma indutiva a aceitar os mecanismos subliminares dessa maquinaria (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

A violência da indústria cultural instalou-se nos homens de uma vez por todas. Os produtos da indústria cultural podem ter certeza de que até mesmo os distraídos vão consumi-los alertamente. Cada qual é um modelo da gigantesca maquinaria econômica que, desde o início, não dá folga a ninguém, tanto no trabalho quanto no descanso, que tanto se assemelha ao trabalho (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.105).

Notoriamente, os mesmos aspectos incisivos apontados no conceito de indústria cultural dos autores não apenas permanecem presentes na sociedade atual como agravaram-se. A denúncia dos frankfurtianos parte da dimensão fraudulenta e invasiva da indústria cultural nas vidas humanas, que penetra até mesmo as horas de descanso, transformando-as em tempo de consumo do entretenimento criado como um produto industrial para ser vendido. Produção e consumo prendem o humano nos limites do mercado e do trabalho. Nos dias hodiernos, segundo autores e comentaristas contemporâneos do legado da Teoria Crítica, essa dinâmica potencializou-se principalmente com a evolução das tecnologias da comunicação (BECKER, 2014; GUARESCHI, 2006; ZUIN, 1999). O desenvolvimento das mídias digitais criou uma enxurrada de conteúdos culturais, especialmente nas redes sociais, que estão sendo utilizadas como plataformas para estratégias publicitárias que, cada vez mais, permeiam todos os aspectos da vida humana.

2.3 A ARTE COMERCIAL COMO ENTRETENIMENTO E CONFORMAÇÃO

Na *Dialética do esclarecimento*, Adorno e Horkheimer reconhecem a potência da indústria cultural como a estrutura que sustenta os mecanismos que atuam em conjunto na dinâmica da sociedade. O grande movimento do conjunto é a própria representação da indústria cultural, que instaura a violência na sociedade ao conduzir todos os seres humanos para dentro da maquinaria econômica, produzindo confusão entre trabalho e descanso, tornando-os indistintos. O plano da indústria cultural é a adaptação dos produtos aos gostos de seus consumidores, desencadeando o “consumo das massas”. Além disso, mesmo que ela procure transmitir a ideia de estar priorizando o consumidor, este permanece em segundo plano. A primazia é torná-lo instrumento da maquinaria econômica e, portanto, mantenedor do sistema de coerção social (COHN, 1994). A alienação desses, dada pelo molde fornecido pela indústria cultural, reproduz o ser humano, na conformidade estabelecida por esta (ADORNO; HORKHEIMER, 2006). Impede-se, assim, uma reprodução ampliada do espírito; a indústria cultural, reproduz uma “tradução estereotipada de tudo”, onde o verdadeiro estilo é superado pelo “esquema da reprodutibilidade mecânica” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.105).

Adorno e Horkheimer reconhecem esse processo de dominação como prejudicial à arte de vanguarda, contudo, esta se assemelha muitas vezes à indústria cultural, ao procurar fixar sua própria linguagem. A linguagem imposta pela indústria cultural produz a compulsão do novo, (que, no entanto, é o velho travestido), e que tem por intenção unicamente a preservação do poder da própria indústria cultural. É bem verdade que não é possível apresentar o novo que nunca foi pensado e, mesmo que o novo assim seja para algumas pessoas, estas permanecem tão enraizadas em velhas ideologias que não se permitem aceitar o novo. Contudo, o aceitável é o repetido, aquilo que é produzido pelo aperfeiçoamento da técnica e que tanto se assemelha à vida cotidiana. Este, de fato, é o novo estilo, que requer sempre mais com maiores exigências, porém dentro de certa previsibilidade (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Assim, o novo estilo se faz tão amplo que “A obrigatoriedade universal dessa estilização pode superar a dos preceitos e proibições oficiais” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.106), uma vez que as nuances do idioma tecnicamente condicionado da indústria são tão finas que lembram o desenvolvimento da obra de

arte de vanguarda. Isso se deve à compulsão da indústria cultural em abraçar todos os seres humanos, por meio de um desenvolvimento técnico da linguagem, que volta-se sobretudo para o cotidiano, convertendo o artificial em natural. Nesse processo, a competência torna-se sinônimo da capacidade técnica de seus especialistas para atender às exigências absolutas do idioma da naturalidade. O artificial seria “ [...] um estilo imposto de fora às potencialidades de uma figura” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.106-107). No entanto, essa artificialidade deve ser apresentada com a máxima naturalidade.

Para os autores, a indústria cultural produz uma negação do estilo ao eliminar a autenticidade e estimular uma disputa entre especialistas em arte e patrocinadores. Nesta disputa cria-se divergência de interesses entre a autonomia do artista e do produtor especialista, que ainda mantém o último resquício de autonomia temática, da política comercial, na produção da mercadoria cultural. Na arte autônoma prevalece a potencialidade crítica, da qual deriva a oposição à sociedade. O acolhimento da arte como produto comercial pode ser tão corrosivo que implicaria na eliminação do pensamento crítico (THOMSON, 2010). O estilo passa a ser vago, por não existir mais tensão entre o universal e o particular, tanto um como outro passam a ser intercambiáveis e substituem-se mutuamente (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Para os frankfurtianos, o estilo é uma falsa promessa da obra de arte comercial, na medida em que coloca um caráter absoluto às formas reais do existente. Nesse sentido, a pretensão da arte é de instaurar ideologia:

A indústria cultural acaba por colocar a imitação como algo de absoluto. Reduzida ao estilo, ela trai seu segredo, a obediência à hierarquia social. A barbárie estética consome hoje a ameaça que sempre pairou sobre as criações do espírito desde que foram reunidas e neutralizadas a título de cultura (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.108).

De acordo com Adorno e Horkheimer, o próprio conceito de “cultura” é algo impróprio, pois transmite uma ideia de classificação e, portanto, de uma produção administrada. Na verdade, a indústria cultural é que faz jus ao termo cultura, pois subordina todos os setores da produção espiritual humana a um único fim: a amortização e a conformação dos trabalhadores entre a saída da fábrica e o início do trabalho no dia seguinte (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

O ser humano, influenciado pela cultura massificada, termina por não poder mais ver-se fora dela, afinal, essa é a forma aceita para integrar-se à sociedade. Nesse sentido, a indústria cultural revela-se como “o mais inflexível de todos os estilos”, ao procurar preservar seu domínio diante dos seres humanos (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.109). No entanto, concomitantemente, ela torna-se a meta do liberalismo, ao influenciar e permitir que os seres humanos tecnicamente competentes atinjam o sucesso, seguindo a lógica do mercado.

Para os autores, os especialistas da arte, suscetíveis ao mercado e à monopolização da arte, acabam por favorecer e abrir caminho à tirania que domina o corpo e a alma dos seres humanos. A lei econômica da oferta e procura, primazia do mercado, é o principal mecanismo de controle que favorece os grupos economicamente dominantes. Assim, acerca dos trabalhadores e consumidores, o texto afirma: “A produção capitalista os mantém tão bem presos em corpo e alma que eles sucumbem sem resistência ao que lhes é oferecido” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.110).

Para os frankfurtianos, o ser humano é persistente em prescrever a ideologia que o escraviza, ao ratificar a demanda pelo malfeito e assegurar uma harmonia total. Essa harmonia está fundada no conformismo dos consumidores e na credibilidade dada à produção padronizada e repetitiva, que passa a ter boa consciência¹¹, afinal, os consumidores contentam-se sempre com as mesmas coisas (ADORNO; HORKHEIMER, 2006). Fabiano (1998) faz uma importante colocação acerca do modelo massificador no contexto da vida industrializada. Segundo sua observação, o preponderante nesse modelo é reproduzir o conformismo e nunca o movimento dialético: “A perspectiva de compreender os fatos e a própria existência no mundo social nunca se dá por uma negação do que está dito para se alcançar uma outra compreensão mais abrangente” (FABIANO, 1998, p.161).

A cultura de massas procura, portanto, obstruir o novo, por entender que este é um risco. Ela exclui com desconfiança o que ainda não foi experimentado. Segundo sua lógica de mercado, é preciso reeditar o conhecido e o familiar em um novo molde, sem incorrer no perigo do incerto e desconhecido. Assim, ela determina o consumo constante e seguro para garantir o mesmo ritmo de produção por meio

¹¹ A significância da palavra consciência (ou de formação de consciência), no sentido adorniano, está relacionado à prática, a experiência autêntica do ser humano, refletida na formação e como essência deste, que almeja a emancipação. (FABIANO, 1998).

da repetição de mercadorias predeterminadas. Tudo se passa como se esses produtos culturais já existissem antes do desenvolvimento da indústria, únicos e absolutos, e que esta apenas os revelaria a partir do desenvolvimento técnico humano. Por essa razão, essa indústria:

[...] pode se ufanar de ter levado a cabo com energia e de ter erigido em princípio a transferência muitas vezes desajeitada da arte para a esfera do consumo, de ter despido a diversão de suas ingenuidades inoportunas e de ter aperfeiçoado o feitiço das mercadorias (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.111).

Assim, a indústria cultural que age sobre a sociedade é a mesma que invade a vida dos seres humanos no trabalho e no descanso, e que se adapta para fornecer o básico dentro do que já foi pensado. A força do mercado penetra na arte refazendo seu propósito. Se, em tempos pretéritos, ela foi motivo para flexão do pensamento, na modernidade ela assume o efeito dicotômico. A arte séria, dotada de autenticidade, vê brotar em si a arte “leve”. Conforme os autores, a arte “leve” se caracteriza por um passatempo, adotado como fuga de uma realidade severa de exaustivo trabalho. Ela é leviana quanto à verdade, mas é facilmente absorvida como um direito objetivo do ser humano de repouso e entretenimento. Essa arte acaba por expelir a negatividade da cultura, ao passo que reforça a discrepância de si mesma com relação à arte séria. Nesta divisão, ambas são acolhidas pela indústria cultural, que tem por objetivo a eliminação de pelo menos uma delas por meio da absorção de uma na outra. Essa absorção exemplifica e demonstra o poder da indústria cultural que tudo reduz à sua subordinação e comprova a totalidade. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

A indústria cultural é enfática ao preservar a consistência da repetição e de desprezar o novo, mesmo que esta seja simplesmente o aperfeiçoamento da produção em massa. O novo precisa ser a reprodução dos modelos estatisticamente bem aceitos pelo mercado. Ela tem como missão, portanto, manter o interesse dos consumidores, valorizando a técnica de produção e não o conteúdo oferecido (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Adorno e Horkheimer denunciam a indústria cultural como a indústria da diversão, conjurada nos elementos do processo social e na adaptação às necessidades de entretenimento do público. Estes elementos garantem a sobrevivência desse mercado, sustentado ideologicamente como um negócio a

prosperar. Em contrapartida, a indústria da diversão subsidia a distração, para que o ser humano possa voltar ao trabalho o quanto antes. Para os autores, este processo permanece fortemente vincado na dinâmica da sociedade, ao ponto de não ser mais possível perceber as nuances que tornam a vida como um prolongamento do trabalho. O ser humano é limitado no próprio pensamento e, portanto, procura evitá-lo. Assim, o desenvolvimento se reduz na medida do possível à “[...] situação imediatamente anterior, e não da ideia do todo” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.113). Essa limitação revela o esquema e estabelece uma conexão inteligível e nefasta, proposta pela indústria cultural, que determina o sentido das coisas e as tendências da farsa do que é produzido.

Segundo os frankfurtianos, os filmes de animação são um bom exemplo de como a indústria cultural permuta o sentido de distrair, ao inculcar “[...] em todas as cabeças a antiga verdade de que a condição de vida nesta sociedade é o desgaste contínuo, o esmagamento de toda resistência individual” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.114). O ser humano é forjado a se acostumar com sua condição de vida, a violência infligida na animação é a representação da sua, assim a distração acalenta e conforma a própria realidade (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Nesse sentido, Thomson (2010) salienta que a crítica de Adorno e Horkheimer à cultura de massa pode ser percebida como elitista, uma vez que ela negaria a cultura popular. Esse pensamento induz à ideia de que uma cultura prevalece frente a outra. Entretanto, Thomson argumenta que não é exatamente isso que Adorno e Horkheimer pretendiam demonstrar. O problema não está na cultura popular, mas em sua apropriação feita pela indústria, que sustenta uma ideia elitista, na qual a cultura de massa procura inculcar no ser humano o contínuo estado de conformismo e sofrimento.

Contudo, ninguém necessariamente é forçado a cair no laço da indústria cultural. Existe o estímulo indutivo disseminado constantemente, porém ele busca lograr adesão e consumo a partir de promessas. O prazer contínuo é a maior promessa, que nunca é realmente alcançado. Tudo cai no desuso antes mesmo de ser adquirido. Assim, a indústria cultural é perversa ao insistir na exposição e repetição de um objeto de desejo. No entanto, ao mesmo tempo em que instiga o consumo, ela propõe a renúncia (ADORNO; HORKHEIMER, 2006). A renúncia, por sua vez, é bem-sucedida na medida em que é selada pelo humor. No riso, o ser humano expressa a impotência de que nada pode fazer a respeito de algo; ele torna-

se na indústria cultural “[...] o meio fraudulento de ludibriar a felicidade” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.116). Na sociedade, o riso é como um germe que desvia a felicidade e joga os seres humanos nas garras da totalidade desse modelo de sociedade. O ponto nodal é que os seres humanos nunca realmente alcançam seus objetivos, e que de riso em riso tornam-se satisfeitos.

No espetáculo da indústria cultural o produto é oferecido como lúdico e pelo riso, mas o que de fato ela oferece é a renúncia a qualquer autonomia. E isso não poderia ser diferente, já que o consumidor deve permanecer inócuo à possibilidade da resistência.

O princípio impõe que todas as necessidades lhe sejam apresentadas como podendo ser satisfeitas pela indústria cultural, mas, por outro lado, que essas necessidades sejam de antemão organizadas de tal sorte que ele se veja nelas unicamente como um eterno consumidor, com objeto da indústria cultural. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.117).

O logro da satisfação prometida está em oferecer uma realização inatingível, já que o ponto de chegada é o mesmo ponto de partida. Assim como o riso explorado pela indústria é uma traição da busca da felicidade, a diversão opera como uma resignação conformada diante da realidade da qual se quer fugir e esquecer. A satisfação seria a fuga do cotidiano, mas essa é uma jornada a se trilhar em círculo, uma vez que o oferecido pela indústria é o próprio cotidiano, sem nenhum conteúdo crítico, como se não houvesse outra realidade possível. Os frankfurtianos identificam que o logro não é a proposta de diversão, mas o fato da indústria cultural atribuir a tudo o cunho comercial “nos clichês ideológicos da cultura” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.118).

Para Adorno e Horkheimer, o declínio da cultura não é por si só o resultado da aliança dela com o entretenimento, mas como a espiritualização imposta da diversão. Contudo, “A diversão se alinha ela própria entre os ideais, ela toma lugar dos bens superiores, que ela expulsa inteiramente das massas”, estipulando uma inferioridade de forma subjetiva que, além disso, limita a verdade (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.119).

2.4 O LOGRO DA LIBERDADE NA SOCIEDADE DA COERÇÃO

Ao passo que a indústria cultural adquire robustez e, progressivamente, atende as necessidades dos consumidores, ainda que institua renúncias, ela adquire ampla aceitação como processo cultural. Para os autores, na relação entre diversão e negócio revela-se a própria apologia da sociedade. A diversão, que só é possível em si mesma, também é o afastamento do próprio pensamento em si e do todo. É como negar o pensamento em nome da libertação da realidade sofrida. Adorno e Horkheimer avaliam que a indústria cultural é permeada por uma ideologia oculta, na qual “A felicidade não deve chegar para todos, mas para quem tiver sorte, ou melhor, para quem é designado por uma potência superior” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.119).

Nesse sentido é como uma loteria: alguns serão selecionados por caçadores de talentos e, posteriormente, estes serão exemplos para a sociedade da possibilidade de ascensão. Entretanto, aos que restarem, a probabilidade de que a mesma sorte ocorra é tão ínfima que é melhor regozijar-se com a felicidade do outro. A aproximação entre eles representa a perfeita diferença absoluta. Assim, pela indústria cultural, o ser humano torna-se um ser genérico, objeto reificado do processo de produção e consumo da sociedade. Nessa perspectiva, o caminho do sucesso não é necessariamente o esforço, ele passa a ser representado pela premiação (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Como um fenômeno puramente ao acaso, a sorte figura como o inverso do planejamento. Na sociedade racionalizada com base no acaso qualquer um pode ser bem-sucedido. Assim: “O acaso e o planejamento tornam-se idênticos porque, em face da igualdade dos homens, a felicidade e a infelicidade do indivíduo – da base ao topo da sociedade – perdem toda significação econômica.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.121).

Dessa perspectiva, as transações entre os seres humanos teriam aparente espontaneidade e liberdade. Isto é o que a indústria cultural quer fazer ver. No entanto, essa aparência esconde o fato de que ela “[...] só se interessa pelos homens como clientes e empregados e, de fato, reduziu a humanidade inteira, bem como cada um de seus elementos, a essa forma exaustiva” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.121). A indústria cultural utiliza sua ideologia de acordo com a especificidade e interesse em cada caso, “[...] do planejamento ou ao acaso, à

técnica ou à vida, à civilização ou a natureza” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.121).

O ser humano, cliente da indústria cultural, é levado a crer que está realizando as próprias escolhas, porém, estas já foram feitas. A indústria cultural é despreziosa de explicações e sentidos, age apenas conforme sua ideologia. Para os autores, a ideologia é transmitida por meio da abstração, identificada como propaganda, e sua linguagem se reduz ao discurso vago que categoricamente renega a ciência por apartar comprovações. Essa estratégia favorece a dominação do ser humano pela indústria cultural. Nas palavras de Adorno e Horkheimer: “Ela se esgueira com mestria entre os escolhos da informação ostensivamente falsa e da verdade manifesta, reduzindo com fidelidade o fenômeno cuja opacidade bloqueia o discernimento” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.122). Em outras palavras: “O inimigo que se combate é o inimigo que já está derrotado, o sujeito pensante.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 123).

A partir do panorama fornecido pela indústria, o ser humano vive entre a ideologia de uma vida monótona e uma vida de mentiras, desprovida de sentido. Tal percepção não chega a ser proferida, ela é apenas insinuada e constantemente inculcada no ser humano. Para tanto, a indústria cultural repete cinicamente seu real ideológico, a fim de transparecer a imparcialidade do mundo que ela duplica. Essa duplicação derruba todas as objeções contra o mundo ideológico transmitido, como as objeções contra ela própria. O dilema que resta ao humano é participar ou omitir-se do mundo tal com criado pela indústria cultural. Porém, cada vez mais, mesmo o provinciano torna-se objeto da cultura de massas. Para tanto, ela recorre precisamente aos fatos instantâneos, promovendo um culto aos fatos, como se seus sentidos fossem óbvios e imanentes (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Para Adorno e Horkheimer, o fato histórico é que, mesmo com o progresso da técnica, regras e especificidades projetadas pela indústria cultural, estes não são os elementos que prendem o ser humano, e sim a estereotipia. Esta é representada na repetição do mecanismo de dominação social inerente ao progresso, alimentado de modo cíclico e visto como saudável na sociedade (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Assim, a indústria cultural procura assegurar ao ser humano certa liberdade social ao mesmo tempo em que se propõe não estimular o pensamento. E, ainda que cada um tenha muitas possibilidades de desenvolvê-lo dentro das relações de

convívio social, estas são reduzidas a meros instrumentos de controle social. O controle social está ligado à reprodução do padrão de vida, de acordo com sua classe dentro do sistema capitalista. Segundo os autores esses são elementos que representam “[...] uma espécie de Estado de bem-estar social em grande escala”, onde o ser humano se posiciona a favor da economia para se preservar na sociedade (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.124).

Nesse Estado, a indústria cultural presta certo assistencialismo às pessoas desprivilegiadas e aos trabalhadores, mantendo sua situação precária e garantindo que elas não sejam esquecidas. O propósito é preservar o espírito de camaradagem, justamente para induzir o aumento da produção e preservar o controle social. “Os trabalhadores, que são na verdade aqueles que proveem a alimentação dos demais, são alimentados, como quer a ilusão ideológica, pelos chefes econômicos, que são na verdade os alimentados.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.124).

Para os frankfurtianos, a insistência em preservar o assistencialismo, trajado de bondade, confessa o sofrimento causado pela sociedade no ser humano, ocultando-o atrás de uma sombra conciliatória, que se apresenta como ato de compaixão. Além disso, ela revela a vida sádica, onde a mentira não respeita nem mesmo o trágico. Esse é elemento importante na preservação do mecanismo de dominação social, sendo fornecido pela arte, adentra na vida do ser humano e segundo Adorno e Horkheimer:

[...] ele nos protege da censura de não sermos muito escrupulosos com a verdade” (...) “torna interessante a insipidez da felicidade que passou pelo crivo da censura e põe ao alcance de todos o que é interessante” (...) proporciona ao consumidor “o sucedâneo da profundidade há muito abolida e ao espectador assíduo a escória cultural de que deve dispor para fins de prestígio. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.125).

O trágico é como consolo da existência humana, pintando cenários deslumbrantes na realidade e, ao mesmo tempo, justificando e normalizando o sofrimento: “[...] assim é a vida, tão dura, mas por isso mesmo tão maravilhosa, tão sadia” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.125).

A indústria cultural absorve o trágico da obra de arte e o apresenta como parte da rotina humana, de forma planejada e administrada, como parte intrínseca da estrutura social. A grande massa de seres humanos desmoralizados por suas

vidas medíocres e amordaçadas pela coerção do sistema tende a relevar comportamentos de fúria, rebeldia e abruptos à força física. Conforme os autores, a cultura é significativamente importante para domar o impulso revolucionário, assim como, a própria barbárie em si. Pucci (1995) reconhece que Adorno, ao revisitar a mesma questão no texto *Teoria da Semiformação*, reafirma que mesmo com ampla difusão das informações, pelos diferentes meios de comunicação, o ser humano pouco avançou em uma tomada de consciência. Além disso, ele se colocou à mercê do processo de dominação em virtude da pseudoformação que encontra (PUCCI, 1995). A cultura industrializada exercita o ser humano a viver uma vida concisa, na qual a apatia universal deve prevalecer para que o poder coletivo seja abandonado. Esse contexto de realidade de vida anula o ser humano. Por essa razão, os autores a descrevem como “sociedade despedaçada”:

A todos ele concede o consolo de que um destino humano forte e autêntico ainda é possível e de que é imprescindível representá-lo sem reservas. A realidade compacta e fechada que a ideologia atual tem por fim reduplicar dá a impressão de ser muito mais grandiosa, magnífica e poderosa, quanto mais profundamente é impregnada como sofrimento necessário. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.125).

Nessa sociedade, a humanidade é apresentada com dignidade limitada e forçada a preservar uma postura que garanta sua aptidão moral para fazer parte da mesma. Assim, a tragédia apresenta-se como punição justa aos que não cooperam. Nesse sentido, a moral da indústria cultural é semelhante àquela dos livros infantis: os obedientes são premiados enquanto os rebeldes são punidos (ADORNO; HORKHEIMER, 2006). Por isso, a todo momento é preciso reiterar o censo de pertencimento, uma vez que “A vida no capitalismo tardio, é um contínuo rito de iniciação. Todos têm de mostrar que se identificam integralmente com o poder de quem não cessam de receber pancadas” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.127).

Os autores argumentam que o trágico continua se dissolvendo na sociedade, na sua falsa identidade, que estende-se também aos indivíduos, e no horror que dela decorre. Nisto, a nova geração se desenvolveu bem, ao encontrar refúgio e subterfúgio na ruína do trágico. A felicidade prometida consiste, justamente, na renúncia a qualquer pretensão de felicidade. É preciso entregar-se de corpo e alma aos desígnios sociais. A nova geração adquire plenas condições de

realizar qualquer trabalho, na medida que não existe ligação do indivíduo com qualquer trabalho em particular (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

“A liquidação do trágico confirma a eliminação do indivíduo.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.127). Resta apenas certa pseudoindividualidade, tão sensível que o “[...] eu são mercadorias monopolizadas e socialmente condicionadas, que se fazem passar por algo natural” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.128). Os indivíduos passam a ser apenas certas encruzilhadas das tendências universais, como cédulas de identidades que só não são idênticas por conterem distintas impressões digitais. Revela-se, assim, o caráter fictício da forma do indivíduo na sociedade burguesa. Como ser genérico, “Todo personagem burguês exprimia, apesar de seu desvio e graças justamente a ele, a mesma coisa: a dureza da sociedade competitiva.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.128).

Neste sentido, a própria individualidade burguesa revela-se como contraditória, visto que verdadeiramente ela nunca realizou-se, e talvez nem possa vir a realizar-se, uma vez que está fundada em um caráter genérico. O ser humano da sociedade burguesa e da cultura de massas tem aparente liberdade ao estar condicionado aos engendramentos econômicos e sociais mais rígidos. Nessa sociedade, severa na competitividade, prevalecem as relações de poder e de submissão dos indivíduos. Essas relações, no entanto, proporcionam progresso às custas da própria individualidade (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

A indústria cultural é bem sucedida ao inculcar o logro na sociedade, fragilizando o ser humano na sua individualidade, corroendo as amizades ao afastar a intimidade e conferindo a tudo um ar de utilidade. Pretensiosamente ela toma a arte como mercadoria, produzindo-a em série, a custos relativamente baixos. Segundo os autores:

O novo não é o caráter mercantil da obra de arte, mas o fato de que, hoje, ele se declara deliberadamente com tal, e é o fato de que a arte renega sua própria autonomia, incluindo-se orgulhosamente entre os bens de consumo, que lhe confere o encanto da novidade (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.130).

A arte, de uma maneira ou de outra, sempre esteve ligada ao pressuposto da economia mercantil, mesmo quando sua liberdade era interpretada como negação da finalidade social. Para os frankfurtianos, a falta de finalidade da arte é o elemento que institui a liquidação social dela mesma. No pensamento dos autores: a

arte é contraditória ao procurar conciliar mercado e autonomia. O ser humano, ao aceitar a ideologia que esconde essa contradição, acaba por sucumbir a ela. Ao invés disso, deveria acolher e refletir na consciência. Fabiano (1998) destaca que a educação vigente na sociedade moderna produz certo entorpecimento na consciência e nos sentidos humanos. Esse ser humano, educado por essa sociedade, carrega consigo os elementos políticos que favorecem os ditames da indústria cultural que, por sua vez, não cessa de sedimentar e conservar uma “[...] concepção de mundo tão dogmatizada” (FABIANO, 1998, p.163). Assim, em um mundo com tantas exigências por entretenimento “[...] o fim absorveu o reino da falta de finalidade” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.130).

A arte passa a ser utilizada pretensiosamente de forma total, articulando-se com a estrutura econômica que lhe confere a condição de utilidade, justamente o princípio que ela sempre procurou eximir. O valor de uso do bem cultural é barganhado, “[...] ao invés do prazer, o que se busca é assistir e estar informado, o que se quer é conquistar prestígio e não se tornar um conhecedor.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.131). Nessa ideologia inculcada pela indústria, tudo deve servir para alguma coisa, tudo tem valor de troca e, portanto, ter valor em si mesmo não é valorizado. Esse valor utilitário da obra de arte e a representação da avaliação social imposta a ela é o que os autores identificam como fetiche, ou seja, a hierarquia atribuída à obra de arte. No seu caráter mercantil, a arte é comprável e fungível (ADORNO; HORKHEIMER, 2006). Para Rüdiger (2004), a indústria cultural fomentou a exploração da arte como bens de consumo, a partir da lógica da exploração econômica, alienando o ser humano da produção e fruição da arte autêntica.

Além disso, para os frankfurtianos, a arte adquire caráter hipócrita quando negociá-la passa da intencionalidade para a primazia. Nessa hipocrisia predomina a ilusão que, no anseio pelo lucro, forçadamente deseja o aumento das vendas, encontrando na estrutura técnica publicitária os meios para tal ascensão. Pela via publicitária estende-se a integração dos produtos culturais que, na esfera mercadológica, são incisivamente recomendados. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Nesse sentido institui-se, em certa medida, apologia às mercadorias e aparente ideia da possibilidade de escolha do consumidor: a obra de arte passa a ser divulgada como qualquer produto em “*slogans* políticos” a um público

relativamente desinteressado e a preço atrativamente reduzido. Conforme Adorno e Horkheimer, a obra de arte adentra, assim, um processo de degradação:

A eliminação do privilégio da cultura pela venda em liquidação dos bens culturais não introduz as massas nas áreas de que eram antes excluídas, mas serve, ao contrário, nas condições existentes, justamente para a decadência da cultura e para o progresso da incoerência bárbara. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.132).

Ao passo que a obra de arte se torna mais acessível ao consumidor, em virtude do baixo custo, as pessoas expostas a ela passam a consumir e se alienar, assumindo o “signo triunfal da reificação” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.133). A indústria cultural, que aliena o consumidor procurando impor sua ideologia, utiliza o respeito e a crítica na conformidade do próprio interesse:

Tal análise imprime o que os autores citados denominam de “sociedade administrada”, pois, o fascínio do público diante das imagens sedutoras dos programas de televisão, por exemplo, torna-se expressão da consciência reificada e adaptada aos esquemas da indústria cultural. (GOMES, 2008, p. 119).

Nesses termos, o consumidor adquire certa desconfiança em relação à cultura industrializada e ao seu caráter fraudulento. A cultura passa a ser disposta a qualquer tempo, pechincha da vida instrumentalizada, em que o consumidor deve aproveitar promoções repentinas (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Conforme Adorno e Horkheimer, a cultura destoa do sentido quando a primazia da sua existência é a motivação econômica. Ela, que é suscetível à saturação e à apatia dos seus consumidores, quase nada pode fazer em relação a estas tendências. Por isso, “[...] a publicidade é seu elixir da vida” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.134). Na sociedade concorrencial, as estratégias das agências publicitárias não são apenas para facilitar o trabalho do produtor de mercadorias, mas de vender a promessa que se reduz ao prazer incessante.

Para os frankfurtianos, a publicidade estabelece o elo entre o percurso do consumidor e a alienação deste pelas grandes corporações. O investimento em publicidade assegura ao produtor imposição frente à concorrência, o poder de decisão diante das tendências do mercado, prestígio e influência em “[...] resoluções dos conselhos econômicos que controlam, no Estado totalitário” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.134).

A publicidade é muito mais que repetição do nome de um produto, ela “[...] é a subvenção dos meios ideológicos” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.134). Ela transformou-se em arte e em si mesma apropriou sua representatividade como poderio social. Não é mais possível distinguir onde não prevalece a publicidade e seus efeitos nas vidas humanas, fazendo-se presente em todos os signos da comunicação. A indústria cultural, com a colaboração da publicidade, confere a tudo o aspecto de montagem de realidade, perfeitamente alinhado à totalidade. Tanto a indústria cultural quanto a publicidade apresentam fina semelhança no que condiz à intencionalidade da técnica e da representação econômica. Ambas procuram inculcar sua ideologia, subjugando o consumidor supostamente distraído ou desinteressado (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Para Adorno e Horkheimer, o próprio consumidor subsidia a cultura no seu aspecto publicitário, mesmo numa linguagem desprovida de qualidade persiste a absorção da comunicação (ADORNO; HORKHEIMER, 2006). A palavra, que reforça os modelos linguísticos se valendo de expressões e modismo, adquire força em termos de jargão:

A repetição universal dos termos designando as decisões tomadas torna-as por assim dizer familiares”, assim “[...] a divulgação do nome de uma mercadoria fazia aumentar sua venda. A repetição cega e rapidamente difundida de palavras designadas liga a publicidade à palavra de ordem totalitária (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.137).

O ser humano, que vive a experiência da repetição sucessiva de palavras já destituída do seu sentido, assume uma frieza na utilização da linguagem que acaba por obstruir a compreensão. Palavras e locuções, empregadas conforme o valor behaviorista¹², estimulam a ação compulsiva de aquisição de bens, enquanto o sentido linguístico é deixado de lado. Nesse sentido, “Essa linguagem, é verdade, acabou por se tornar universal, totalitária. Não se consegue mais perceber nas palavras a violência que elas sofrem” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.138).

Esse é o esquema da indústria cultural: por um lado ela oferece liberdade para que todos os seres humanos se divirtam; por outro lado, ela destitui a

¹² O Behaviorismo é uma abordagem psicológica do final do século XIX e começo do século XX, que apresenta o comportamento humano observado publicamente como método de estudo psicológico. Adorno, usa a expressão para destacar a comparação do ser humano com produtos e mercadorias, que são determinados inteiramente por seu meio.

liberdade, ao inculcar ideologias sempre com o viés da coerção econômica. O ser humano é obrigado a fazer de si mesmo instrumento, eficiente e impulsivo, a corresponder aos ditames do modelo imposto pela indústria cultural. Seres reificados na própria existência que perdem sua própria identidade. Para os autores, trata-se do “[...] triunfo da publicidade na indústria cultural, a mimese compulsiva dos consumidores, pela qual se identificam às mercadorias culturais” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.138).

2.5 FORMAÇÃO CULTURAL E EDUCAÇÃO

Adorno e Horkheimer já haviam apontado que, a partir do pré-capitalismo, a humanidade inicia um período de afastando do dogmatismo religioso devido à ascensão de uma racionalidade instrumentalizada. O novo contexto social de industrialização e mercantilização passa a suprir as mazelas deixadas para trás na espiritualidade humana numa escala universal. Diante disso, a ideia de progresso fica muito marcada na sociedade capitalista, na qual a produção cultural torna-se um bem acessível no mercado de barganhas. A massificação da produção fornece o status de acessibilidade à cultura, induzindo a ideia de alcançar a felicidade e certo pertencimento social (ZUIN; PUCCI; RAMOS-DE-OLIVEIRA, 2000).

Os ditames capitalistas não apenas modificaram a economia como também a própria vida em sociedade e, particularmente, a cultura; ou seja, o modo como o ser humano percebe a formação cultural. A palavra cultura fornece distintas possibilidades conceituais, entretanto, aqui limito-me à percepção adorniana de *Bildung*, (formação cultural) e como esta converteu-se em *Halbbildung* (semiformação cultural). Mesmo que cultura e formação cultural imbriquem-se, há aspectos específicos que devem ser observados. O termo *Bildung* – formação cultural – está mais próximo do âmbito subjetivo e refere, portanto, o sujeito em formação; enquanto *Kultur* – cultura – volta-se à realização humana externalizada, objetiva. Entretanto, ambas carregam em si o ideário burguês da modernidade, no qual o ser humano alcançaria sua espiritualidade objetivamente, diante da oferta desenfreada de manifestações culturais (ZUIN; PUCCI; RAMOS-DE-OLIVEIRA, 2000).

As inúmeras possibilidades culturais não representam necessariamente a erudição do pensamento que, desde a modernidade, vem se enclausurando em si

mesmo. Este ponto é observado e criticado por Adorno ao perceber o esvanecer da criticidade, além da investida em absolutizar o espírito humano na sociedade capitalista: “A construção de um ego sadio e de uma sociedade mais justa depende do estranhamento da subjetividade em relação ao mundo fenomênico e da sua conseqüente objetivação e reapropriação, fornecendo as bases estruturais da cultura.” (ZUIN; PUCCI; RAMOS-DE-OLIVEIRA, 2000, p.58).

A tentativa de estruturação da cultura requer alguns cuidados, já apontados por Adorno no que chamou de semiformação (aspecto que será melhor desenvolvido no capítulo 3). No momento é possível destacar que a cultura, por um lado, pode negar as condições sociais existentes e neste sentido prejudica sua própria produção; por outro lado, a iniciativa de compreender a cultura simplesmente como realidade – ou seja, como adaptação da mesma – também é danoso por si. Ambas situações são carregadas no conceito de semiformação, no qual prevalece uma educação instrumentalizada, sendo ao mesmo tempo lesiva à ideia de emancipação do ser humano.

No final da década de cinquenta o frankfurtiano percebe os efeitos da semiformação, retratando que ela alcança todas as classes sociais e, mesmo nos dias atuais, grande parte dos elementos identificados pelo autor permanecem vigentes. Os apontamentos constituintes da semiformação são decorrentes de uma racionalidade que instrumentalizou-se, que prioriza a práxis e desconsidera o pensamento refletido, o substrato para emancipação. A sempre louvável práxis não deve ser confundida com a pertinência de uma educação tecnicista capaz de assegurar a produtividade e o desenvolvimento econômico. O ponto nodal é equilibrar a perspicácia de uma educação de cunho produtivista com outra de caráter imanente emancipatório, que permita o enaltecimento da criticidade.

Portanto, a educação capaz de emancipar o ser humano não pode ser absolutizada no contexto social, e este é o sentido da crítica adorniana que se faz presente nos dias hodiernos. A reivindicação é por uma educação que recupere seu compromisso de autocrítica, por uma formação (*Bildung*) que não seja frágil tanto nas circunstâncias materiais como espirituais (ZUIN; PUCCI; RAMOS-DE-OLIVEIRA, 2000).

Adorno é criterioso ao não atribuir uma aceção positiva à cultura, tanto como circunstância material como espiritual pois, neste caso, haveria perda de criticidade imanente. Assim, para o autor a cultura é uma constante repulsa do

particular diante da generalidade (ZUIN; PUCCI; RAMOS-DE-OLIVEIRA, 2000). Considerando o contexto contemporâneo, especificamente no que diz respeito ao trilhar e à potencialidade da dimensão crítica da formação cultural, é possível reconhecer o cercamento por parte de uma racionalidade instrumentalizada. Ela envolve facilmente a dimensão crítica, deixando-a mais próxima de um posicionamento de resistência do que propositora de ampliação das potencialidades do ser humano como consciente e conhecedor da própria história. A racionalidade instrumental, desde então, vem construindo uma atmosfera voltada ao conformismo e à adaptação social, condições estas que reverberam na precariedade do pensamento refletido (ZUIN; LASTÓRIA; GOMES, 2012).

Adorno e Horkheimer enfatizam que, a partir da modernidade, iniciou-se a derrocada de uma formação cultural no sentido clássico, a qual prometera, pela subsunção do conhecimento científico, inserir toda humanidade num ambiente social de igualdade e benefícios mútuos. Verdadeiramente isso não ocorreu, os repulsos sociais vieram e metamorfosearam uma racionalidade universal em instrumentalizada, e formação cultural converteu-se em semiformação.

3 EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO: PARA ALÉM DE UMA SEMIFORMAÇÃO

3.1 A SEMIFORMAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES À EDUCAÇÃO

Com o desenvolvimento da internet e das mídias digitais, no final do século XX e início do XXI, a análise adorniana das implicações da indústria cultural na educação tornou-se ainda mais atual e pertinente. Os avanços da racionalidade instrumental absorvem a formação cultural no universo do pragmatismo técnico do mercado e do mundo administrado. Nesse sentido, a crise da educação é o resultado da própria concepção de formação cultural, como um produto útil e descartável, amplamente disponível nas mídias e nas plataformas digitais, como uma chave de acesso ao progresso econômico da sociedade. Em linhas gerais, é essa contração do conceito e da prática de formação que Adorno chama de semiformação¹³.

Para Adorno, a atmosfera social que se apresenta como crise da formação cultural não pode ser compreendida apenas pela Pedagogia, tampouco é exclusividade da esfera da Sociologia. As contribuições elencadas de diferentes áreas do conhecimento não se aglutinam forçosamente para a composição de uma compreensão da crise da formação. A crise já demonstrou ser mais ampla do que socialmente se esperava, na medida em que não atinge apenas massivamente as pessoas limitadas culturalmente, mas vai além, ao adentrar no estrato também das mais cultas. A questão vem sofrendo sucessivas críticas por gerações, demonstrando possuir raízes mais profundas no que diz respeito ao deficitário sistema e método de educação (ADORNO, 2010).

Reformas pedagógicas descontextualizadas da realidade, com efeito isolado e paliativo, efetivamente não proporcionam contribuições; pelo contrário, tendem a alongar o percurso formativo da cultura. Na prática, medidas pouco produtivas

¹³ Originalmente, Theodor W. Adorno publicou em 1959 o ensaio intitulado como “*Theorie der Halbbildung*”, que, na primeira tradução brasileira, realizada por Newton Ramos de Oliveira, Bruno Pucci e Claudia Barcelos de Moura Abreu, foi designado como “Teoria da Semicultura”. Ao revisitar o conceito de *Bildung*, Wolfgang Leo Maar identifica certa dualidade na tradução da palavra alemã em relação à sua correspondente portuguesa, visto que esse termo pode ser entendido tanto como formação cultural quanto como cultura. Essa ambiguidade possibilitou a Maar rever o conceito de “*Halbbildung*”, propondo a tradução “Semiformação” como um termo mais próximo do conceito adorniano, evitando assim uma possível confusão com a ideia de ausência de cultura e, concomitantemente, atendendo à crítica de Adorno à formação fragmentada e superficial da indústria cultural.

podem viabilizar a expansão da crise ao desviar ações contundentes. Os educandos inocentes, ingênuos e impotentes, são como marionetes diante da força da realidade extrapedagógica. De acordo com o autor, a reflexão sobre essa realidade fica muito aquém da necessidade e, aliada à insuficiência de estudos, gera entraves ainda maiores para a produção de material de análise. Isso dificulta a construção de elementos que contribuam positivamente ou negativamente na formação cultural (ADORNO, 2010).

Nesse cenário, as reflexões que envolvem a atualidade são desconsideradas na interlocução com as necessidades da sociedade, de maneira que o prejuízo já está instaurado, e nele prevalece uma ideia de formação definida *a priori*. Para Adorno, a falta de reflexão ocorre sucessivamente no âmbito da totalidade social, no pensamento que se move linearmente no espaço pré-determinado, sendo este, ao mesmo tempo, um campo de detrimento para o desenvolvimento da formação cultural. Além disso, o autor percebe que tanto os movimentos sociais quanto o próprio conceito de formação cultural deveriam ser sedimentados para alcançar uma reflexão mais profunda. A proposta é alcançar uma espiritualidade que reflita certa objetividade negativa (ADORNO, 2010).

Entretanto, em grande medida, a situação atual se justifica também pelo mesmo elemento observado por Adorno: o espírito humano é continuamente conquistado pelo fetichismo mercadológico proposto pela indústria cultural e, neste sentido, suas contestações viriam a desdobrar-se no conceito de *Halbbildung* (semiformação) (ZUIN; ZUIN, 2017). Além disso, o frankfurtiano afirma que a sociedade já possui elementos transitórios para realizar a conversão da formação cultural para uma semiformação socializada: “A formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede à formação cultural [...]” (ADORNO, 2010, p.9).

O ser humano alienado permanece refém da socialização e do que Adorno chama de semiformação. Fora dela, o humano é impotente e incapaz de garantir sua autopreservação. A vida alienada se reproduz de forma ampliada, ao passo que a consciência renuncia à autodeterminação e aceita passivamente a cultura já posta e aprovada pela sociedade. Sobre esses efeitos nefastos paira a barbárie (ADORNO, 2010).

Segundo Adorno, o processo social de semiformação apresenta-se como a forma dominante da consciência moderna e da cultura. Se por um lado a cultura é representação da sociedade, por outro ela a utiliza para estabelecer a semiformação. Aqui é importante salientar que, nesse recorte, a cultura para Adorno é uma apropriação subjetiva e, portanto, uma oposição à práxis. Mesmo que no ocidente já se tenha tentado utilizar a cultura como pretexto para a liberdade, ou ainda como um modo de alcançar a completa emancipação humana, isto, de fato, não se consolidou, criando certo tabu (ADORNO, 2010).

Para Adorno, “[...] a cultura converteu-se, satisfeita de si mesma, em um *valor* [...]”, e graças à metafísica especulativa e à música, mesmo que seja suscetível às variantes das relações humanas (ADORNO, 2010, p. 10). Contudo, o autor destaca que a relação do ser humano com a cultura pode apresentar traços dissociados, pois ao produzir determinado bem cultural (e este detendo certa espiritualidade), ele é produzido pelo frenesi da técnica, com predominante intencionalidade comercial (ADORNO, 2010).

O frenesi da técnica abre espaço para certo desprezo pela hermenêutica, justificada pelas interpretações sistemáticas e instrumentalizadas, que visam ao pragmatismo social como imperativo do sucesso consumista, desconsiderando o pensamento refletido que não oferece nenhum tipo de ganho imediato. Ocorre que a sociedade hodierna, mergulhada na euforia da cultura digital, agrava os aspectos já destacados por Adorno e reforçados por TÜRCKE¹⁴: a distração e o esvanecer da concentração. A partir da abordagem adorniana, Christoph TÜRCKE ressalta a exploração dos sentidos e das sensações nas mídias atuais para provocar impulsos que mantêm a sociedade excitada como forma de entretenimento e distração. Esses aspectos reforçam o caráter fraudulento de produtos físicos ou intelectuais, inerentes ao fetichismo mercadológico (ZUIN; ZUIN, 2017). Assim se estabelece o crime: “[...] a formação que se esquece disso, que descansa em si mesma e se absolutiza, acaba por se converter em semiformação” (ADORNO, 2010, p. 10).

Para o autor, quando a cultura é percebida como modo de conformidade da vida, acaba por enaltecer uma adaptação que obstrui uma educação nas relações de um com o outro. Essa concepção marca as relações humanas como precárias e,

¹⁴ Christoph TÜRCKE (1948-) é um filósofo alemão cujo pensamento entende que, na origem das subjetividades e da cultura, existe uma espécie de terror traumático que faz da compulsão à repetição a pulsão humana por excelência.

além disso, estanca a intencionalidade fervescente de cultura espiritualizada, suplantando a autonomia (ADORNO, 2010).

Adorno reconhece que a ideia de formação apresenta certa duplicidade de propósitos “[...] obter a domesticação do animal homem mediante sua adaptação interpares e resguardar o que lhe vinha da natureza, que se submete à pressão da decrépita ordem criada pelo homem” (ADORNO, 2010, p. 11).

O ser humano é inviabilizado de buscar o pensamento além do que já lhe foi dado e, nesse sentido, na própria pressão que se pratica sobre o outro reafirma-se de modo recorrente a dominação na sociedade. Assim:

Quando o campo de forças a que chamamos formação se congela em categorias fixas – sejam elas do espírito ou da natureza, de transcendência ou de acomodação –, cada uma delas, isolada, se coloca em contradição com seu sentido, fortalece a ideologia e promove uma formação regressiva (ADORNO, 2010, p.11).

O ser humano pressionado torna-se propício ao regresso dos instintos agressivos e à prática da violência. A cultura é portadora desse distúrbio (mal-estar) da sociedade, onde prevalece a adaptação dessa formação regressiva em que se vive.

3.2 FORMAÇÃO CULTURAL: AUTONOMIA E ADAPTAÇÃO

Segundo o autor, a cultura possui pelo menos duas faces preponderantes: a autonomia, ligada à liberdade do ser humano, e a adaptação, relacionada ao modo como este ser conduz a própria vida diante de sua realidade. Estas facetas demonstram a separação entre o esforço físico e espiritual do ser humano, reafirmando o esquema da dominação e configurando a injustiça daqueles que são privados de ir além do já determinado. O ser humano, impedido de exercitar o pensamento refletido, adentra num processo contínuo de adaptação e acomodação à realidade, impondo-se autolimitação. No entanto, esse esquema não é mantido em confronto com o seu íntimo, mas inculcando nele algo que se acomode à sua natureza, fazendo-o crer que está realizando as melhores escolhas. Mergulhado nessa ilusão, ele acredita ser impossível desprender-se dela e, por fim, opta por se acomodar diante da realidade que lhe parece imutável. O conformismo em massa resulta numa atrofia dos movimentos sociais, um importante recurso de

desenvolvimento da sociedade. O ser humano inerte e totalmente submisso ao esquema, para garantir sua autoconservação, segue o caminho da conformação (ADORNO, 2010).

Nesse conformismo, persiste o receio de combater um poder percebido como transcendente e insuperável. Há, portanto, um amadurecimento que passa a buscar a conciliação com a realidade. Esse alinhamento com a realidade, visto como necessidade de adaptação, é um movimento contínuo, mas repleto de nuances dessa falsa racionalidade adquirida que emaranha-se na falsa ideia de liberdade e consciência do ser humano. Segundo Adorno, o mesmo mecanismo de falsificação ocorre na formação cultural, na qual “[...] devia ser aquela que dissesse respeito – de uma maneira pura como seu próprio espírito – ao indivíduo livre e radicado em sua própria consciência, ainda que não tivesse deixado de atuar na sociedade e sublimasse seus impulsos” (ADORNO, 2010, p. 13).

A formação que encontra correspondência na sociedade acaba por desprender-se do seu fim, de possibilitar que o ser humano seja livre e que prevaleçam oportunidades iguais para todos. No entanto, evidenciou-se o oposto: as relações demonstraram ser degradantes e heterônomas, numa hostil guerra de todos contra todos. O desejável fim da exploração do homem pelo homem, numa sociedade mais lúcida e firmada em sua autonomia de ser humano, não se consolidou. Mesmo que a própria concepção de formação exija necessariamente a práxis, isto não pode ludibriar seu principal propósito (ADORNO, 2010).

Contudo, a partir da ascensão burguesa ao poder no século XVII, na Inglaterra, é possível perceber as influências das forças econômicas sobre a dinâmica da formação cultural e, portanto, da consciência do ser humano. A disparidade da consciência transformou o burguês em empresário, demonstrando maior destreza em lidar com tarefas econômicas e administrativas. Com maior consciência de si os “[...] dominantes monopolizam a formação cultural numa sociedade formalmente vazia”, possibilitando o surgimento de classes sociais (ADORNO, 2010, p. 14).

3.3 ALIENAÇÃO NAS PLATAFORMAS DIGITAIS

Na desumanização do capitalismo de produção, a formação do ser humano prioriza o trabalho físico, nega o ócio e o espírito. A semiformação, assim, atende a

essa necessidade, veiculada pelos meios de comunicação, representados na atualidade principalmente pela televisão, rádio, internet e redes sociais.

Se da primeira transmissão de rádio até a primeira transmissão televisiva decorreram alguns anos, com o surgimento dos inegáveis avanços da tecnologia da informação este espaço de tempo reduziu significativamente. Com isso é possível observar vasta contribuição para o surgimento de novas tecnologias que, encadeadas, estimularam o desenvolvimento e a produtividade do sistema capitalista que não cessa de expandir. Nos dias atuais, a informação é determinante nas relações comerciais; a internet é ponto nodal, não apenas em si, mas como plataforma de outras mídias como: rádio, TV, aplicativos, rede sociais, conteúdo para leitura e de áudio. Nesse sentido, existe uma enxurrada de informações disponíveis, o dinamismo é uma marca registrada deste modo de percepção do espaço digital que condensa tudo em *bits* (GUARESCHI, 2006).

No espaço digital o ser humano é envolvido a todo instante em novidades físicas e em uma abundância de informações que falam diretamente com o indivíduo, numa tentativa persistente de submetê-lo à heteronomia¹⁵ de outrem (ADORNO, 2010). Adorno já havia observado que, desde o início do capitalismo, as condições de vida proporcionadas à grande massa de trabalhadores são degradantes, com baixos salários e extensas jornadas de trabalho. Na atualidade persiste grande parte dos mesmos elementos, podendo ser observados com a mesma lógica. Trabalhadores com extensa jornada de trabalho e limitados no lazer tendem a procurar satisfazer-se com experiências pautadas na ideia de consumo, sob a justificativa de merecimento ou compensação. Nesse sentido, o trabalho é visto como um tipo de sofrimento expiatório e o acesso aos bens de consumo como uma forma de compensação remissiva do trabalho alienado. O sofrimento é recompensado com as benesses da sociedade de consumo. Essa justificativa torna-se a deixa para os agentes publicitários, que procuram aproximar as ideias de consumo e de entretenimento (COVALESKI; SIQUEIRA, 2017).

Nessas condições o ser humano permanece em uma atmosfera de submissão total ao sistema econômico, impotente para usufruir qualquer coisa que não esteja relacionada à sua autoconservação. Desse modo, a própria formação cultural entra imediatamente no campo ideológico (ADORNO, 2010).

¹⁵ Sujeitar-se à vontade de outrem, sem autonomia.

Esse aspecto, imbricado com o esquema da indústria cultural, é prejudicial ao processo formativo emancipatório do ser humano e ponto nuclear para a melhor compreensão do tempo hodierno. Na sociedade – que exponencialmente vem apropriando-se de uma cultura digital e caracterizando-se por uma espécie de vício compulsivo – o indivíduo é alimentado instantaneamente por estímulos ao consumo de novíssimos produtos audiovisuais, e prevalecem sensações necessárias para equilibrar a manutenção destas representações e preservar o sistema de dominação (ZUIN; ZUIN, 2017). A indústria cultural, no lugar de proporcionar bens de formação cultural às massas, acaba por neutralizar uma real formação espiritual dos seres humanos, ou seja, impedindo que o ser humano alcance sua emancipação (ADORNO, 2010).

A dissolução da autenticidade do bem cultural introduz no ser humano condições precárias em sua possibilidade de usufruir em plenitude a própria experiência formativa emancipatória. A consequência da interação com bens culturais não autênticos é o desenvolvimento da percepção de um conhecimento sólido que, no entanto, é apenas uma caricatura superficial que não permite a compreensão da realidade como um todo, constituindo os fundamentos da semiformação. Do ponto de vista psicológico, esse ser é limitado na compreensão de conteúdos mais elaborados, candidatando-se ao propício pedantismo de quem pode avançar pouco além do que já lhe foi dado (ADORNO, 2010).

Em grande medida esse aspecto é reforçado pela cultura midiática que não se limita apenas em ser uma janela para divulgação de produtos digitais; persistem elementos condicionantes ao vício do consumo destes produtos. Zuin e Zuin (2017) observam que, a partir do pensamento de TÜRCKE, é possível estabelecer uma ponte entre o vício no consumo de produtos digitais e uma nova concepção ontológica, na qual o ser adquire significância ao “[...] ser percebido por meio da compulsão, para emitir a própria imagem e comentários, sobretudo por meio do uso das redes sociais” (ZUIN; ZUIN, 2017, p.427).

A relevância adquirida pela representatividade do ser ontológico na sociedade atual não se limita ao ser apenas em si, mas de um ser percebido pelo outro, neste modelo de cultura digital. Mesmo que a cultura digital esteja radicada na sociedade atual, esta situação é o reflexo do mundo globalizado e não idiosincrasia individual ou de um grupo de pessoas conectadas em redes sociais (ZUIN; ZUIN, 2017).

3.4 ENFRAQUECIMENTO ESPIRITUAL NA FORMAÇÃO TRADICIONAL

A estrutura tradicional de formação cultural assemelha-se na identificação à figura paterna, prevalecendo a autoridade em contrapartida à submissão daqueles que têm o juízo de não se opor. A autoridade pode ser severa em seu determinismo. Se por um lado ela pode ajudar o ser humano a alcançar a realização social prometida, por outro ela enfraquece sua capacidade espiritual, ao limitar a autonomia. Nesse sentido, há um processo de obliteração do espírito. Embora o aspecto mediador da autoridade seja constitutivo na relação cultura e sujeito, o processo de ruptura é importante como marcação de indenidade do ser humano. Nesse sentido, a autoridade tradicional pode ser questionada ao ser reconhecida como “antiquada”, entretanto, sua falta também enfraquece o espírito humano pela supressão de direcionamento (ADORNO, 2010).

A autoridade no processo formativo revela que por um lado, é preciso reconhecer que existem pessoas que sabem mais do que outras acerca de determinados assuntos; por outro lado, a busca da emancipação supõe a realização da autonomia, como superação de concepções prontas e padrões socialmente estabelecidos. Nesse sentido, segundo Adorno, embora a autoridade faça parte do processo constituinte da formação humana, é importante que essa etapa não permaneça, que não se transforme em glorificação e submissão que produzem “idiotia”, “menoridade” e “mutilações psicológicas” (ADORNO, 1995, p.176-177).

O frankfurtiano reconhece que o mecanicismo possui certo valor para o processo de aprendizagem na medida em que estimula a pesquisa científica, porém, este “[...] priva o intelecto e o espírito de uma parte do alimento de que se nutre a formação” (ADORNO, 2010, p. 22). A desvalorização do espírito resulta na valorização de uma formação pautada no realismo prático, instantâneo e repetitivo. Diferentemente disso, a formação do espírito necessita de longas, complexas e demoradas reflexões para adquirir robustez. E este é o ponto nodal, que pretensiosamente os detentores do poder querem evitar que seja alcançado pelas massas (ADORNO, 2010).

Segundo Adorno, a formação cultural é um mecanismo de controle social, sendo assim é importante a “[...] proteção diante das atrações do mundo exterior, certas ponderações com o sujeito singular, e até lacunas de socialização” (ADORNO, 2010, p. 22). O autor chama a atenção para o movimento de separação

da linguagem verdadeira e da comunicação, presente na indústria cultural, que também ocorre na formação cultural. Preponderante é considerar que a formação não pode ser percebida simplesmente como meio para alcançar um objetivo, ela deve observar a necessidade de uma formação imanente ao desenvolvimento humano e que estimule a criticidade. A formação não deve represar o “[...] idealismo especulativo, a doutrina do caráter objetivo do espírito, transcendente à pessoa singular meramente psicológica [...]” (ADORNO, 2010, p. 23).

Adorno analisa os impactos da ruptura contemporânea com a metafísica como um esmagamento do conceito de formação (*Bildung*), sem que novos elementos contemplem o desenvolvimento de nossas capacidades espirituais. Embora Adorno não seja um saudosista do discurso metafísico, a sua crítica recai sobre a “mitologia substitutiva” da indústria cultural, que ocupa o lugar da formação tradicional (o conceito clássico de *Bildung*, de matriz humanista/metafísica) sem oferecer uma equivalente elevação espiritual. O entendimento de que a formação cultural priorizou o estabelecimento de normas e qualificações para uma formação controlável e de aparência resulta em generalizações, contribuindo negativamente para o caráter superficial dos conteúdos. Além disso, a criação de modelos avaliativos da formação reforçam o “mecanismo de dominação social”, pois o ser humano é forçado a enquadrar-se na submissão do modelo, para preservar as relações de sobrevivência social (ADORNO, 2010, p. 23).

O instinto de sobrevivência social contém o princípio de equivalência, marcadamente relevante no período feudal, especialmente na representatividade de imagens religiosas. Esse princípio fornece pistas dos dias que o sucederam até a contemporaneidade da semiformação. Na crença religiosa do período feudal o ser humano devoto receberia proteção em troca da adoração de seu deus ou dos santos. Nesta barganha se introduziu o princípio de equivalência e de troca. A ideia se estendeu pelo tempo até alcançar as almas sofridas da atualidade que, do mesmo modo, querem encontrar a antiga crença no princípio da substituição. E, segundo Adorno, a via de acesso atual é a semiformação (ADORNO, 2010).

3.5 O EFEITO PERSUASIVO DO “AMOR TELEVISIVO” NO ESTÍMULO AO FETICHISMO MERCADOLÓGICO

Rüdiger (2013) utiliza como exemplo duas telenovelas brasileiras – *Sol de verão* e *Mulheres apaixonadas*, exibidas na Rede Globo entre 1982/1983 e 2003, de autoria de Manoel Carlos – para demonstrar a presença da indústria cultural nas vidas dos brasileiros e como ela vem adaptando-se com o propósito de inculcar ideologias. Ambas apresentam como núcleo central a busca pelo “verdadeiro amor¹⁶”, aproveitando a existência de uma crise nos relacionamentos. As telenovelas em questão são marcadas pela construção narrativa que explora as peripécias do cotidiano, em uma constante construção estética para radicar uma consciência ideológica abordada na transmissão televisiva:

O receptor se envolve com uma experiência ao mesmo tempo excitante aos sentidos e inteligível à razão para ter, no final, a satisfação de que tudo que lhe fora prometido aconteceu, seja a vitória do bem, seja o triunfo do mal, mas jamais algo que, positiva ou negativamente, extrapole o registro previsível da moralidade e, por essa via, o que está estipulado pela ordem que comanda sua existência. (RÜDIGER, 2013, p.132).

A temática da trama apropria-se do amor como instrumento de “[...] explicação universal e solução ideológica para, virtualmente, todos os conflitos humanos e sociais” (RÜDIGER, 2013, p.132). A ideia é que o amor é mais relevante que a moral, entretanto, é justamente o contrário: o mundo se resolve pela moral e nas relações políticas. O amor televisivo é aquele que vence as forças econômicas e o conformismo social, dando ao indivíduo a capacidade de superar todas as limitações cotidianas. Embora o amor romântico esteja presente há séculos na sensibilidade estética humana, ele evolui com o apelo da indústria cultural na literatura, no cinema e nas mídias digitais. A fluidez e fácil aceitação das telenovelas no consumo das massas se deve em grande medida à “[...] imaginação melodramática¹⁷” na qual, por meio de distintas tramas e problemáticas, ocorrem revéses emocionais que costumam caracterizar este gênero (RÜDIGER, 2013,

¹⁶ Amor puro, que traz prazer e harmonia, baseado no sentimento e não na excitação, uma sensibilidade que não é unilateral.

¹⁷ Personagens bem delineados em seus respectivos caracteres, reviravoltas na história, pouca profundidade ou densidade de temas, redenção ou punição do mal, vitória do bem, entre outras características geralmente previsíveis. Dentre elas, destaca-se a polarização da moral. Gênero que se encaixa perfeitamente nas telenovelas.

p.133). A linguagem narrativa das telenovelas é despreocupada com complicações e ambiguidades da produção audiovisual, o importante é manter o interesse do telespectador (RÜDIGER, 2013).

As narrativas costumam retratar o protagonismo do/a herói/heroína romântico/a predestinado/a a lutar por seus desejos e ideias de forma integral. Ainda que possa cometer erros em suas decisões, ele/a persiste na busca de novas experiências e na busca incessante do “verdadeiro amor” (RÜDIGER, 2013, p.137). Nesse sentido, a personagem feminina ganha o *status* estruturador na trama narrativa do melodrama. Aliás, há sinalização ideológica ao telespectador quanto à insustentabilidade do romantismo, que aponta para certo conformismo que substitui os relacionamentos sensíveis por relações pautadas no pragmatismo e em uma racionalidade equilibrada (RÜDIGER, 2013).

Disso resulta que “[...] na conjuntura, os relacionamentos, embora respingados por um discurso promocional, passaram a abdicar da pretensão de se legitimarem por complementaridade e romantismo” (RÜDIGER, 2013, p.142). Rüdiger (2013) afirma que, no Brasil dos anos 1990, a indústria cultural atuava com convicção estratégica e oportunismo ao procurar idealizar os elementos nos relacionamentos que assemelhavam o romantismo a um ornamento. No mundo ficcional e melodramático das telenovelas os relacionamentos e tensões entre personagens são enfrentados superficialmente e sem questionamentos contundentes. Nesses engendramentos o ser humano é inerte em ideologias que transmitem perspectivas distintas. Se por um lado persiste a procrastinação de problemas, por outro a percepção da experiência emocional é um adendo que costuma revelar a fragilidade dos relacionamentos (RÜDIGER, 2013).

Na atualidade o amor é algo imposto às massas, especialmente como forma de integração social e possibilidade de superar a competição entre as pessoas no inviabilidade do romantismo como “[...] projeto de vida para todo o sempre aparentemente pode ser posto de lado de forma muito rápida de suas expectativas” (RÜDIGER, 2013, p.144). A problemática das narrativas televisivas tem como núcleo as vicissitudes de relacionamentos pautados no amor, dinheiro e poder (RÜDIGER, 2013).

O impacto psicossocial da telenovela ocorre por mimese, estimulando por similitude e afinidade a possibilidade de sonhar e emocionar-se com os revéses dos personagens. Essa intimidade estimula a ilusão de semelhança com a realidade,

sem a qual não seria possível desfrutar do prazer estético do melodrama (RÜDIGER, 2013). Esse prazer é o elemento que possibilita a exploração mercadológica da telenovela, proporcionado por conteúdos fantasmagóricos desenvolvidos pela indústria cultural (RÜDIGER, 2013).

Nesse contexto, o ser humano mergulha em uma alienação profunda, na qual é difícil distinguir quais concepções são ilusões midiáticas e quais representam a realidade. Esse tipo de psicose social é perceptível nos relacionamentos digitais e nas redes sociais. A simples utilização dessas redes pode adquirir uma significância ontológica, no que diz respeito à disponibilidade de estar *online*, além da importância da repercussão de uma mensagem do *Facebook* ou do *WhatsApp*. O conhecimento passa a ser construído mediante informações empilhadas num agregado de *links* compartilhados e que tornam os indivíduos superficiais. A semiformação se renova nesse mecanismo, que inviabiliza a reflexão profunda e enaltece uma sociedade de cultura digital de informações repentinas, impactantes e voláteis ao esquecimento. (ZUIN; ZUIN, 2017).

No esquema manipulador é possível reeditar conceitos e informações, na medida em que o pensamento crítico vai esvanecendo na sociedade. O pensamento crítico que procura verificar a autenticidade do que lhe é oferecido encontra obstáculo naqueles que não são suficientemente livres para pensar sem o alinhamento a outrem (ADORNO, 2010).

3.6 IDEOLOGIAS NA SOCIEDADE MIDIÁTICA

Nos dias atuais, a representatividade das mídias na sociedade vem demonstrando ser um fenômeno irreversível e abrangente em todas as esferas da vida do ser humano. A comunicação é uma ferramenta preponderante na concepção de trocas simbólicas, a qual, no decorrer do processo, tem o potencial de realizar uma mudança de comportamento (GUARESCHI, 2006). As mídias estão presentes na maior parte do dia-a-dia do ser humano, seja no trabalho, nos estudos ou no tempo livre, com uma exigência para a própria vida humana e um condicionamento à alienação calcada pela semiformação. Nesse sentido, o poder de uns aumenta diante da impotência social de outros. Contudo, segundo Adorno, o modelo de semiformação não permanece restrito às camadas mais humildes da sociedade. Ele diz que não é possível

[...] subsumir, em absoluto, todos os homens e todas as camadas indiscriminadamente sob aquele conceito, mas delineia uma tendência, esboça a fisionomia de um espírito que também determinaria a marca da época se tivéssemos que restringir quantitativa e qualitativamente o âmbito de sua validade. (ADORNO, 2010, p. 18).

A semiformação, portanto, não é um conceito absoluto, caso contrário assumiria um caráter ideológico. Mesmo presente em todas as esferas sociais e com poucos elementos estatísticos que retratem sua realidade, o seu principal opositor continua sendo a concepção de formação cultural tradicional¹⁸ (ADORNO, 2010).

O próprio pensamento reificado representa a semiformação, na medida em que adquire caráter mercadológico. A semiformação pode ser percebida, assim, como limitação do pensamento refletido, nutrida por poucas ou incompletas verdades oferecidas, mas que são persistentes para adentrar na intimidade do ser humano. O objetivo é encontrar e realizar correspondências com a vida do indivíduo, que tem sua formação prejudicada na medida em que o conteúdo que recebe chega carregado de ideologias (ADORNO, 2010).

Refletindo acerca da crítica adorniana em nosso contexto atual, com a diversidade de mídias e plataformas digitais, experienciamos uma explosão de informações proporcionada principalmente pelas telas de dispositivos eletrônicos, que seguem a lógica de realizar relações mentais numa proposta de criar mapas para o consumo audiovisual. Esse aspecto ganha profundidade ao penetrar a psique do ser humano, visto que este mergulha num vício pelo consumo audiovisual, alimentado pelo frenesi das novíssimas informações que não têm limites, pois são apresentados conteúdos radicalmente impactantes e descompromissados com as consequências (ZUIN; ZUIN, 2017).

É justamente nesse ponto que a indústria cultural realiza a subsunção do caráter exploratório do consumismo, incutido na semiformação, integrando a realidade estendida e procurando identificá-la ao ser humano por meio de diferentes mídias e expressões. O ser humano adentra um processo fisiológico de sensações, em uma busca desenfreada pelo prazer proposto nas plataformas digitais (ZUIN; ZUIN, 2017). Os dias atuais revelam que tanto o telespectador quanto o internauta podem apreciar ampla variedade de conteúdos nessas plataformas, seja na forma de entretenimento ou de informação. No entanto, a facilidade do acesso e a

¹⁸ Relacionada à autoridade da figura paterna.

possibilidade de seleção dos conteúdos favorecem uma recepção fragmentada, superficial e por meio do excesso de sensacionalismo e posições cativantes (BECKER, 2014).

A crescente disponibilidade de conteúdos digitais fornece a ilusão de uma fartura cultural que torna possível vislumbrar espetáculos, filmes ou realizar um passeio virtual em um museu a milhares de quilômetros de distância a um simples toque no dispositivo eletrônico. Essa experiência “facilitada”, ao mesmo tempo que possibilita, também reduz o acesso a pessoas distantes de espetáculos e museus, além de restringir a cultura a meros produtos para uma apreciação efêmera, sem a vivência autêntica, a imersão e o tempo oportuno para uma contemplação reflexiva.

Além disso, o fluxo incessante desses conteúdos é apresentado de forma impactante, propício a percepções distorcidas e mudanças de comportamento, favorecendo o consumismo a usufruir desenfreadamente dos conteúdos aos quais se identifica (ZUIN; ZUIN, 2017). Porém, essa identificação e relação de consumo não podem assegurar proteção na vida social, o que as torna frágeis. Do mesmo modo, elas não podem enaltecer ou instigar uma razão refletida, pressuposto para emancipação do ser humano, pois é justamente isto que pretendem afastar (ADORNO, 2010).

Essa condição força o ser humano a prostrar-se ao poder totalitário que se reproduz no interior da sociedade, impedindo de realizar a adequada problematização de sua vida falsa e reificada, e tornando-o incapaz de ascender à verdadeira realidade, emancipadora, por falta de discernimento. Segundo Adorno é “[...] evidente o pesar que nos marca a ausência de um cosmo social e espiritual”, (ADORNO, 2010, p. 20) uma vez que nesse estado não se vislumbra a totalidade à qual pertence.

Na percepção de Adorno (2010), a formação é antinômica, pois mesmo carregada do pressuposto de liberdade e autonomia sua própria definição remete a uma estrutura pré-estabelecida, à qual o ser humano deve subordinar-se. A formação carrega em si os ideais constituintes do ser integrado à realidade, na qual continuamente realiza processos de filtragem de informações que não cessam. Essa filtragem produz uma consciência que, quando desprovida do pensamento refletido, fortalece a semiformação e a subordinação.

Türcke (2010) procura refletir sobre a estrutura das mídias atuais a partir da abordagem adorniana e realiza importante consideração quanto à contribuição do

jornalismo sensacionalista nesse cenário estruturante da subordinação. Para ele, esse tipo de jornalismo valoriza de forma categórica muito mais a busca pela audiência do que o cultivo pelo respeito à condição de fragilidade na qual se encontra o outro ser humano. Aliás, ele é utilizado como personagem de uma tragédia cuja apresentação visa apenas a cativar audiência. Segundo as contribuições de Becker (2014, p. 2), na disputa por audiência persiste a invasão dos “gêneros informativos e ficcionais”, ao passo que o ser humano mergulha na frenesia pela busca do instantâneo e impactante.

Na corrida por audiência os conteúdos jornalísticos, esportivos e de entretenimento adquirem uma linguagem híbrida ao procurarem estabelecer conexões de uns conteúdos com os outros, por meio da utilização de distintos veículos de comunicação. O objetivo é tornar o conteúdo disponível a qualquer momento via plataformas digitais, aproximando o jornalismo da lógica do entretenimento para angariar mais audiência. Seja por meio do jornalismo sensacionalista, que propõe entretenimento a partir de episódios grotescos, seja por meio do jornalismo informal, que flerta com a crônica humorística e com o gêneros dos programas de auditório, a tendência é a absorção da informação como forma de entretenimento. Além disso, a possibilidade de interatividade proposta nas plataformas é um instrumento importante para caracterizar o comportamento e a satisfação do consumidor na forma de comentários, curtidas ou compartilhamentos. Entretanto, é relevante observar que quanto maior colaboração e interatividade nas notícias também será maior a contextualização ou inventividade estética: “[...] o acúmulo de informações nem sempre resulta na construção de informações mais plurais do cotidiano social em áudio e vídeo no ambiente midiático onde o telejornal está inserido, prevalecendo discursos dominantes ou redundantes” (BECKER, 2014, p. 11).

Para Becker (2014), a partir de 2013 houve um deslocamento do modo como as notícias vêm sendo percebidas na sociedade brasileira, em grande medida impulsionado pela contribuição de fontes não convencionais¹⁹ de jornalismo. Essas fontes tornaram-se alternativa para o consumidor, até então limitado à subordinação

¹⁹ Os Ninjas, como nomeia Becker (2014), se destacaram pela descentralização da informação, infiltrados entre os manifestantes, possibilitaram uma cobertura em *streaming* baseada na contribuição de pessoas com uma mídia móvel sem a editorialização das reportagens televisivas e com o compartilhamento nas redes dos próprios manifestantes

do jornalismo tradicional²⁰. Porém, o não convencional é caracterizado por certa ambiguidade, pois tanto podem agregar informações como contornar e remodelar conteúdos já disponibilizados pela mídia tradicional. Embora a relevância do jornalismo não convencional seja modesta em comparação com a representatividade dos grandes grupos midiáticos, é possível observar expressivo crescimento dessa alternativa de jornalismo (BECKER, 2014).

Como forma de exemplificar esse deslocamento de percepção da notícia a autora faz referência aos protestos ocorridos em junho de 2013 no Brasil²¹ com o chamado Movimento Passe Livre para demonstrar as mudanças do comportamento do consumidor de mídias digitais. Para ela, houve uma tentativa de conciliação da notícia por parte do telejornal JN (Jornal Nacional – apresentado na Rede Globo), no qual manifestantes pacíficos, violentos ou baderneiros teriam sido rotulados, soando como tentativa de parcialidade da notícia. Os manifestantes pacíficos passaram a ser valorizados e ouvidos no JN, enquanto os violentos eram malditos ou excluídos das reportagens. Esse modo de condução da notícia passou a inviabilizar a opinião daqueles que atacam a emissora ou as equipes de reportagens. Como resposta da emissora, as notícias passaram a ser filtradas e direcionadas. Conseqüentemente, as informações teriam perdido sua integridade, passando a caracterizar-se pela superficialidade. Este condicionamento teria favorecido o surgimento de notícias provenientes de meios não convencionais (BECKER, 2014).

A modalidade de notícias obtida pelo jornalismo não convencional abriu caminho para uma maior interatividade entre consumidor e notícia via comentários, uma vez que o jornalismo tradicional não possibilita essa interação, a não ser que seja por meio de compartilhamento de *links* pelo *Twitter* ou *Facebook* (BECKER, 2014). É importante frisar que os comentários são espelhamentos das concepções e conhecimentos prévios embasados na própria realidade do ser humano, que permanece limitado a um mero intérprete dos acontecimentos na interação com as notícias. As tecnologias digitais possibilitam a “[...] ressignificação das narrativas jornalísticas”, porém, ainda assim, o consumidor permanece à mercê do modo como as notícias são construídas e consumidas (BECKER, 2014, p. 11). Nesse contexto,

²⁰ Modelo de Jornalismo praticado por grandes grupos midiáticos.

²¹ O MPL envolveu milhares de manifestantes que foram às ruas para protestar e reivindicar a revogação do reajuste da passagem de ônibus, como uma demonstração de força da própria sociedade civil. O movimento foi arquitetado nas redes sociais, com ampla participação de jovens. Na ocasião, houve depredação do patrimônio público e privado, assim como práticas violentas envolvendo polícias e manifestantes.

desprovido de informação autêntica, essa possibilidade de interação e até de criação de conteúdo parece reforçar e ampliar as possibilidades da semiformação, na medida em que fortalece a fragmentação e a preponderância da opinião pré-concebida sobre a reflexão.

É notório considerar que nos dias atuais os conteúdos midiáticos são resultados de sucessivos compartilhamentos nas redes, podendo ser tanto formais quanto informais. No entanto, independentemente disso, eles “[...] transcendem ações individuais para atuações coletivas e comunitárias” (BECKER, 2014, p.6). Portanto, os conteúdos híbridos circulam nas redes, seja pela via comercial ou não comercial, ocasionando novas interpretações no fluxo das mensagens. Essa dinâmica tende a reposicionar os conteúdos midiáticos na sociedade, principalmente nas instituições políticas e culturais, propiciando a intensa circulação e propagação da semiformação por meio de conteúdos superficiais (BECKER, 2014).

A questão não são os casos peculiares, mas o efeito totalizante da mídia, que não descansa e sempre busca novas reportagens impactantes e de cunho dramático (TÜRCKE, 2010). Ainda que o ser humano não seja obrigado a tomar conhecimento desse tipo de notícias, parece ser impossível ficar totalmente alheio às informações em uma época tão conectada. A impressão é que o ser humano passa a conduzir a própria vida à partir da busca de sensações da vida social. Outro ponto a ser observado na concepção jornalística é a dissociação entre ocorrências e notícias. Ocorrência está relacionada aos fatos que dizem respeito às partes envolvidas, diferentemente de notícias, que possuem representação pública e portanto social (TÜRCKE, 2010).

Nesse processo o ser humano, temperado com ingenuidade e ignorância e influenciado pelas notícias, identifica o mundo em suas relações instantâneas com os objetos e com as ideologias dominantes. O factual, sintetizado e suplantado de intencionalidades, provoca sensações por meio de produções midiáticas de amplo alcance social, resulta no encolhimento do pensamento refletido. A interatividade com essas produções superficiais e descompromissadas fragilizam paulatinamente o desenvolvimento crítico do pensamento. O encadeamento entre a precariedade do conteúdo e a implementação do processo ideológico favorece a inserção do ser humano no movimento de semiformação, no qual o preponderante é obter instantaneamente um conhecimento. A criticidade da consciência emancipadora é apartada pela objetividade da representação e pelo imediatismo. A própria formação,

que já fora estruturada numa ideia de tradição, adentra agora em outra perspectiva, que a considera como meio para alcançar um objeto específico (ADORNO, 2010).

Na semiformação é possível renunciar a racionalidade e retroceder ao mitológico. Se no passado o ser humano percia no medo e na angústia, causados por monstros e feitiços, na contemporaneidade as forças são outras. A destruição pode vir pela linguagem que fala a todos, inserida nos diferentes e vastos meios de comunicação como a mídia em geral, rede sociais ou ainda por meio das *fake news*. O surgimento das *fake news* possui raízes mais profundas àquelas apresentadas na atualidade, podendo ser identificado ao logro e à busca por liberdade desde o surgimento das primeiras civilizações. A tentativa de convencimento e manipulação dos outros necessita desconsiderar e enfraquecer o pensamento refletido, sob a argumentação de ser uma carga intelectual desnecessária e, portanto, ruim. Essa argumentação sustenta-se apenas pela força da mentira ao encontrar terreno fértil na semiformação (LOUREIRO; GONÇALVES, 2021).

A disseminação de *fake news*, particularmente nas redes sociais, pode ser percebida como tentativa de adequação à realidade externa, embora sem exame e reflexão. Na fragilidade de uma educação que conecte e atribua sentido à realidade e viabilize a autocompreensão, o entendimento de como são feitas as escolhas abstratas fica comprometido: “Por trás do absurdo discursivo, que surge como imperativo dentro de cada tentativa de se legitimar aquilo que a própria consciência atesta como falso, existe uma considerável dose de cinismo” (LOUREIRO; GONÇALVES, 2021, p.3).

Cognitivamente existe certa predisposição humana para circunstâncias que proporcionem emoções e reforcem convicções já formadas e não para a objetividade de fatos concretos. É preciso considerar que a disseminação de *fake news* tem relação com o impulso da sociedade à perversão e ao conflito audiovisual da atualidade, o que se justifica pela semiformação (LOUREIRO; GONÇALVES, 2021).

A grande questão que paira na sociedade moderna é: até que ponto a imprensa ou as redes sociais são imparciais ou independentes na disseminação de seus conteúdos, dentro do que pode ser chamado de sistema ideológico em construção? Segundo a hipótese de que a imprensa jornalística e as redes sociais trabalham a favor da indústria cultural, submetendo-se a ela, o grande público está submerso em *fake news* (LOUREIRO; GONÇALVES, 2021).

Contudo, segundo Loureiro e Gonçalves (2021), a concepção de que a imprensa jornalística e redes sociais corroboram plenamente a indústria cultural é leviana e ideológica, tanto quanto a percepção da atividade jornalística em geral como algo totalmente independente das pressões mercantis do sistema capitalista. A argumentação reforça a importância do exercício dialético como ferramenta promotora do contraditório, possibilitando sucessivas reconstruções da realidade.

A grande questão que se levanta na atualidade é como o surgimento de *fake news* expandiu-se em larga escala na vida do ser humano, agregando credibilidade num suposto movimento mimético de autopreservação? (LOUREIRO; GONÇALVES, 2021). O que não é segredo é que a indústria cultural vem utilizando dessas e outras ferramentas desde seu surgimento que, como reflexos da própria sociedade, carrega em si o potencial destrutivo da psique na dinâmica social (ADORNO, 2010).

A dinâmica social sofre expressivo impacto com a disseminação de uma cultura digital, a qual, em grande medida, passa por um dispositivo eletrônico que evolui muito desde sua criação e está presente em larga escala nas mais distintas nações: o telefone móvel. Esse dispositivo conecta o indivíduo ao mundo, a partir de uma torrente de informações que invadem instantaneamente sua intimidade. A profundidade e efeitos do celular nas vidas humanas adquirem dimensões psicossociais, inundando as subjetividades com a mesma objetividade ideológica e padronizada. Diante da possibilidade do consumo imediato e acessível, o dispositivo portátil possibilita que as vidas passem diante dos olhos assíduos e as telas reflitam as expectativas subjetivas, seja nas redes sociais, nos conteúdos jornalísticos, nas plataformas de vídeos ou programas televisivos (ZUIN; ZUIN, 2017).

Assim, o surgimento de distintas plataformas midiáticas acirrou ainda mais a disputa pelo interesse do consumidor, e essa competição exige que o produto seja cada vez mais chamativo e interessante. O cotidiano pode ser demasiadamente banal e pouco lucrativo se observado e reproduzido apenas como um produto comercial. Ele precisa ser reconstruído. Com efeito, a reconstrução estética do conteúdo pode ser bem lucrativa, principalmente se alavancada pela indústria cultural, que tanto pode inflar como suprimir sensações e percepções humanas. Regularmente, parte considerável dos apelos da indústria cultural passa pelo relacionamento amoroso, que ganha relevância excepcional no entretenimento das massas como uma necessidade fisiológica e/ou espiritual, ao mesmo tempo em que estimula o consumo e o fetichismo mercadológico (RÜDIGER, 2013).

3.7 PUBLICIDADE E FETICHISMO MERCADOLÓGICO

Segundo TÜRCKE (2010, p. 23), a propaganda atua como “[...] fermento da administração estatal” pois penetra nas vidas dos consumidores fomentando o consumo e alterando a própria percepção”. Evidentemente, o grande objetivo da propaganda é transmitir a ideia de compra do bem, mediante o esforço de torná-lo irresistível. Essa proposta é modelada paulatinamente numa cultura comunicativa que deve ser formada. Outro ponto destacado por TÜRCKE (2010, p. 25) é a peculiaridade das propagandas procurarem transmitir uma ideologia num espaço de tempo reduzido, sendo este um “[...] desafio estético de primeira grandeza”.

Recentemente, a propaganda audiovisual apresentava-se como milagrosa, propondo soluções imediatas, ilusórias e autoirônicas. Esses aspectos precisaram ser implementados, pois os consumidores estão menos ingênuos. A necessidade de deslocamento transformou os consumidores em agentes e compartilhadores de conhecimentos:

[...] um copensador, alguém com quem só se terá sucesso se o comercial adiantar algo do prazer que a compra promete. Um comercial está então no ápice de seu meio quando preenche o requisito daquilo que em francês é chamado *nerveux* – quando excita o sistema nervoso como um todo, prazerosa e eletrizantemente, em uma estrutura sensorial na qual o produto em questão se encontra firmemente inserido. (TÜRCKE, 2010, p.26-27).

No pensamento de TÜRCKE, essa eletrificação estética faz o engendramento entre arte e comércio (TÜRCKE, 2010). A formação do ponto de vista mercadológico está imbricada nas necessidades de integração e objetividade, nas quais o ser humano é regido e submetido pelas forças do mundo administrado. A impotência humana permanece na semiformação, que nas palavras de Adorno “[...] é o espírito conquistado pelo caráter de fetiche da mercadoria” (ADORNO, 2010, p. 25). Nesse contexto, a cultura é reconhecida por meio da figura daqueles que promovem sua mercantilização, seja por meio de produtos físicos ou intelectuais. Esses produtos, expostos no mercado, não possuem compromisso de autenticidade como prometido pelos marqueteiros, prevalece uma alusão de causas como sustentabilidade, assistencialismo ou credibilidade. Na maioria das vezes, esses referenciais são apenas recursos de *marketing* com pouca representação efetiva nas causas prometidas. Na predestinação do uso de informações condensadas nas vinhetas, as

mídias digitais carregam a intencionalidade de abraçar a maior fatia de consumidores possível. Nesse sentido, o ponto central é realizar uma atualização, reavaliando a expansão da dimensão histórica, do espaço e tempo em que a semiformação vem se reproduzindo e se vitalizando na sociedade dotada de uma cultura digital (ZUIN; ZUIN, 2017). A formação cultural, desde a modernidade, é impulsionada pela motivação do lucro, que não tem limites para promovê-la como se fosse uma nova categoria da cultura.

O crime, para Adorno, consiste em diluir e adaptar a cultura para facilitar a compreensão, possibilitando, assim, vendê-la a todos. O nicho de semiformação não passa despercebido pela indústria cultural; motivada pela primazia do lucro, logo movimenta seu esquema, a começar pelas mídias, com livros resumidos e simplificados, e notícias parcialmente reveladas (ADORNO, 2010). Na cultura digital, a indústria do entretenimento busca no ambiente digital criar o jogo interativo e lúdico por meio de sons e imagens para proporcionar verdadeiros espetáculos, transmitindo a ideia de pertencimento, como se o indivíduo estivesse incluído num grupo seletivo. Conteúdos exóticos e atrativos são artimanhas para o engajamento emocional do ser humano. Covalski e Siqueira (2017) percebem o aspecto de hibridização da publicidade, no qual ela se afasta das estratégias tradicionais para ascender em conteúdos maquiados de entretenimento, onde a diversão não aparta a persuasão.

A persuasão prevalece sustentada por conteúdos atrativos, de fácil comunicabilidade, acolhedores e que procuram falar diretamente com os indivíduos. Os avanços e recursos no ambiente digital possibilitaram o surgimento da inteligência artificial, uma importante ferramenta que vem demonstrando ser aliada da indústria publicitária. Nas relações entre os produtos e correlações com as buscas dos internautas no ambiente digital, a inteligência artificial aproxima outros conteúdos de forma indutiva, mirando personalizar o consumidor. A interação do ser humano com sucessivas propostas de conteúdos digitais cria neste a ilusão de estar atualizado e, portanto, de ser conhecedor do assunto (COVALESKI; SIQUEIRA, 2017).

Nos sensacionalismos e adaptações tudo se torna rotina; a pretensão é iludir o expectador e fazê-lo crer que possui uma consciência que na verdade não tem. Nesse sentido, temos a chamada “moeda social”, que consiste em interpretações da realidade que desencadeiam ações instantaneamente na sociedade ao atribuírem

valores lúdicos e diversionais, desconsiderando qualidade técnica e eficiência de produtos e/ou conteúdo intelectuais (COVALESKI; SIQUEIRA, 2017). O propósito é iludir o ser humano e fazê-lo crer que adquiriu uma cultura instantânea, com a qual estaria elevando-se como classe. A ideia lúdica de instantaneidade do conhecimento faz uso de técnicas e abordagens que tem como objetivo capturar a atenção do espectador, oferecendo um tipo de informação imediata e excepcional que causa a impressão de lhe proporcionar um conhecimento ilustrado. O ser humano semiformado acredita na possibilidade de saltar o processo reflexivo sem praticá-lo, em sua busca de conhecimento. Nesse estado de ingenuidade existe uma apropriação cultural sem empenho substancial, que substitui o esforço pelo entretenimento. O mecanismo que torna os conteúdos sensíveis ao compartilhamento permanece enraizado nas bases tradicionais de disseminação e exibição. Além disso, a proposta é uma profunda integração entre as distintas mídias, pois desta forma o ser humano é impossibilitado de escapar, esteja ele *online ou offline* (COVALESKI; SIQUEIRA, 2017).

Esse mecanismo é coercitivo ao pressionar a estética que, por sua vez, é afetada pelo espírito marcadamente repleto de ideologias. Nas palavras de Adorno: “[...] a liberdade e a humanidade, em certo grau, perderam sua força resplandecente no interior da totalidade que se enclausurou num sistema coercitivo [...]” (ADORNO, 2010, p. 26).

O sistema coercitivo sustenta-se no mecanismo de interatividade e proposta de consumo, que vem crescendo exponencialmente e se especializando em atribuir conceitos e valores aos produtos e conteúdos. Nas redes sociais é possível encontrar a relação estreita entre publicidade e entretenimento, numa tentativa de vincular uma ideologia maquiada com gatilho pronto para ser compartilhado. As produções audiovisuais de curta duração são as mais eficientes em cativar o público. Na maioria das vezes, o objetivo imediato não é o encantamento do consumidor, mas a criação de conteúdos que sejam altamente compartilhados nas redes sociais. O próprio *Facebook* e o *YouTube* são exemplos disso, ao apresentarem bilhões de visualizações em apenas um mês de interatividade, na linguagem narrativa com diversos personagens e em contexto social específico criam-se os chamados “papéis temáticos”²², conforme a sociossemiótica de

²² Circunstâncias nas quais se inserem diversos atores, que se relacionam numa programação ou sob o efeito do acaso, afrontando o contexto social.

Ladowski (COVALESKI; SIQUEIRA, 2017, p. 63). Nesse sentido, a formação cultural emancipatória está sendo prejudicada pela semiformação, porém, os cultos também padecem, pois os contextos estão sendo manipulados, perdendo autenticidade e veracidade (ADORNO, 2010).

Na percepção de Adorno, o espírito não alcançou o mesmo patamar do desenvolvimento produtivo e tecnológico; nas condições das vidas humanas e principalmente em suas manifestações, evidencia-se uma consciência tardia. O espírito fraco é pouco defensivo quanto aos avanços da semiformação, que supervaloriza a praticidade e objetividade no mundo administrado. Nos centros urbanos com grandes estruturas e conglomerados as vidas humanas são reduzidas ao encolhimento da consciência. Nesse encolhimento, a semiformação alastra-se na sociedade e o ser humano não percebe que a própria cultura não é suficientemente democrática e acessível a todos (ADORNO, 2010).

A estratégia de popularizar a formação cultural é pautada no fetichismo do consumo que, progressivamente, satura a sociedade com conteúdos levianos, que não podem mais ser simplesmente segregados da circulação social. Na interlocução entre marcas e consumidores – especialmente no ambiente digital, agregado às estratégias publicitárias, sobretudo, na reprodução audiovisual – destaca-se o comportamento humano na contemporaneidade. Ainda que não seja possível atribuir unicamente às novas tecnologias da comunicação as mudanças de comportamento das sociedades, as relações intermitentes e engendradas acabam afetando de modo peculiar a sensibilidade humana, criando distintos cenários socioculturais e, portanto, de formação humana (COVALESKI; SIQUEIRA, 2017). A própria ideia de formação emancipatória acolhe elementos imanentes e transcendentais, que validam tais conteúdos no âmbito das relações sociais, pois integrados ao contexto histórico evidenciam a pertinência de serem superados (ADORNO, 2010).

3.8 COERÇÃO ECONÔMICA: PROGRESSO E RESISTÊNCIA EMANCIPATÓRIA

Além disso, persistem as pressões econômicas, com notório interesse na produção de larga escala para abastecer o consumo em massa e consolidar o lucro. Na sombra da lucratividade, presente na sociedade a partir da modernidade, resiste a formação cultural que em primazia não deve se contrapor à produção, mas procurar o olhar que valorize a própria formação imanente, antes da ideia de

“democratizar a formação”. Segundo Adorno, “[...] a concepção dialética não se engana sobre a ambiguidade do progresso em plena totalidade repressiva” (ADORNO, 2010, p. 28).

A ideia de progresso como liberdade vista como cautelar não é necessariamente verdadeira, pelo contrário, trata-se de uma fantasmagoria que apenas interessa àqueles que querem conservar o estado de dominação. Os caminhos da dominação passam pela semiformação, sustentada por conteúdos passados de forma parcial ou diluídos, resultando em uma formação prejudicada, pois não se completa “a experiência como um todo”. Conforme Adorno o “[...] entendimento e o experimentado medianamente – semi-entendido e semi-experimentado – não constitui o grau elementar da formação” (ADORNO, 2010, p. 29).

Conteúdos que não acessam a consciência do ser humano acabam esvanecendo, persistindo a necessidade de continuidade na construção do conhecimento. Elementos não consolidados na consciência podem facilmente ser transformados em crenças infundadas que reiteram a reificação. O ser humano iniciante é mais suscetível às interpretações e impressões errôneas quanto ao rigor teórico dos conteúdos, sendo justamente este o mais extirpado pela semiformação (ADORNO, 2010).

Adorno utiliza como exemplo autores que realizam citações em seus textos sem o devido rigor conceitual, e as colocam em “fantasmagórica circulação”, objetivando apoiar seus escritos medíocres em reconhecidos pensadores. Conforme o autor, dificilmente será possível apropriar-se minimamente da interpretação de uma obra que não seja apreciada na íntegra, sem a familiarização com a problemática e o movimento dialético (ADORNO, 2010).

Predominantemente essas obras contribuem para uma relação cega entre ser humano e produtos culturais, uma vez que o espírito reproduz a vida reificada, baseada na manutenção do sistema e na imbricação entre trabalho e consumo. Aproximadamente sessenta anos após as contribuições de Adorno, essas imbricações tornaram-se ainda mais graves. O modelo capitalista é perspicaz para adaptar-se e preservar sua dominação. Com a ascensão do pensamento neoliberal, a antiga ideologia de dominação é revigorada no âmbito político-econômico, mediante proposições normativas que ganha abrangência global. Os ditames que inicialmente atingem a esfera comercial não tardam a invadir as relações humanas,

tornando-as objetos tomados exclusivamente como produtores e consumidores (PUCCI, 2018). O espírito reificado segue na contramão de uma formação imanente, e mesmo que não seja possível afastar totalmente da sociedade o vínculo humano com o consumo estereotipado de produtos culturais, fomentado pela indústria cultural, é preciso atentar para a intencionalidade de ludibriar seu sentido. A indústria cultural, por meio da semiformação, quer dar a entender que a formação imanente emancipatória seria como uma genialidade do ser humano, sendo algo nato do próprio ser. Segundo Adorno, essa é “[...] uma concepção enganosa. Nada do que, de fato, se chame formação poderá ser apreendido sem pressupostos” (ADORNO, 2010, p. 30).

A formação constituída de pressupostos tem como opositor o movimento regressivo da semiformação, que atua na vida do ser humano desviando o foco do que é mais importante para ele. A semiformação populariza e fragmenta conteúdos, sabotando-os na autenticidade e modificando o sentido. Sua ação nefasta enraíza-se na cultura de tal modo que é muito difícil de ser eliminada na consciência do ser humano. Para Adorno, “A informação cultural, mascarada de gosto artístico, desnuda-se com destruição” (ADORNO, 2010, p. 32).

Ainda segundo o filósofo, na semiformação o ser humano é submetido à ideia presunçosa de que a cultura é acessível a todos. Segundo Zuin (1999), Adorno vai além, ao concluir que a miríade de possibilidades culturais, mesmo conservando a presunção de buscar o resgate das potencialidades humanas, no sentido emancipatório de formação, não tem condições de realizá-la. Embora a relação entre oferta e apropriação da cultura seja conveniente, o verdadeiro desenvolvimento de uma formação cultural está mais próximo de sugerir um clima favorável do que de fato promover uma absorção cultural. Ocorre que o ser humano é estimulado conforme suas próprias experiências, decorrente do fluxo de sua vida. A ideia de uma cultura acessível é alimentada por um “narcisismo coletivo”, que reproduz a necessidade de compensar a frustração de sua consciência, por não ter a representação social que gostaria e por não ser e nem agir com os pressupostos que idealiza. Portanto, a semiformação fornece-lhe a sensação paranoica de ascensão espiritual (ADORNO, 2010).

Por analogia, a própria ideia de formação permanece presa a uma concepção de pensamento narcisista, generalizando a ilusão do conhecimento como caminho para a satisfação. Nessa ilusão, o mínimo de conhecimento adquirido é

suficiente para proporcionar a satisfação necessária e lhe impor os limites para que não avance mais. Segundo Adorno, “[...] basta a frequência a um certo colégio ou instituto, ou, ainda, a simples aparência de se proceder de uma boa família” (ADORNO, 2010, p. 32).

O ser humano semiformado acredita ser capacitado, conhecedor e portador de todas as informações necessárias para realizar o julgamento de qualquer tema em questão, acreditando ser possível montar mecanismos de raciocínio que possam ser utilizados para qualquer área do conhecimento, indiferentemente do momento ou circunstância. Conforme Adorno, a linguagem deturpada é o principal modo de expansão da semiformação, criando verdadeiras aberrações linguísticas que deterioram a comunicação e a capacidade de interpretação da realidade. Esse é o ponto incipiente e provedor do enfraquecimento do espírito e dos objetivos emancipatórios humanos. Entretanto, a manifestação de enfraquecimento do espírito não prevalece em sua totalidade na sociedade, a variabilidade repentina é necessária para garantir o progresso tecnicista. Sob esse aspecto, a formação volta-se para a face imanente, com suas relações sociais, num intercâmbio necessário para manutenção do sistema dominador (ADORNO, 2010).

3.9 AS CONSEQUÊNCIAS DEGRADANTES DA SEMIFORMAÇÃO

A semiformação, que instintivamente induz ao conformismo, provoca o afastamento do pensamento crítico e, conseqüentemente, prevalece a indiferença aos pensamentos já existentes. O semiformado valoriza sempre o próprio pensamento como forma de justificar sua realidade. O pensamento crítico é algo estranho, despertando medo e dúvida diante daquilo que é perseguido por necessidade ou desejo. Na semiformação persiste a dicotomia entre experiência e conceito, na qual o semiformado procura se formar subjetivamente de maneira mais rápida e fácil, ao mesmo tempo em que se coloca contra a formação objetiva do espírito por não ser adepto a qualquer esforço que não tenha retorno imediato (ADORNO, 2010).

A experiência e consciência do ser humano na semiformação fica reduzida à tradição, na qual o pensamento é facilmente substituível “[...] por um estado informativo pontual, desconectado, intercambiável e efêmero, e que se sabe que ficará borrado no próximo instante por outras informações” (ADORNO, 2010, p.33).

O semiformado é descompromissado com a autenticidade dos fatos e sempre pronto para toda e qualquer pergunta ou resposta inconsequente, sem nenhum comprometimento com a História e com o contexto. Segundo Adorno, a semiformação é caprichosa ao desprezar a relação dos fatos com o tempo, suprimindo a memória e sua capacidade de síntese que constituem a base da formação cultural autêntica (ADORNO, 2010).

Nesse sentido, o conceito é facilmente substituído pela subsunção de ideias prontas e sem qualquer respaldo, suscetíveis a novas modificações, promovidas por um movimento incessante dos meios de comunicação e da opinião pública, que detêm potencial destrutivo num sistema totalitário. Na ilusão de autossuficiência o semiformado, por vezes ofensivo, não deixa de ser refém do conformismo, pois as concepções tradicionais nas quais se ancora não são suficientes para garantir o enfrentamento do poder dominante. Mesmo que o semiformado carregue em si ressentimentos quanto à busca aprofundada do conhecimento, não é incomum o reconhecimento da insuficiência de sua pretensão de saber. Segundo Adorno, ao “[...] mesmo tempo em que se apossa fetichisticamente dos bens culturais, está sempre na iminência de destruí-los” (ADORNO, 2010, p. 34).

A relação da consciência em seu estado de semiformação com seu processo psicótico é melhor compreendida se observada pela perspectiva da individualidade do ser humano, em conjuntura social objetiva. O semiformado consola seu espírito na semiformação, realiza os próprios juízos e dispensa a continuidade histórica para subjugar a realidade. Porém, essa subjugação não elimina o medo da realidade incompreendida, mas acalenta uma ilusão psíquica. O ser humano tem a sensação de segurança na ideia psicótica de pertencimento do rebanho, onde unidos pela alienação seguem o mesmo percurso social extremo (ADORNO, 2010).

A paranoia narcisista de pensar que a qualquer momento é possível ser selecionado entre os já selecionados, sobrepassa os interesses imediatos e reproduz o confronto com a realidade. O jogo de forças imposto pelo mercado confere ares de transparência à sociedade mas, na verdade, o que se tem é uma reprodução ascendente da “[...] natureza subjetiva que impossibilita a compreensão do que deveria ser objetivamente possível” (ADORNO, 2010, p. 35). O ser humano tem a impressão de ser impotente frente ao poder absoluto do sistema que, ao

obstruí-lo, impele o conhecimento “[...] que se apresenta ao sujeito como inalterável se fetichiza, torna-se impenetrável e incompreendido” (ADORNO, 2010, p. 35).

O semiformado procura adotar um comportamento que prioriza o agir com esperteza, posicionando-se repentinamente ao lado do poder, objetivando e considerando estar resguardado no meio social. Além disso, frequentemente apresenta manifestações rudes com aqueles que opõem-se às suas escolhas, estando sempre disposto a julgar um inimigo que ele mesmo criou. O comportamento grosseiro é frequentemente observado, pois a cultura nele está se esvanecendo. Conforme o pensamento de Adorno, esses aspectos reforçam o entendimento de que a

[...] semiformação é defensiva: exclui os contatos que poderiam trazer à luz algo de seu caráter suspeito. E o que dá origem às formas psicóticas de reação ao social não é a complexidade, e sim a alienação; a psicose em si é a alienação objetiva de que o sujeito se apropriou até o mais íntimo (ADORNO, 2010, p. 35).

O ser humano, submerso no sistema alienante da semiformação, relaciona todos os aspectos da vida à sua própria interpretação do mundo. Nesse sentido, o “[...] semiformado transforma, como que por encanto, tudo que é mediato em imediato, o que inclui até o que mais distante é” (ADORNO, 2010, p. 36). A aproximação com o imediato confere um aspecto de personalização, ao mesmo tempo que procura despersonalizar o que é visto como longo prazo. O semiformado tende a assemelhar as coisas apenas com os aspectos que lhe conferem relação com as próprias noções de realidade, além de ter suas ações fundamentadas e enraizadas no que considera garantido e seguro (ADORNO, 2010).

Na medida em que a semiformação avança no processo de socialização, toda a sociedade corre o perigo de se inflamar em movimentos agressivos, possibilitando o despertar de personalidades autoritárias, que ostensivamente resultem em dominação violenta. Segundo o frankfurtiano, existe forte relação entre insânia e semiformação, pois o semiformado “[...] na medida em que está excluído da cultura e, ao mesmo tempo, com ela concorda [...]” (ADORNO, 2010, p. 37) adquire outra cultura, que o deixa insensível às tragédias da vida e preso a uma inconsciência espelhada na própria semiformação, que não possui responsabilidade com questões pedagógicas (ADORNO, 2010).

A falta de responsabilidade nestas e em outras questões implica em dificuldades de realizar ajustes corretivos. Adorno considera que esse é o caminho para atacar o desalinhamento humano com a cultura, por meio de uma psicologia incisiva capaz de amolecer pensamentos ríspidos e avançar em direção ao pensamento crítico (ADORNO, 2010).

É importante reconhecer que, mesmo com o aprofundamento de uma psicologia incisiva, transpor as barreiras da semiformação na vida humana é algo memorável, pois a incidência de situações objetivas tendem a reproduzir uma deformação da consciência. No mundo totalitário e contraditório, a formação cultural está submersa em ideologias e a própria cultura vivencia sua liquidação na contemporaneidade. A pretensão de transformar a cultura em produto de liquidação não tem limites e invade todos os aspectos, contribuindo para inalação de arrogância nas relações humanas, que nada favorece a busca por dignidade, mas contribui para neutralizar o espírito e a própria formação cultural (ADORNO, 2010).

Entretanto, nem todos os semiformados aderem às tendências dominantes e à liquidação da cultura, caso contrário a barbárie predominaria na sociedade. As manifestações do espírito que reneguem o enfrentamento de situações consideradas como inevitáveis acabam convergindo em direção à semiformação. Assim:

A consciência em processo, que resiste à cultura engajada e transformada numa lástima, ao converter-se numa posse, não apenas está acima da formação cultural, mas também, por sua vez, está sempre abaixo dela: a nova qualidade que emerge é invariavelmente mais e menos do que a que imerge (ADORNO, 2010, p. 38).

A própria ideia de progresso carrega em si elementos de barbárie, portanto, a ideia de cultura não deve ser percebida nem como algo sagrado, nem como ponto de interseção entre “cultura e não cultura, entre cultura e natureza”. (ADORNO, 2010, p. 38). A concepção de cultura não deve ser absoluta e nem dogmática, caso contrário corre-se o risco de transformá-la em ideologia, ancorada em interpretações petrificadas que impossibilitem o movimento dialético. A reflexibilidade do pensamento ressalta o entendimento de que algo originado não é limitado à sua origem. Espaço e tempo não podem ser reproduzidos por quem os precedeu nem em matéria ou espírito (ADORNO, 2010).

O espírito, que adere às concepções absolutas, dogmáticas ou à inflexão do pensamento, mergulha em um estado de dependência e conformismo, seguindo na contramão do pensamento refletido. Nesse estado, o ser humano é instrumento do meio. A busca por separação desse condicionamento implica em certa independência do sistema mercadológico e em um despertar frente à verdade. O despertar não é negação do conhecimento existente, tampouco as manifestações da arte ou de origem social, mas a flexão na direção do pensamento dialético (ADORNO, 2010).

O ser humano, que evoluiu em espírito para preservar a própria espécie, acaba renegando sua autonomia como qualidade necessária para individualidade e como sociedade. Segundo Adorno, a

[...] irrevogável autonomia do espírito perante a sociedade – a promessa de liberdade – é ela mesma algo tão social como a unidade de ambos. Caso se renegue simplesmente tal autonomia, o espírito fica sufocado e converte o existente em ideologia, como ocorria quando usurpava ideologicamente o caráter absoluto (ADORNO, 2010, p. 39).

No fetichismo da cultura são encontrados os elementos que procuram preservar apenas os ajustes imediatos à vida, priorizando a garantia da integridade do caráter fraudulento da cultura. Assim, a movimentação do espírito que se articula é proveniente da própria formação cultural, criando anacronismo na cultura e na sociedade. Portanto, “[...] a única possibilidade de sobrevivência que resta à cultura é a autorreflexão crítica sobre a semiformação, em que necessariamente se converteu” (ADORNO, 2010, p. 39).

4 EDUCAÇÃO COMO POSSIBILIDADE CONTEMPORÂNEA DE EMANCIPAÇÃO

4.1 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO COMO OPOSIÇÃO À PRÁTICA OPRESSIVA, À DOMINAÇÃO E À BARBÁRIE

Auschwitz foi o maior e mais famoso campo de concentração nazista da Segunda Guerra Mundial. Localizado na Polônia, neste temido campo milhares de vidas foram perdidas e outras tantas marcadas pelo imensurável sofrimento dos que ali permaneceram, além dos familiares impotentes diante da situação. O holocausto não pode ser traduzido apenas pelos números das mortes, como algo que possa ser quantificado ou debatido de forma frívola, tendo em vista o horror que ele representa na história da humanidade.

Quando em Auschwitz milhares de pessoas foram assassinadas, o que se percebeu é que a expressão do rompimento da ética e do acolhimento foi além do genocídio e negou o infinito que se manifesta no outro. Neste sentido, o imperativo de não tirar a vida alheia não significa apenas a interrupção da ação violenta, mas também suspensão da pretensa ideia de reduzir o outro ao mesmo, de impor uma forma de mutilar o outro, de dominá-lo.

Em Auschwitz ocorreram perseguições e genocídios, a barbárie materializada nas ações do homem contra o homem. Adorno considera ser uma exigência trazer a discussão dos horrores ocorridos em Auschwitz como evidências de um crime contra a humanidade que jamais deva ser presenciado novamente. O autor defende a educação como linha de frente contra a barbárie, entretanto, é importante explicitar que, para ele, o que deve ser combatido não é a regressão à barbárie, mas os elementos que a constituem (ADORNO, 1995).

Mesmo que na atualidade os elementos constituintes do holocausto não estejam estabelecidos, os incômodos da pressão social impositiva permanecem fervescendo. A percepção de Adorno é que, progressivamente, a humanidade alimenta a ação anticivilizatória. Se no passado recente de Auschwitz a luta se concentrava na preservação da integridade física, na contemporaneidade a luta ganhou outra dimensão e permanece voltada expressivamente para as subjetividades da convivência social. A nova dimensão trazida é justificada pelo fim da Segunda Guerra Mundial, que iniciou o processo de reconstrução global voltada ao plano social.

Entretanto, essa movimentação apresentava ação limitada; diante de pressupostos objetivos de mudanças, seja na política seja na sociedade, o mundo aproximou-se das subjetividades. Observando mais a fundo essas subjetividades sociais é possível avançar para a psicologia das pessoas, e aqui a referência é o comportamento nazista que, de forma brutal, mutilou outras pessoas. A grande questão trazida ao debate por Adorno é a tentativa de entender como tais pessoas puderam ser tão perversas com outras. Segundo Adorno, mesmo que o perverso seja instruído a respeito do valor da vida ou de quanto o perverso é capaz de menosprezar a vida do outro, pouco ou nada pode-se esperar dele. De acordo com Adorno, mesmo que seja possível demonstrar as qualidades e benevolências do outro, isso ainda não seria capaz de reprimir a violência do perverso.

Contudo, existe uma incapacidade de impedir a ação alheia, pois reconhece-se que o outro é o outro e nada pode ser feito a respeito disso; o outro é infinito, além dos limites do mesmo. Mesmo com o auxílio da psicologia – que atuou numa tentativa de reconstrução da consciência ideológica nazista – não se obteve sucesso nesta empreitada; pelo contrário, os nazistas nem mesmo demonstraram arrependimento. Segundo o pensamento de Adorno (1995, p.121), para que seja possível analisar os motivos da violência, especialmente aquela que age com requintes de crueldade e desprovida de arrependimento “[...] é preciso buscar as raízes nos perseguidores e não nas vítimas [...]”.

O fundamental, então, é encontrar e entender os mecanismos que estruturam o perverso, capaz de cometer a violência perante o outro. É preciso desvelar tais mecanismos, não apenas o próprio agressor, mas estender o olhar para um movimento mais amplo, a fim de que de alguma forma seja possível despertar uma consciência generalizada acerca das estruturas constituintes e das próprias ações humanas que promovem a barbárie. Para Adorno, os “Culpados são unicamente os que, desprovidos de consciência, voltaram contra aqueles seu ódio e sua fúria agressiva.” (1995, p.121).

Neste sentido, é necessário analisar a ausência de consciência das pessoas incapazes de refletir sobre seus próprios atos e sua essência. A princípio, o que se concebe como falta de consciência pode ser entendido como desconsideração do outro que, ao confrontar determinadas perspectivas de realidade pode favorecer, no indivíduo fechado em si mesmo, o sentimento egoísta e os atos que atendem apenas aos próprios desejos. É da expansão de si mesmo para o outro que surge o

pensamento a respeito do que é consciência, conceito que dá sentido à justiça e à filosofia.

Na percepção adorniana, que caminha em direção a uma conscientização, a educação é apontada como ferramenta da autorreflexão crítica. Segundo o autor, é na primeira infância que se forma o caráter do ser humano, tanto do perverso como do benevolente. A importância do cuidado como acolhimento nos primeiros anos determinará os ditames de uma conduta social.

Embasado no pensamento de Freud, Adorno (2009) destaca: a humanidade vem sofrendo de forma progressiva o aumento da “pressão civilizatória”. Diante de tal pressão, a humanidade adentrou numa tendência exploratória e, portanto, de violência social. Ainda baseado em Freud, Adorno evidencia que as pessoas encontram-se presas no “mundo administrado”, num processo cada vez mais denso e interconectado. Nesta prisão existe a frenesia civilizatória, as pessoas se percebem ilhas neste processo, que não proporciona alternativa de fuga. Isto promove uma fúria contra a própria civilização, na qual o sujeito é inerente e, de certa forma, acaba por evidenciar uma violência.

A violência externada é uma representação de um modo racional e específico de agir, atuante, principalmente contra os mais fracos e o particular. A violência que quer dominar tende a despedaçar a identidade do outro e com isso sua capacidade de resistência, ou seja, sua autorreflexão crítica. A perda do pensamento contraditório é fundamentalmente perigosa, pois prejudica o diálogo, na medida que não se admite a relação com o outro, como se o outro fosse o responsável, e não os fatos. Na medida que o pensamento crítico é esvanecido, a consciência fica suscetível a intolerância e a prática violenta. Segundo Adorno: “[...] em cada situação em que a consciência é mutilada, isto se reflete sobre o corpo e a esfera corporal de uma forma não-livre e que é propícia à violência.” (1995, p.126-127).

Os extremos da intolerância talvez sejam algumas das maiores marcas da ideologia nazista, a violência atordoante que em momento nenhum manifestou a intenção de inversão, de se colocar no lugar de um judeu. A falta de reconhecimento do outro, o egocentrismo e o autoritarismo extremo que desejam exterminar o que está fora si, representam Auschwitz.

4.2 BARBÁRIE CONTINUADA E AUTORITARISMO: O DILEMA DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS GLOBAIS

Certamente, Auschwitz é referência mundial no que diz respeito à barbárie praticada pelo ser humano contra o próprio ser humano. Entretanto, o genocídio é uma prática presente ao longo de toda história da humanidade. Embora o Brasil possua uma história recente em comparação com as nações do velho continente, também vivenciou períodos de autoritarismo e barbárie, tais como: “[...] genocídio dos indígenas, por ocasião da invasão das terras brasileiras em 1500; ou dos mais de 300 anos de escravidão oficializada; da Ditadura de Vargas no Estado Novo; dos ‘Anos de Chumbo’ (1964-1984); ou da personalidade autoritária extremista – de tipo fascista” do governo de Jair Bolsonaro (GOMES, 2020, p.26).

O autoritarismo pode apresentar-se de distintas forma, seja por meio de discursos “racistas, machistas, homofóbicos, xenofóbicos”, seja por meio de quaisquer outros que imponham o massacre e usurpam a dignidade do ser humano (GOMES, 2020, p.26). Na medida que o autoritarismo não é enfrentado com rigor e efetividade na sociedade, a insegurança instaura-se, ameaçando a democracia, a cultura e o próprio ser humano:

[...] a personalidade autoritária encontra um terreno fértil de disseminação social, em lugares e situações em que predominam a instrumentalização da formação, o desenvolvimento da racionalidade técnico-científica e a cultura cega do “progresso” (GOMES, 2020, p.27).

Nesse sentido, a personalidade autoritária encontra terreno fértil no seio da sociedade capitalista, por meio da formação disponível. O sistema capitalista impõe a competitividade acirrada com feições de insensibilidade e comportamento frio, objetivando maximizar o lucro e o sucesso individuais. A qualidade da formação, capaz de formar pessoas críticas e profissionais competentes, cede lugar à noção de competitividade antissocial. Em grande medida, esse aspecto foi impulsionado pelas políticas educacionais globais, especialmente pela OCDE²³, que incisivamente estimulou medidas enaltecidas da tecnocracia e da meritocracia, tendo em vista a expansão das economias de mercados. Esse alinhamento conduziu a educação a uma condição de subserviência ao modelo econômico, capaz de formar profissionais

²³ OCDE: Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico

competentes para o mercado de trabalho e predestinados a elevar a produtividade, lucratividade e eficiência, importantes indicadores para o desempenho econômico, porém, contraditórios com uma educação imanente (GOMES, 2020).

Para Adorno (1995), a falta de uma educação imanente contribui para o surgimento da personalidade autoritária, sendo esta pressuposto da violência. A personalidade autoritária prospera onde existe uma identificação cega de um grupo de seguidores que foi moldado de forma coletiva. Além disso, o autor exemplifica os movimentos de iniciação em grupos como forma do indivíduo estar habilitado ao seu pertencimento. Esse modo de agir favorece o autoritarismo frente à submissão, levando o grupo social a um passo da barbárie. A barbárie contemporânea constitui-se no processo das ciências instrumentalizadas, no modo como o ser humano adapta-se à dinâmica da vida em sociedade caracterizada por profundas desigualdades.

A relevância de tratar dessa questão está em negar a condição opressora como algo natural: a violência não é algo ao qual a humanidade deve adaptar-se. Antunes e Zuin (2008), por exemplo, destacam a importância de manter vivo o movimento de crítica social, uma vez que ele é fundamental para minimizar a violência por meio do pensamento refletido. Além disso, ao tratar da questão da violência na sociedade, segundo os autores é preciso atentar para não tomá-la como objeto de classificação estereotipada, imaginando ser possível conhecer suas inúmeras variantes e condicionantes. Neste caso, corre-se o risco de cair na credulidade de exercer certo controle sobre elas. Essa ilusão é um aspecto negativo, pois permite a conversão da violência em dados estatísticos, o que pode provocar o agravamento da violência, pois ao serem “[...] tratados como naturais passam a exercer seu poder sobre o homem e se tornam mais incontroláveis, pois estão agora mascarados sob o rótulo de ciência” (ANTUNES; ZUIN, 2008, p.35).

Nesse sentido, o perigo permanece no modo como os dados quantitativos são analisados e quais ações efetivas são tomadas frente à barbárie. Essas questões são semelhantes ao modo como a educação é tratada pelo poder público na sociedade hodierna brasileira. As ações governistas percebem a educação como dados numa planilha: alunos, professores, famílias e a sociedade são submetidos a movimentos pautados apenas na lógica matemática. O pensamento é reificado e toma o ser humano como instrumento do mundo administrado. Este, por sua vez, é conduzido a seguir uma cultura preestabelecida, mantenedora do sistema de

dominação, constituindo para tanto uma “[...] educação na forma de adestramento, pois é tão instrumentalizada quanto eles, apresenta-se mais uma vez como um padrão de comportamento imposto de fora (ANTUNES; ZUIN, 2008, p.36).

Esse aspecto evidencia o potencial autoritário da cultura, notadamente contraditório à sua vocação original de ampliar a possibilidade de autonomia do ser humano. Segundo Antunes e Zuin (2008), embora pareça evidente o fato de a barbárie ser uma condição natural de sobrevivência na sociedade capitalista, esse fato ideológico deve ser o primeiro a ser denunciado e banido da lógica social. A necessidade de lidar com a barbárie atual não diz respeito apenas a apartar comportamentos agressivos, mas também de observar e tratar práticas que respinguem qualquer tipo de violência contida no processo civilizatório. A personalidade autoritária desenvolve-se no ambiente social e cultural, e sua ação não deve ser percebida apenas como manifestação individual, tampouco a partir de fatores sociais, políticos e econômicos isolados sem a devida análise e sem ser problematizados (ANTUNES; ZUIN, 2008).

4.3 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA A EMANCIPAÇÃO

Adorno chama a atenção para uma ideia equivocada de educação tradicional com práticas severas. O saudoso objetivo de “ser duro” ao educar não deve ser confundido com manifestação violenta ou prática abusiva. A dureza também é manifestação de acolhimento. De forma alguma agir apenas com benevolência representa acolher, pelo contrário, existe uma importância significativa em criar robustez de espírito. Na verdade, a robustez está mais próxima de agir com ética, de assumir a responsabilidade perante o outro, que clama para que sejam ponderada suas necessidades.

Introduzir a severidade no ensino e não olhar para as necessidades do outro é replicar a violência que passa a ser algo natural e, portanto, cria-se indiferença quanto à dor do outro. Segundo Adorno, este mecanismo deve ser revelado e desmantelado, principalmente no que diz respeito ao caráter manipulador. De todo modo, Adorno enfatiza a dificuldade de desvendar a gênese da personalidade perversa, ao se referir ao pensamento nazista. Mesmo com o apoio da psicologia, o autor não percebe nenhum remorso pela monstruosidade destes nazistas observados, pelo contrário, o que se observou foi o orgulho. Contudo, ainda que

aparentemente não identificados, Adorno acredita que existam fragmentos de uma consciência moral no perverso, embora ela encontre-se em processo de dissolução.

Entretanto, o autor reconhece que qualquer tentativa de explicar o outro não pode ser feita, pois o outro é inacessível. Outro ponto destacado por Adorno é que o perverso costuma agir com frieza e sem amor; dessa forma, antes de negar o outro, nega a si mesmo a possibilidade de amar. No entanto, a frieza é um “[...] traço básico da antropologia, e, portanto, da constituição humana como ela realmente é em nossa sociedade” (ADORNO, 1995, p. 134). De forma objetiva e generalizada, as pessoas se mantêm indiferentes e frias em relação às outras pessoas; já nas relações de convívio social mais estreito ou quando há interesse, a situação apresenta relativa mudança.

Tendo essas considerações em vista, Adorno explica que o convívio social vem sendo moldado e reproduz a “[...] persecução dos próprios interesses frente aos interesses dos demais.” (ADORNO, 1995, p.134). Esta reprodução, que dá sentido à formação do caráter das pessoas, também é indiferente e, portanto, aceita o flagelo do outro. O egoísmo das pessoas é moldado no jogo dos interesses, sendo por si o catalisador da violência. A arquitetura de planos malévolos pode surgir a partir dos assassinos de gabinete, que pregam ideologias, mas não é possível que se realizem sem pessoas comprometidas que executem o plano. Essas pessoas agem contra si mesmas, executando o mal generalizado em troca do interesse imediato.

Embora, não seja possível impedir o surgimento de novas ideologias nefastas é possível empreender medidas educacionais que evitem-nas, instruindo as pessoas “[...] em posição subalternas, enquanto serviçais, [para que não] façam coisas que perpetuam sua própria servidão” (ADORNO, 1995, p. 137-138). Contra isso, Adorno empreende a educação e o esclarecimento.

4.4 CARÊNCIA FORMATIVA, COMPETIÇÃO E BARBÁRIE SOCIALIZADA

Segundo Adorno, em sua obra “Educação e Emancipação”, a barbárie é inerente à história das civilizações, permanecendo por milênios relacionada à violência praticada como erupção física e impulso de autodestruição, ameaçando hoje a sobrevivência humana no planeta. “Eu começaria dizendo algo terrivelmente simples: que a tentativa de superar a barbárie é decisiva para a sobrevivência da humanidade” (ADORNO, 1995, p.156). Adorno afirma que, na modernidade, a

humanidade alcançou o auge do desenvolvimento tecnológico e intelectual, entretanto, ao mesmo tempo que avançou neste sentido, revelou-se atrasada no próprio processo civilizatório, ao não dar conta da expansão da experiência formativa. A carência formativa acaba por desvelar no ser humano “[...] uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, (...) um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir” (ADORNO, 1995, p. 155).

Adorno reconhece o problema da educação como carência formativa, sendo esta para ele a precursora da barbárie. A barbárie pode ser caracterizada, assim, como comportamento abrupto e agressivo, que pode ser físico ou psicológico. Normalmente ela inviabiliza a defesa da vítima, investindo em grupos com peculiaridades físicas, sócio-econômicas, de orientação sexual ou étnicas (ANTUNES; ZUIN, 2008).

Na atualidade prevalece a barbárie pautada pela intimidação, principalmente nas redes sociais e na internet, mas de modo geral ela está presente em todos os dispositivos da tecnologia da comunicação. A intimidação possui o viés de afirmação de poder entre agressor e vítima, indo além das relações interpessoais ao atacar outros grupos, na expectativa de ampliação da dominação. O jogo estabelecido entre líderes e seguidores reforça a intimidação em um elo que dissemina a violência entre aqueles que a praticam e os que sofrem passivamente (ANTUNES; ZUIN, 2008).

A violência pode ter origem na situação econômica, no condicionamento social e cultural, no posicionamento político, além das relações pessoais diretas no convívio familiar, no trabalho, nas atividades de entretenimento, nos estudos e nas mídias digitais. Essas relações carregam o princípio das desigualdades e das relações de poder, que em certa medida sinalizam um clima emocional de frieza, competição e indiferença diante do outro que, de forma mais ampla, contribui negativamente para um ambiente social com maior alteridade (ANTUNES; ZUIN, 2008).

A esse respeito e a título de exemplo, no que tange ao estímulo competitivo aplicado a alunos de uma mesma classe, Adorno afirma que é algo realizado na contramão do que seria uma educação humana. Este ensino pode ser aceitável até certa medida, quando introduzido em uma educação esportiva. No ensino racionalizado, entretanto, seria

[...] importante era realizar aquilo que se tinha aprendido; por exemplo refletir acerca das debilidades do que a gente mesmo faz; ou as exigências que colocamos para nós mesmos ou à objeção daquilo que imaginávamos; no sentido de superar representações infantis e infantilismos dos mais diferentes tipos (ADORNO, 1995, p. 161-162).

Para Adorno, não existe comprovação científica onde a submissão de alunos ao censo competitivo severo possa contribuir para uma formação mais eficaz. Este seria mais um exemplo de mito que assombra a educação. Mesmo que o estímulo competitivo permaneça presente no ciclo escolar, a percepção de Adorno é que este estímulo, que pode carregar fortes traços de hostilidades no convívio escolar, deveria ser canalizado para a compreensão de que a máxima de que os alunos devem ser brilhantes é, no fundo, hostil ao espírito. Esse pensamento acabaria por desagregar a competitividade e findar o comportamento que carrega em si “algo de desumano” (ADORNO, 1995, p.162).

No diálogo com Adorno, o professor Becker critica o argumento de que é preciso estimular a competição na escola como uma forma de preparação para uma sociedade competitiva. Para ele, o que “[...] a escola precisa fazer é dotar as pessoas de um modo de se relacionar com as coisas” (ADORNO, 1995, p.163). Segundo Becker, a escola deve oportunizar ao aluno mais relação com as coisas do mundo, ampliando as multiplicidades de objetos de estudos e que estes prevaleçam sob outros preestabelecidos, os conhecidos “cânones educacionais” (BECKER In: ADORNO, 1995, p.163).

O pensamento de Adorno em relação à barbárie carrega em si o elemento central da “falência da cultura”, visto que ela verdadeiramente não cumpriu a promessa de livrar o ser humano da barbárie. Adorno ressalta a necessidade de revisitar o próprio conceito de cultura, observando o fato de que a divisão “entre trabalho físico e intelectual” fora criação sua (ADORNO, 1995, p.164). Segundo Adorno, embasado no pensamento de Freud, “[...] por intermédio da cultura as pessoas continuamente experimentam o fracasso, desenvolvendo sentimento de culpa subjacentes que acabam se traduzindo em agressão” (ADORNO, 1995, p.163).

O frankfurtiano acrescenta que a barbárie imposta ao ser humano penetra na consciência, à medida em que este se vê impotente de mudar a situação em que vive. Como defesa dessa condição prevalece o esclarecimento que, de forma

alguma, permanece associado à ideia de seres humanos passivos, pois deste modo a própria barbárie seria facilmente instaurada (ADORNO, 1995). Na verdade, o que se espera da educação, entendida como responsabilidade contra a violência física, é que esta desperte o sentimento de vergonha no agressor. Espera-se que por meio deste sentimento haja estímulo à reflexão sobre tal comportamento (ADORNO, 1995).

Para Adorno, esse percurso entre a vergonha e a reflexão que leva ao comportamento amistoso ainda não fora alcançado em plenitude pela humanidade. Será necessário que o agir com brutalidade seja considerado inaceitável na sociedade para que a humanidade tenha avanços substanciais em relação à sua condição de barbárie. Nas palavras de Adorno, “[...] a perpetuação da barbárie na educação é mediada essencialmente pelo princípio da autoridade, que se encontra nesta cultura”, onde agressões são toleradas (ADORNO, 1995, p.166). Mesmo que todos os seres humanos sejam produto da cultura, é preciso que prevaleça “[...] a dissolução de qualquer tipo de autoridade não esclarecida, principalmente na primeira infância, constitui um dos pressupostos mais importantes para uma desbarbarização” (ADORNO, 1995, p.167).

No sentido de afastar falsas querelas é importante pontuar em relação à autoridade, no âmbito dos primeiros anos da criança na escola, que tal manifestação é dotada de significado para constituição de saberes do aluno. O condenável é a prática de autoridade com violência, esta sim é retrocesso em direção à barbarização. Becker ressalta que “[...] a criança não pode ser nem submetida autoritariamente à violência, nem submetida à insegurança total pelo fato de não se oferecer a ela nenhuma orientação” (ADORNO, 1995, p.167).

Mesmo que o pensamento adorniano juntamente com as contribuições de Becker, a respeito de educação esteja enraizado na atualidade vigente na Alemanha da primeira metade do século XX, e que esta carregue o idealismo como base de orientação e de projeto pedagógico, as mesmas problemáticas podem ser observadas em diferentes sistemas educacionais. O meio de enfrentamento desses fenômenos educativos são apontados na observância dos sistemas sociais, partindo de ações permeadas por influência psicológica dos indivíduos, mas também como certo movimento independente dos momentos sociais (ADORNO, 1995).

Adorno justifica seu foco nas questões educacionais da Alemanha em referência, sobretudo, à trágica barbárie ocorrida no desenrolar da Segunda Guerra,

que ele chama de “a mais horrível explosão de barbárie de todos os tempos” (ADORNO, 1995, p. 157). Há importância em pensar quais desdobramentos a educação pode fomentar, tanto para contribuir para o processo de barbarização da cultura, quanto para certa inclinação à tomada de consciência sobre a importância do assunto. Nesse sentido, há de se reconhecer que, no próprio conceito de educação, existem elementos de reprodução da repressão e opressão que se constituem na barbárie dos seres humanos submetidas a essa cultura e realidade (ADORNO, 1995).

No pensamento de Adorno, a barbárie está profundamente arraigada em nossa sociedade, “[...] ninguém estará inteiramente livre de traços de barbárie”, a grande questão que se remete é o modo como se conduz a orientação e o estímulo na tendência a barbárie e deste modo, e se é possível evitar o percurso que leva à desgraça (ADORNO, 1995, p. 158). Contudo, é preponderante atentar que nem toda a violência que se conduz a momentos de tensões deve, em primazia, ser condenada como barbárie. Existe certa medida que preserva o direito do ser humano a contrapor-se em prol do que acredita ser dignidade humana (ADORNO, 1995).

A barbárie está mais próxima de um comportamento irracional do que de uma prática violenta; neste sentido, a manifestação que reproduz certa racionalidade, ainda que violenta, é uma “consciência deformada”. Essa caracteriza-se com pensamento refletido que, ao interpretar a realidade de forma equivocada, pode concretizar-se em comportamento regressivo. A percepção desse ser humano que age de forma regressiva permanece associada à ideia hipotética de estar realizando o bem social, e que este deve ser alcançado pela demonstração de força bruta, crendo que a contradição será resolvida (BECKER In: ADORNO, 1995).

4.5 PRÁTICAS NEOLIBERAIS E PROCESSO EDUCACIONAL BRASILEIRO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TEORIA CRÍTICA SOBRE A PROMESSA DE UM FUTURO IRREAL

A grande crítica realizada por Adorno e Horkheimer ao projeto moderno revelou a fragilidade de questões epistemológicas e éticas no modo como a humanidade vinha assumindo esses temas. No inextricável entre ética e responsabilidade social, a percepção é de adesão aos ideais do pensamento

moderno, e o correlato entre o objeto de crítica e uma razão universal não consolidou-se. O modelo de racionalidade instrumentalizada, desenvolvido na modernidade, rogado como forma do ser humano alcançar seu aprimoramento moral pelo progresso da ciência, não aconteceu. O modelo epistêmico da contemporaneidade não conduz o ser humano a uma razão universal; além disso, não considera os descaminhos pela falta de criticidade oriunda do pensamento refletido (GOERGEN, 2010). Criou-se, desse modo, um mito, uma ilusão guiada pela promessa de salvação via progresso tecnológico.

A racionalidade instrumentalizada paira sobre a humanidade do mesmo modo como o mito fizera no passado. Nos dias hodiernos, as imbricações entre poder e conhecimento desvelam-se como o novo mito, já apontado por Adorno e Horkheimer. O ser humano é forçado a submeter-se à calculabilidade sob pena de exclusão do sistema e da própria existência na sociedade (GOERGEN, 2010).

O grande projeto da modernidade, que vislumbrava alcançar uma elevação espiritual do ser humano pelo progresso da ciência, não reverberou. Pelo contrário, revelou-se brutal. Auschwitz é a maior demonstração da barbárie contemporânea do ser humano contra ele mesmo. As circunstâncias constituintes de Auschwitz também evidenciam a fragilidade de perseguir uma educação voltada exclusivamente para atender ao mercado de trabalho com finalidade social.

O louvável desempenho econômico – impulsionado por maior produtividade e eficiência – sublinha o pensamento para uma educação tecnocrata como instrumento para uma sociedade melhor. O discurso neoliberal é veemente na preservação desse modelo moderno, ainda que apresente-se com outra roupagem. O aperfeiçoamento moral do ser humano é visto como desenvolvimento econômico.

É importante ressaltar que o pensamento neoliberal materializou-se através das práticas da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) no imediato pós Segunda Guerra Mundial. Fruto de arranjos que visavam à recuperação econômica da Europa, a OCDE constituiu-se a partir da proposição dos Estados Unidos no conhecido Plano Marshall²⁴. Em breve percurso histórico anterior à sua fundação é possível destacar, primeiramente, a criação do *Committee of European Economic Co-operation* (CEEC), em julho de 1947. O “Comitê” não suprimiu a necessidade de dinamizar as ações numa representatividade

²⁴ O Plano Marshall propunha reestruturar a Europa mediante assistência técnica e financeira.

internacional, o que forçou, no ano seguinte, à criação da *Organisation for European Economic Co-operation* (OEEC), em abril de 1948 (THORSTENSEN; GULLO, 2018).

Entretanto, a constituição da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), criada em 1949, e o seu peso internacional, acabaram por diminuir a representatividade da OEEC, visto que seus membros direcionaram suas atenções a negociações de cunho econômico e militar. Essa nova tendência desenhou-se diante das ameaças da Guerra Fria. No mesmo período, definiu-se em conferência na OTAN que a OEEC ficaria restrita às questões econômicas europeias; já a OTAN assumiu o compromisso de criar internamente o seu próprio comitê, para tratar restritamente do desenvolvimento econômicos de seus membros. Findados os anos mais críticos da crise os membros da OEEC, além de Estados Unidos e Canadá, reiteraram a cooperação sob novo *standard* – a OCDE – que foi criada oficialmente em 31 setembro de 1961 (THORSTENSEN; GULLO, 2018).

Não demorou muito tempo para que o pensamento neoliberal, via práticas da OCDE, se voltasse para o campo educacional. Essa representatividade estratégica em assuntos da educação global consolidou-se mediante o discurso do “futuro antecipado”, especialmente a partir dos dados fornecidos pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, o Pisa. (FREITAS; COELHO, 2019, p.2). Monteiro (2016) percebe, no discurso do “futuro antecipado”, o engodo para a consciência humana aderir à ideologia da OCDE. Voltado à satisfação das necessidades práticas e imediatas o ser humano, em sua essência, é condicionado a agir conforme a expectativa do porvir. Contudo, frequentemente, o ser procura estabelecer uma relação com o passado como instrumento da imaginação para o futuro, pois o “[...] presente sempre virtual para a consciência que, por sua vez, se desenrola entre o passado retido na memória e o futuro antecipado” (MONTEIRO, 2016, p. 39).

A consciência apoia-se assiduamente como uma linha nas bordas do passado imediato e do futuro próximo, como uma ponte a ser construída. Assim, a antecipação do futuro é imposição de uma previsibilidade, um processo de deslocamento de forças insustentáveis, pois o presente é deixado de lado prevaricando na expectativa de vislumbrar o futuro próximo com sucesso. Essa racionalidade teleológica põe um fim à própria existência do ser humano e determina o propósito da educação, pois toda e qualquer ação é voltada para alcançar o sucesso prometido com viés no desenvolvimento econômico (MONTEIRO, 2016).

A argumentação é que a OCDE tensiona a articulação da perspectiva de futuro antecipado na direção de apropriar-se do controle total do conhecimento global, calcado nas forças políticas e econômicas. As recorrentes orientações e práticas da OCDE sublinham veementemente o interesse em acelerar o processo de implementação e utilização de novas tecnologias. A Inteligência Artificial²⁵ (IA) permanece deliberadamente presente nos discursos da OCDE, e sua implantação é percebida como nova ferramenta para o aprendizado e controle total perante os processos produtivos e a força de trabalho, sobretudo, como promessa de liberdade (FREITAS; COELHO, 2019).

O discurso da OCDE, e de tantos outros que baseiam-se no pensamento neoliberal, carrega consigo alguns pontos sensíveis quanto à preservação do ideário do pensamento moderno, sinalizado no aprimoramento moral via desenvolvimento econômico. Essa verticalização do desenvolvimento econômico para moralidade é acentuada no discurso neoliberal da OCDE como proposta de elevação do ser humano.

A imaginação neoliberal é tendenciosa ao pregar o empreendedorismo como uma necessidade para a implementação de novas tecnologias. A OCDE alinha-se ao pensamento neoliberal, sustentando suas diretrizes e incentivando tanto o empreendedorismo como o desenvolvimento de novas tecnologias, desde tecnologias digitais, a automação e a inteligência artificial (IA). Nesse contexto, o empreendedorismo está diretamente relacionado à apropriação ou à abertura de novos mercados, nos quais as oportunidades e viabilidades dependem da implementação das tecnologias digitais e da inteligência artificial. Esses recursos permitem um gerenciamento de dados mais eficiente, auxiliando de forma imediata ações estratégicas, além de retirar do processo o fator de erro humano, reduzindo custo e tempo nas operações. Além disso, valores como o acúmulo de capital e de novas oportunidades para investimentos constituem o núcleo do pensamento neoliberal (FREITAS; COELHO, 2019).

O movimento neoliberal ganha força a partir da década de 1990 no Brasil. Suas proposições, desde então, abordam a reorganização da cadeia produtiva mediante a implantação de padrões e de novas tecnologias. A chegada de grandes

²⁵ Área de conhecimento da ciência da computação que objetiva fazer com que máquinas assemelhem-se ao comportamento humano.

empresas multinacionais no Brasil força a indústria nacional a adaptar-se rapidamente às novas condições de produção e trabalho (ANTUNES, 2014).

As influências internacionais trazem distintas e flexíveis formas de acumulação, além de proporcionar uma expansão das Tecnologias de Informação e Comunicação. Essas tecnologias potencializam os efeitos da indústria cultural, evidenciando um salto em direção à criação de um novo proletariado brasileiro. Esses trabalhadores fornecem serviços e informações ao mercado interno, assim como contribuem para novos desdobramentos em escala global. O mundo globalizado é impulsionado pelo processo metamórfico de gestão do capital e das condições de trabalho (ANTUNES, 2014).

4.6 DIRETRIZES NEFASTAS DO DISCURSO DE FUTURO ANTECIPADO

As relações pessoais devem colidir nessas tendências comportamentais, em um processo contínuo de adaptações e aprimoramento. O ponto nodal observado por Adorno e Horkheimer, demonstrado pela história, é que o ideário de aprimoramento humano via progresso da ciência teve um efeito colateral. A nefasta barbárie de Auschwitz confirmou a brutalidade humana como algo inerente ao próprio processo civilizatório ocidental. No momento em que a humanidade atinge o suposto auge de sua civilidade, quando esperava-se a erradicação da barbárie, ocorreu o avesso, isto é, o enaltecer de uma barbárie aprimorada. No pensamento de Adorno, Auschwitz transcende o aspecto somático, obrigando a uma inflexão filosófica e exigindo a necessidade de evitar sua repetição. Neste sentido, é notório estabelecer como primeira condição para educação que Auschwitz não venha a ocorrer novamente, reiterando como imperativos os limítrofes do mal (VAZ, 2010).

Embasado no conhecimento de Freud, Adorno reconhece no próprio processo civilizatório a predestinação humana em direção à barbárie, “[...] se a barbárie encontra-se no próprio princípio civilizatório, então pretender se opor a isso é algo de desesperador” (ADORNO, 1995, p.120). O caminho apontado por Adorno para educação verga para uma relação humana baseada na conscientização, ao mesmo tempo que repudia o discurso universalista, salvacionista. O aspecto psicológico é preponderante para transpor a ideia de um esclarecimento instrumentalizado como possibilidade de alcançar uma moralidade ética. Conforme o autor:

Não acredito que adianta muito apelar a valores eternos, acerca dos quais justamente os responsáveis por tais atos, reagiriam com menosprezo; também não acredito que o esclarecimento acerca das qualidades das minorias reprimidas seja de muita valia (ADORNO, 1995, p.121).

O ensejo desvelado por Adorno remonta uma educação calcada no processo histórico do ser humano, não sendo aceitável como incisão de concepções prontas e carregadas de ideologias. Por sua vez, a brutalidade dos nazistas representa o estímulo à violência incutida em concepções prontas, absorvidas pela falta de discernimento da própria realidade do ser humano. Nas falácias e promessas de uma educação tecnocrata – proposta no discurso de futuro antecipado – são profanados os meios de atingir uma espiritualidade pautada na moralidade ética. Os mesmos elementos constituintes estiveram presentes em Auschwitz. A reivindicação adorniana requer uma educação voltada para autorreflexão crítica, que não seja capaz de eliminar a barbárie inerente na humanidade, mas capaz de impor-lhe limites.

As proposições da OCDE para educação tendem a carregar elementos de uma cegueira coletiva, muito semelhante àquela promovida pelo nazismo, sobretudo, na promessa do discurso antecipado. Esse discurso idealista representa a negação do sujeito histórico, ao passo que persiste num desvincular da própria história e experiências de vida do ser humano. O mundo de Auschwitz fora construído sob o alicerce da cegueira coletiva e da manipulação de massas:

Por um lado, eles representam a identificação cega do coletivo. Por outro, são talhados para manipular massas, coletivos, tais como os Himmler, Höss, Eichmann. Considero que mais importante para enfrentar o perigo que tudo se repita é contrapor-se ao poder cego de todos os coletivos, fortalecendo a resistência frente os mesmos por meio do esclarecimento do problema da coletivização. (ADORNO, 1995, p.127).

Nos dias atuais, embora o contexto seja radicalmente distinto, vislumbramos elementos semelhantes nas propostas educacionais, na medida em que padrões coletivos superam a atenção à formação humanística e reflexiva. No que diz respeito às propostas da OCDE, o discurso do futuro antecipado e a identificação com um modelo coletivo preestabelecido e acrítico, parece manter a educação nos moldes técnicos e reprodutivistas do período criticado por Adorno.

O compromisso com uma educação autorreflexiva capaz de radicar o Ser em si não é assumido pelo pensamento neoliberal. Esse é persistente em levar a cabo o desenvolvimento econômico, ao mesmo tempo em que dissimula a conta do progresso capitalista. Em nome do desenvolvimento, que não deve ser estendido de forma igualitária (sendo este um pressuposto das desigualdades sociais), alguns deverão passar fome, algumas vidas serão perdidas, o meio ambiente será afetado, as cidades sofrerão com crescimentos desordenados e haverá a ameaça de esgotamento dos recursos naturais. Essa é uma conta aceitável nos moldes do neoliberalismo, segundo suas concepções de racionalidade instrumentalizada e calculabilidade. O custo do progresso é percebido como algo vantajoso num vicejar imperativo que inviabiliza uma crítica mais contundente e filosófica.

A insegurança e as limitações financeiras, associadas à baixa perspectiva de conquistas, canalizam os indivíduos para o consumismo, transformando-os em mercadorias de vidas precárias. A problemática apontada por Adorno é percebida na relação entre desenvolvimento humano e consumismo. Ocorre uma errônea associação, que liga a melhor condição de vida necessariamente ao maior acesso de bens de consumo, aliados de uma educação imanente. A concepção capitalista impõe ao ser humano a necessidade de trabalhar sempre mais para alcançar um consumo maior e melhor, evidenciando a própria lógica da razão instrumentalizada. Neste sentido, Adorno e Horkheimer se valem de Francis Bacon para indicar que:

Pois não é nos 'discursos plausíveis, capazes de proporcionar deleite, de inspirar respeito ou de impressionar de uma maneira qualquer, nem em quaisquer argumentos verossímeis, mas em obrar e trabalhar e na descoberta de particularidades antes desconhecidas, para melhor prover e auxiliar a vida' [Bacon], que reside o verdadeiro objetivo e função da ciência. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.18).

Na eminência da racionalidade progressista do trabalho em relação ao espírito humano, considerada o meio de alcançar a realização pessoal pela prática compulsiva e desenfreada do consumo de bens materiais, encontra-se o fio condutor ao ideário de desenvolvimento concebido pela OCDE. Contudo, é relevante realizar uma distinção entre trabalho e produtividade a partir do pensamento de Karl Marx, referência basilar para os filósofos da Teoria Crítica. Segundo Marx, persiste certa dicotomia na expressão "trabalho": por um lado é percebido como fruto de realização pessoal; por outro, é representação da alienação humana. O ser humano, enquanto

produtor de algo e imbricado no processo por completo, é suscetível a reconhecer-se neste produto e, igualmente, se realiza no trabalho se o considera prazeroso, fonte de realização. Por outro lado, o trabalho visto como processo de montagem, no qual o trabalhador é apenas integrante da linha de produção, é alienante. Assim, pela perspectiva econômica, o termo “trabalho” adquire uma empregabilidade relacionada à ideia de produtividade e remetendo à expressão de resultados – a primazia do capitalismo.

No capitalismo é possível perceber outra dicotomia: por um lado, proporciona a realização não como compensação consumista mas como segurança, estabilidade financeira; por outro, oferece as benesses do consumismo, como fruto do trabalho. O consumismo pode ser considerado como algo peculiar, permanecendo relacionado ao modo como o ser humano ou a sociedade pensam o próprio comportamento. De acordo com Zygmunt Bauman (2008) prevalece um pensamento irrefletido no consumismo, pois na medida em que os objetos são adquiridos, eles não representam objetivações de conquistas de vida. Não há separação entre a coisa e o ato do consumo, banalizando o descarte sucessivo. Nesse sentido, é possível dizer que o consumismo movimenta-se pela excitação do ser humano e, quando associado ao pensamento neoliberal, reforça o apelo capitalista estimulando o individualismo na sociedade do discurso de “futuro antecipado” (FREITAS; COELHO, 2019, p.3). Na prática o espírito humano é diminuído a favor de apropriar-se do tangível, e isto é praticado na sociedade aos moldes de uma responsabilização individualista:

*O homem de espírito, expressão hoje tão desacreditada, é um caráter social em extinção. O pretense realismo que o sucede, no entanto, não está mais próximo das coisas, mas simplesmente disposto, à custa de quaisquer *toil and trouble*, a ocupar uma existência espiritual e a apoderar-se do que esta lhe traga (ADORNO, 2010, p.22).*

No viés psicanalítico, Adorno faz novamente uso do pensamento freudiano e demonstra os parâmetros de um jogo de recompensa entre o excesso de trabalho e o consumismo praticados pelo ser humano:

De fato, não alcançam a realidade, mas contentam-se em compensar o medo diante do incompreendido. Os consumidores de pré-fabricados psicóticos se sentem resguardados, assim, por todos aqueles igualmente isolados, que, em seu isolamento numa alienação social radical, acabam unidos por uma insânia comum (ADORNO, 2010, p.34).

Em nome da apropriação e consumo de determinados bens, supostamente, seria possível alcançar a realização pessoal. Nessa percepção, o ser humano permanece à deriva, segundo os ditames do mercado. O sentido de progresso humano associado diretamente ao desenvolvimento econômico é um elemento nuclear do discurso neoliberal da OCDE, segundo o qual consumir mais e melhor seria a garantia para o acúmulo de capital e, conseqüentemente, para o aumento da qualidade de vida. Adorno e Horkheimer (2006) já haviam apontado para o fato de que, se a eficiência na produtividade relacionada ao melhor desempenho econômico, por um lado, fornece melhores condições de vida, por outro lado, acentua o poder daqueles que detêm o controle dos meios de produção.

Esse progresso idealizado pela OCDE seria possível a partir de um alinhamento da educação com a economia, preparando mão de obra especializada e apta ao consumo. O ser humano subserviente deixa de lado o ser ontológico para adentrar no jogo de recompensa e praticidade, tudo lhe é oferecido sem que seja necessário o pensamento refletido. Os valores imanentes do ser são padronizados em um único sistema idealizado, o qual passa a reger os seres humanos. Nessa lógica, a sociedade de consumo inviabiliza o ser humano radicado em si, o pensamento é reduzido e o ser é iludido numa falsa ideia de individualidade que não diminui apenas ele mesmo, mas o próprio coletivo. Na ilusão de estar realizando as próprias escolhas, esse ser não percebe que pratica apenas entre as imediatamente dadas.

[...] uma aparelhagem matemática está implícita a ratificação do mundo como sua própria medida. O que aparece como triunfo da racionalidade objetiva, a submissão de todo ente ao formalismo lógico, tem por preço a subordinação obediente da razão ao imediatamente dado (ADORNO, 2010, p.34).

No campo educacional prevalece a mesma lógica de recompensa ensejada na concepção avaliativa de nota. Segundo Cabrito (2009), o próprio processo de avaliação educacional é algo migrado da esfera econômica, caracterizado pela dicotomia entre critérios utilizados e a promoção da competitividade. Portanto, o ser humano é moldado nessa ideologia avaliativa do próprio cenário socioeconômico. Na esfera global, o Pisa é um importante avaliador instituído por forças econômicas. O próprio processo avaliativo valoriza mais o processo de bonificação, de expressão

de resultado figurado em nota, ao enaltecer a aprendizagem do aluno. A OCDE assume posicionamento claro ao sugerir “[...] recompensar as escolas com excelente desempenho”, assim como, “[...] a introdução de bônus temporários para professores” para que estes adequem-se às dificuldades da escola (OCDE, 2021, p.11).

Nessa perspectiva, o discurso metafórico do neoliberalismo de “futuro antecipado” está relacionado à tentativa de criar novos valores neoliberais mediante o gerenciamento global do conhecimento. No discurso de futuro antecipado permanece oculta a tentativa de deslocamento do presente para um futuro irreal, como um empreendimento incerto a ser alcançado. Nesse sentido, temos uma mudança do fluxo da vida humana, pois ao tratar de projetos futuros é levado a deixar de lado a realidade e realizações presentes (FREITAS; COELHO, 2019).

Segundo Freitas e Coelho (2019), a antecipação do futuro é uma estratégia para criar conexões e estabelecer o consenso global, num “jogo de poder” regido pela OCDE, sobretudo no campo educativo. O argumento posto por Adorno, acerca da relação entre consumo de bens como forma de compensação pelo trabalho extenuante, é canalizado para dentro do discurso da antecipação do futuro da OCDE. A estratégia é estabelecer o aspecto de compensação e engajamento da educação com o mercado. A educação é preponderante para a economia como instrumento de conhecimento e produtor de tecnologias, além disso, é fundamental no encadeamento dos distintos setores que fomentam produtos e serviços. O gerenciamento do conhecimento acarreta uma hegemonia tanto econômica quanto de pesquisas científicas, fortalecendo o aspecto da “[...] corrida a um novo colonialismo tecnológico por meio do saber e do discurso do futuro antecipado” (FREITAS; COELHO, 2019, p.3).

A legitimação do discurso de “futuro antecipado” vale-se do Pisa como instrumento fortalecedor das bases do controle global do conhecimento (FREITAS; COELHO, 2019). Na reconhecida submissão do Pisa à OCDE é possível observar engendramentos que levam à legitimação do discurso pela relação de proximidade entre o Pisa e a política. E esse parece ser o ponto forte do argumento: na medida em que os dados de análise são fornecidos pelo Pisa aos trâmites políticos, estes últimos podem propor e planejar propósitos distintos. Essa prática favorece os ditames de controle do sistema educacional, ancorado na previsibilidade como forma de gerar conteúdo de conhecimento. Na disseminação desses conteúdos prevalece

o engodo que vai além da percepção racionalista, que relaciona o conhecimento aos interesses políticos, uma vez que possibilita a imposição de regras, normas e condutas (CARVALHO, 2009).

Nessa lógica, podemos observar como o crescimento dos dados não significa a elevação do conhecimento, mas resulta em determinada modelagem a favor de decisões políticas. Portanto, a maquiagem dos dados, em uma linguagem que aparentemente enaltece o conhecimento, oculta a prática que acaba sustentando a própria política. Esses elementos movimentam-se como peças de um jogo, no qual os dados viabilizam a criação e a orientação do conhecimento que, contudo, não resultam necessariamente na ampliação do saber (CARVALHO, 2009).

A imperatividade da interferência da OCDE nas políticas educacionais globais, sobretudo na produção de conhecimento, pode ser denunciada como transgressiva ao passo que suas determinações são coletivas. Em recomendações anteriores ao Brasil, a OCDE propunha a ampliação do acesso à educação infantil priorizando famílias de baixa renda, já para os demais alunos a sugestão é

[...] o fortalecimento dos vínculos entre as escolas e o mercado de trabalho, com a ampliação dos programas de educação profissional e técnica e do acesso à aprendizagem voltada a questões do mundo do trabalho – além do aumento de programas de emprego para jovens. (OCDE, 2021, p.10).

Além disso, outra recomendação remete a “[...] um melhor alinhamento da oferta de formações e currículos universitários com a demanda do mercado de trabalho” (OCDE, 2021, p.10). As respostas do governo brasileiro reverberaram em várias iniciativas, entre elas é possível destacar: a criação do Novo Ensino médio em 2017; Catálogo Nacional de Cursos Técnicos em 2020 e as Novas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica em 2021²⁶. O desprezo pelas particularidades e realidades de cada Estado justifica-se na necessidade de produzir e difundir conteúdo de conhecimento sempre inovador e à frente dos demais. Além disso, existe uma relevância fundamental dada pela

²⁶ Outras iniciativas do Governo Federal: Política Nacional de Alfabetização (2019); Tempo de Aprender (2020); Conta Pra Mim (2020); Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (2012-2018); Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Pública de Ensino de Educação Infantil (Proinfância, 2007); Brasil Carinhoso (2012); Plano Nacional pela Primeira Infância (2010-2020, estendido até 2030); Ensino Médio Tempo Integral (EMTI, 2016); Educação Integral em Pernambuco (2008); Busca Ativa Escolar (2017); Novos Caminhos (2019); Lei de Cotas (2012); Programa de Apoio ao Novo Ensino Médio (2018); Programa Nacional do Livro Didático (1985).

OCDE no que diz respeito à necessidade de demonstrar capacidade de liderança e de estabelecer consenso frente às nações (CARVALHO, 2009).

O desejável reconhecimento global vem às custas de periódicas manutenções do sistema educacional, culminando com a inauguração do “[...] *Centre pour la Recherche et l’Innovation dans l’Enseignement (Ceri)*, líder mundial no fornecimento e controle de informações aos *policy makers*²⁷ sobre o tema da educação” (FREITAS; COELHO, 2019, p. 5). O *Ceri*²⁸ ganha visibilidade e representatividade mundial no campo educacional com a apropriação de materiais analíticos, viabilizando encaminhamentos capazes de realizar pressões políticas e empresariais aos Estados (FREITAS; COELHO, 2019). Ainda conforme Freitas e Coelho (2019)

[...] a década de 1970, no contexto de crise econômica (1973 e 1974), o Ceri transformou o seu cenário de intervenções, reafirmando o duplo papel da educação: primeiro, como nova fronteira do mercado e, segundo, enquanto campo estratégico em potencial, capaz de responder aos problemas econômicos (p. 6).

Em sua atuação voltada para a aprendizagem o Ceri tem como proposição o embasamento na experiência dos outros, e os Estados no topo do *ranking* dos índices educacionais são modelos a serem alcançados pelos demais, a partir do princípio de emulação. Neste sentido, as regulamentações políticas propostas pelo Ceri revelam a lógica de imitação e da promessa de sucesso futuro. Contudo, essas regulamentações não estão imunes às incertezas, sobretudo nas possíveis contingências do mundo capitalista (FREITAS; COELHO, 2019).

A disparidade econômica é notória e altamente prejudicial para aquele que nada ou pouco tem a oferecer, no que diz respeito às necessidades e condições

²⁷ O termo *policy makers*, em inglês, utilizado nas análises das políticas educacionais se refere aos formuladores e gestores de políticas públicas. No caso da educação está ligado à criação de políticas que emergem do poder executivo e legislativo para o sistema de educação.

²⁸ O Ceri desenvolveu *The Indicators of Education Systems (INES)*, estes importantes indicadores sistematizam dados da educação numa escala global. O INES publica anualmente um relatório que viabiliza a comparação entre os distintos sistemas de ensino, influenciando diretamente decisões políticas no campo educacional em cada Estado. Os dados fornecidos pelo INES acabam catalisando reformas educacionais que de certo modo absorvem a concepção da OCDE não apenas na Educação, mas também nas políticas econômicas, servindo de modelo para padronização e controle global.

O aspecto catalisador e comparativo proposto pelo INES favorece as críticas no que diz respeito às propostas de políticas públicas educacionais, ao passo que busca culpados pelo insucesso. Com o potencial de provocar ruptura entre o que é ensinado seja na expectativa técnica-econômica, relacionada a suprir o mercado de trabalho, seja em reformas educacionais de cunho nacional, o INES reproduz o pensamento neoliberal (FREITAS; COELHO, 2019).

básicas de aprendizado. Segundo Freitas e Coelho (2019), a centralidade do Ceri como gerenciador de dados estatísticos potencializa o desequilíbrio da competitividade e favorece os grupos que pretendem lucrar com a educação. Mesmo com desequilíbrio elástico, a busca por melhor posicionamento no ranqueamento movimenta políticas nacionais que acabam aderindo às pressões da OCDE. No apelo do futuro antecipado persiste o vislumbre por resultados futuristas, ao mesmo tempo em que são incutidas normas, práticas e conceitos fundamentais (FREITAS; COELHO, 2019).

No próprio slogan *Lifelong Learning* (aprendendo ao longo da vida) persiste um conceito da dominação do conhecimento global por parte da OCDE. Esse conceito ideológico relaciona o ser humano ao mercado de trabalho, onde a “[...] prescrição de que o aprendizado deverá durar toda a vida, reconhece a existência do indivíduo, apenas no precário mundo do trabalho” (FREITAS; COELHO, 2019, p.6). O aprendizado, que deve iniciar antes da escola e continuar após a aposentadoria, caracteriza a tentativa de controle social, tanto da geração presente quanto da futura. O controle social se faz pelo disciplinamento de um ser humano homogeneizado no contexto social e na sociabilidade tornando-se, assim, mantenedor do poder vigente (FREITAS; COELHO, 2019).

O ser humano disciplinado é otimista quanto ao discurso do futuro antecipado, não percebe a sutil inclinação da promessa de que, pela via da tecnologia, a humanidade resolverá todos os seus problemas. A denúncia de Adorno e Horkheimer procura mostrar o engodo da substituição da ideia de elevação espiritual na sociedade moderna pelo progresso econômico e pelo desenvolvimento técnico da ciência. O discurso se desloca na contemporaneidade para o pressuposto do futuro antecipado. Segundo Freitas e Coelho (2019), o futuro antecipado é a tentativa de impor o aparelho ideológico oculto na concepção messiânica da tecnologia. Seguindo essa mesma linha de pensamento, a ideia do aprendizado ao longo da vida caracteriza-se como tentativa de regulamentar o discurso e a dependência das novas tecnologias. Nesse sentido, as discussões que envolvem as novas tecnologias de inteligência artificial vêm ganhando força, especialmente nas questões relacionadas à educação, ciência e cultura.

4.7 OS IMPACTOS DO DISCURSO DE FUTURO ANTECIPADO

Considerando o que foi exposto até aqui pode-se desenhar algumas conclusões claras, que compõem o substrato do que se quis demonstrar com este texto. Dentre os principais argumentos, observa-se que a humanidade não livrou-se totalmente das pressões e imposições míticas oriundas dos primórdios civilizatórios, apenas vislumbra novas e implementadas formas de interação. A esperança de elevação espiritual do ser humano com advento do progresso da ciência revelou que a barbárie é inerente ao processo civilizatório. A busca incessante por progresso reverberou na sobreposição da razão instrumentalizada ao pensamento refletido. Os horrores do holocausto demonstram ser insuficientes para desabrochar uma consciência humana global acerca da importância da educação como limítrofe do mal.

Também entende-se, de forma evidente, que as atenções das grandes lideranças mundiais priorizam seus interesses econômicos de cunho financeiro e de produtividade. A criação de organizações internacionais como a OCDE revela, em primeiro lugar, o caráter de dominação e controle total de recursos materiais e do conhecimento, e apenas secundariamente cumpre a promessa de progresso a todos. O pensamento neoliberal demonstra ser estruturante nesta falácia, que tende à preservação das desigualdades sociais e econômicas, ainda que tal posicionamento não seja assumido deliberadamente. Nos caminhos apontados pela OCDE, no campo educacional, observa-se tendenciosidade e preservação da hegemonia de Estados desenvolvidos no ideário do discurso de futuro antecipado. Nele encontram-se o vislumbre por novas tecnologias, o consumismo e a crença no capitalismo como catalisador para solucionar questões éticas e morais da humanidade. Na verdade, temos o afastamento do ser humano de uma verdadeira educação imanente, capaz de radicar o ser em si.

As influências da OCDE perpassam todas as barreiras políticas educacionais dos seus membros. A avaliação promovida pelo Pisa abriu caminho para apropriação de material de análise e encaminhamentos do Ceri, traduzidos em pressões políticas e empresariais aos Estados subordinados. As proposições do Ceri estimulam a emulação no ranqueamento global desconsiderando as particularidades e historicidade do aluno. Este é levado a buscar um resultado avaliativo, amarrado à promessa de futuro próximo e de sucesso na vida.

Portanto, esse aspecto idealista da educação é contrário ao pensamento de Adorno; para ele a educação não é algo que carrega em si uma promessa, tampouco é capaz de garantir uma vida melhor. A educação é um processo histórico, é o próprio desenrolar do pensamento crítico. Neste sentido, é verticalizada como esclarecimento, algo a ser construído pelo ser humano, ou seja, não é aceitável seu monopólio e mercantilização. Nota-se, porém, que estes elementos são abarcados nos moldes do pensamento neoliberal e concretizados pelas intervenções da OCDE no campo educacional.

CONCLUSÃO

Já é lugar comum a afirmação de que a solução para os problemas do Brasil passa prioritariamente pelo desenvolvimento da educação. Os dados disponíveis, tomando como parâmetro o PISA e as classificações da OCDE – constantes do Anexo 1 ao fim deste trabalho – mostram como os países mais desenvolvidos são aqueles melhores classificados no ranqueamento global da educação.

Contudo, a partir da crítica e das reflexões de Adorno e Horkheimer e dos desdobramentos contemporâneos de seu pensamento e de nossa realidade sociocultural, podemos verificar ao longo de nosso estudo a importância da análise crítica e da problematização filosófica acerca do sentido da educação que queremos.

Tendo em vista que as políticas públicas necessitam empreender esforços e recursos e investimentos para o avanço da formação e da educação brasileiras, é fundamental considerar a pertinência e precisão das denúncias dos frankfurtianos sobre a cooptação da educação pelos interesses mercadológicos e econômicos do mundo administrado e do pensamento neoliberal. Segundo nossos autores, a educação, vista como um conjunto técnico de informações pragmáticas para a ascensão social, reduz a formação a um saber instrumental, superficial e fragmentado, assim como todas as soluções propostas para reformar nossa educação ganham caráter meramente técnico e metodológico.

Nessa perspectiva, as relações humanas seguem um caminho semelhante: uma racionalidade tecnicista e calculista, voltada apenas para o objetivismo e imediatismo da ascensão social, desvinculando o ser humano do pensamento ético e refletido. Nesse desenho de sociedade há uma dissolução da autoconsciência humana, que contribui para sua cooptação pelas forças econômicas, sobretudo, no que diz respeito às relações entre poder e conhecimento que, com o advento da internet e das novas mídias, penetra e invade todos os campos da vida.

Esse processo alienante no projeto de formação dominante já fora observado por Adorno e Horkheimer nas relações entre trabalho e consumo de bens, constituintes da sociedade burguesa. Como vimos, segundo PUCCI (2018), a representação desses interesses encontra-se atualmente no pensamento e no modelo sociopolítico neoliberal, com sua cartilha de globalização,

empreendedorismo técnico e lucro imediato e individual, assumida integralmente pela OCDE.

O nosso estudo valeu-se de comentadores e críticos da OCDE para melhor compreender a atuação desta instituição internacional no campo educacional brasileiro e observou, com as contribuições de GOMES (2020), por exemplo, como a subserviência da educação às forças capitalistas tem estreita relação com as recomendações da OCDE. De forma deliberada, ela pretende promover uma formação profissionalizante, voltada para a ampliação da mão de obra, objetivando atender à demanda por produtividade ao mesmo tempo em que estimula o consumismo.

O percurso que traçamos, à luz da Teoria Crítica, procura compreender o lugar do ser humano nessa dinâmica social que consolida a submissão da massa trabalhadora, visto que ela nada ou pouco pode empreender, além da própria mão de obra. A sobrevivência em jogo força o pertencimento da população ao mundo administrado e a torna refém da indústria cultural, que transforma a vida em mercadoria, seja no trabalho, seja no descanso. Não é possível atenuar o ritmo e exercitar o pensamento refletido, uma vez que a pressão social transforma a todos em peças da engrenagem econômica, ora como produtor, ora como consumidor.

O cenário educacional brasileiro articulado nessa lógica econômica vem limitando uma formação cultural capaz de transpor esse condicionamento alienante, que faz-se presente em nossos projetos pedagógicos há décadas. A concepção de uma formação técnica e superficial mostra-se incapaz de dialogar com uma realidade conectiva e com as demandas críticas e reflexivas de uma sociedade democrática. A formação apresenta-se, assim, como uma ferramenta de ampliação da lógica do mercado, substituindo a busca do saber pela ideia de progresso e consumo individuais.

Na sociedade do consumo, a educação torna-se um produto de comercialização como qualquer outro, disponível nas prateleiras das “*Black Fridays*” e promoções, como um objeto de consumo que promete conhecimento imediato e ascensão social sem dificuldade e sofrimento. A banalização da educação não é exclusivamente má gestão pública, mas é o modo como a sociedade concebe a própria educação.

É importante destacar o quanto muitos comentadores e estudiosos atuais estão afirmando a pertinência das críticas dos frankfurtianos para a compreensão do

caráter mercadológico da cultura na sociedade da internet e das mídias digitais. Atualmente, vivenciamos uma falsa ideia de ampliação da formação cultural, em grande medida devido à disseminação de conteúdos audiovisuais disponíveis na internet. Observamos uma verdadeira explosão de oportunidades culturais que necessariamente não se refletem em uma ampliação dos saberes ou do pensamento crítico. As louváveis ofertas, de certo modo, expõem uma corrida por uma absorção cultural, uma instantaneidade e pragmatismo que tendem a durar até a próxima sessão ou edição. Segundo o cerne da crítica adorniana, os principais propósitos da produção e do encontro humano com a cultura não devem ser o lucro e a busca de ascensão social instantânea, mas a reflexão e a ampliação da consciência espiritual, que produzem emancipação e possibilitam a compreensão e visão do todo. Essa primazia equivocada produz manifestações culturais efêmeras e inviabiliza o pensamento crítico, engendrando uma profunda crise na formação cultural. A essa crise, Adorno chama de semiformação (*Halbbildung*). O ser humano semiformado apresenta uma formação meramente técnica, com informações prontas e certezas inquestionadas, e não reconhece a importância dos estudos e da continuidade do pensamento crítico e refletido.

Na medida em que, por um lado, esse condicionamento mercadológico persiste, por outro, as pressões políticas por reformas técnicas e metodológicas, sobretudo, por meio das recomendações da OCDE, tornam-se mais vigorosas, como se a solução estivesse a um passo de ser atingida. Como vimos, a partir das contribuições de Freitas e Coelho (2019), por exemplo, o pensamento neoliberal expande a lógica do mercado para a educação desconsiderando a importância da formação emancipatória ao valorizar apenas a formação tecnicista e o empreendimento de novas tecnologias.

Ademais, os autores destacam o quanto atualmente a IA (Inteligência Artificial) está ganhando espaço na esfera da educação, ampliando as desigualdades do conhecimento devido às disparidades sociais e ao desequilíbrio na oportunidade de acesso. A crença de que uma sociedade mais tecnológica poderá salvar o ser humano do pensamento reificado e conduzi-lo a um aperfeiçoamento espiritual já fora denunciada por Adorno e Horkheimer como um equívoco que confunde a emancipação humana com o progresso técnico. O pensamento de Zuin e Zuin (2017), por exemplo, destaca o quanto as tecnologias da comunicação são eficazes em reordenar o curso e o ritmo das vidas humanas, alterando a perspectiva

social, disseminando a semiformação, a alienação e normalizando as ideologias dominantes.

Submetido a uma enxurrada de informações e conteúdos ideológicos, o pensamento humano é limitado e prontamente modelado diante de pressões externas, proveniente do mundo administrado. A linguagem dissimulada nos conteúdos disponíveis nas plataformas digitais, com efeito persuasivo e fraudulento, oferece subsídio para a precarização da educação, disseminando a semiformação por meio da cultura de massas. A educação entendida como formação emancipatória vem sendo minada sistematicamente pelos aspectos distrativos (perda de tempo, deixar de fazer o que realmente importa) oferecidos especialmente nas plataformas digitais como cultura de entretenimento.

A ansiedade e a vulnerabilidade humana diante de fatos impactantes e dramáticos são questões que encontramos nas reflexões de TÜRCKE, por exemplo, atestando o quanto essas mídias aliciam milhões de internautas para essas plataformas de conteúdos prontos e instantâneos, com perspectivas unilaterais e padronizadas. O cunho mercadológico e ideológico das mídias, com o propósito de impactar e arrebanhar seguidores, estabelece um verdadeiro vale tudo para aumentar visualizações e disseminar seus produtos e interesses, inclusive a produção de *fake news*. Esse mecanismo, segundo o pensamento de Loureiro e Gonçalves (2021), se transforma em uma moléstia para a educação e para a sociedade como um todo. Nas redes sociais o recrutamento de seguidores, via *fake news*, frequentemente objetiva a disseminação do ódio, promovendo movimentos antidemocráticos que tendem a fragilizar a sociedade.

Esse cenário, que vem minando a educação brasileira, torna o ato de educar uma prática heroica, tamanhas as pressões econômicas e reificadoras do pensamento que obstruem o ser humano de alcançar uma formação emancipatória. De acordo com Freitas e Coelho (2019), a educação globalizada da OCDE adentra nas políticas educacionais dos países membros, procurando estabelecer a prioridade do cunho econômico e a lógica de competitividade. A partir da análise do relatório de 2021 da OCDE para o Brasil, podemos reconhecer que a organização exerce papel significativo nas políticas públicas para a educação brasileira, uma vez que suas recomendações vêm sendo atendidas amplamente pelo Governo Federal.

Acerca do discurso da OCDE no campo educacional, Freitas e Coelho (2019) averiguam a sustentação de um engodo na ideia de “futuro antecipado”,

segundo o qual é preciso trabalhar e esforçar-se mais no presente para que o futuro próximo seja de sucesso. Essa ideia somente é possível mediante a implementação de parâmetros comparativos, como o Pisa, servindo de base para estabelecer o ranqueamento de avaliação dos alunos. O ranqueamento estipula uma referência de qualidade educacional global que, segundo a OCDE, deve ser seguida da base para o topo. Esse processo avaliativo desconsidera as particularidades e experiências dos alunos, avaliando a partir de um mesmo padrão, mesmo que se tenha conhecimento das disparidades de culturas internas e externas de cada Estado. Desse ponto de vista, não há um processo global para melhorar a qualidade educacional, mas Estados emergentes seguindo modelos impostos por países desenvolvidos com finalidades diferentes: ao passo que os segundos produzem tecnologias e conhecimentos, os primeiros fornecem mão de obra técnica e especializada.

O ponto central dessa crítica está no fato de que as concepções da OCDE para educação são fundamentalmente econômicas, com o objetivo de suprir a economia, de ampliar o empreendedorismo e desenvolver a produção e o consumo de novas tecnologias. As origens neoliberais destas estratégias recorrem à ideia problemática de que o ser humano alcança uma moralidade e um real desenvolvimento apenas em decorrência de seu desenvolvimento econômico. Esse ardid mantém as desigualdades do conhecimento e inviabiliza o questionamento e a reflexão sobre as próprias desigualdades, sobre a reificação e o modelo político-econômico vigente. Nesse sentido, perseguir resultados avaliativos externos é fadar a educação brasileira à submissão aos interesses internacionais.

Embora esse estudo não pretenda apresentar formulas e soluções para o problema da educação, ele propõe algumas chaves de leituras que, inspiradas na teoria crítica e na dialética negativa de Adorno, tornam possível a reflexão acerca dos desafios de nossa realidade, da educação e dos modelos culturais e formativos que não queremos. Partindo do pensamento dos frankfurtianos é possível estabelecer conexões com questões formativas e educacionais não resolvidas no passado e ainda presentes em nossa sociedade, como é o caso da dissolução da racionalidade universal e o domínio da lógica instrumental tecnicista que, aliás, passaram por uma enorme dilatação com o advento da internet e das mídias sociais. O mundo, cada vez mais, vem girando em torno da economia, nas relações de produção e consumo, reordenado o comportamento humano e, portanto, sua

formação cultural. O desenvolvimento de novas tecnologias e a globalização não estão garantindo uma educação de qualidade para todos, e menos ainda proporcionam oportunidades justas e equitativas; pelo contrário, cada vez mais, estamos aprofundando no abismo. Os discursos e cartilhas de instituições internacionais não propõem efetivamente a superação, nos Estados emergentes, de sua precariedade educacional, mas a implementação técnica e a manutenção de sua condição histórica de mão de obra fundamental.

Adorno nos mostrou como a compreensão do conceito de semiformação pode ser a chave capaz de avivar o pensamento crítico e de nos possibilitar a superação dessa situação, por meio da prática austera e rigorosa da reflexão. É preciso cautela para não cairmos em falácias e soluções mágicas e instantâneas, propostas por aqueles que transformam a cultura e a educação em mercadorias e produtos para o consumo imediato. Escapar das amarras do mundo administrado está relacionado a não aderir à lógica consumista ou ao esquematismo financeiro, que tendem a transformar o ser humano em um produto, também capaz de consumir e produzir, em um mundo cercado pelos muros do trabalho e da alienação social.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. 2ª Ed. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ADORNO, T. W. **Indústria Cultural e Sociedade**. 5ª Ed. Trad. Maria Helena Ruschel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.
- ADORNO, T. W. Teoria da semiformação. *In*: PUCCI, B.; ZUIN, A. A. S.; LASTÓRIA, L. A. C. N. (Orgs.). **Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010. p. 7-40. (Coleção: Educação Contemporânea).
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. A. S. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 1, p. 33-42, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/zqHCbb9MvDmKpg8HkRLPBXK/?lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2021.
- ANTUNES, R. Desenhando a nova morfologia do trabalho no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 28, n. 81, p. 39-53, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/zDCryfbtfD3Yw6YXTTB3YXL/?lang=pt>. Acesso em: 15 ago 2021.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BECKER, B. Televisão e novas mídias: repensando o papel das audiências nos telejornais. **E-Compós**, [S. l.], v. 17, n. 2, 2014. DOI: 10.30962/ec.1072. Disponível em: <https://e-compos.org.br/e-compos/article/view/1072>. Acesso em: 15 nov. 2021.
- BRASIL, C. I. FGV: mais pobres sofrem maior impacto na pandemia. **Agência Brasil**, 9 set. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2021-09/fgv-mais-pobres-sofrem-maior-impacto-na-pandemia>. Acesso em: 12 nov. 2021.
- CABRITO, B. G. Avaliar a qualidade em educação: avaliar o quê? Avaliar como? Avaliar para quê? **Cad. Cedes**, Campinas, v. 29, n. 78, p. 178-200, maio/ago. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/zLzLGpYQGc3ycFYC4f4PhZL/?lang=pt>. Acesso em 15 ago 2021.
- CARVALHO, L. M. Governando a educação pelo espelho do perito: uma análise do Pisa como instrumento de regulação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 30, n. 109, p. 1009-1036, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/Q8pmFzJkZnpZj8HWM9dckKf/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 ago 2021.

COHN, G. (Org.); FERNANDES, F. (Coord). **Theodor W. Adorno**: Sociologia. Trad. Flávio R. Kothe, Aldo Onesti, Amélia Cohn. São Paulo: Editora Ática, 1994.

COVALESKI, R. L.; SIQUEIRA, O. A. S. Conteúdo de Marca Audiovisual e regimes interacionais: reflexões sobre o engajamento digital do consumidor. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 40, n.2, p.61-75, maio/ago, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/VYJHX3xXksjLB3nxSG9HnVx/?lang=pt>. Acesso em 20 abril 2021.

DUARTE, R. **Adorno/Horkheimer e a Dialética do Esclarecimento**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FABIANO, L. H. Indústria Cultural e Educação Estética: reeducar os sentidos e o gesto histórico. *In*: ZUIN, A. A. S.; PUCCI, B.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. (orgs). **A educação danificada**: contribuições à teoria crítica da educação. Petrópolis/São Carlos: Vozes/UFSCAR, 1998.

FREITAS, R. G.; COELHO, H. R. Futuro antecipado na Educação: OCDE e controle do Conhecimento Global . **Roteiro**, [S. l.], v. 44, n. 3, p. 1–24, 2019. DOI: 10.18593/r.v44i3.21401. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/21401>. Acesso em: 15 nov. 2021.

GOERGEN, P. A universidade e a Dialética do Esclarecimento. *In*: PUCCI, B.; ZUIN, A. A. S.; LASTÓRIA, L. A. C. N. (Orgs.). **Teoria crítica e inconformismo**: novas perspectivas de pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 2010. p. 7-40. (Coleção: Educação Contemporânea).

GOMES, L. R. Indústria Cultural, Resistência e Educação: A Teoria do Agir Comunicativo enquanto possibilidade de emancipação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 22, n. 43, p. 115-138, 2008.

GOMES, L. R. Que auschwitz não se repita. **Cadernos da Pedagogia**, v. 14, n. 29, p. 25-36, out. 2020. Disponível em: <http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1446>. Acesso em: 15 mai 2021.

GUARESCHI, P. A. Mídia e cidadania. **Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 5, n. 9, p. 27-40, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/%20202/193>. Acesso em: 20 abr. 2021.

HORKHEIMER, M. Teoria tradicional e teoria crítica. *In*: HORKHEIMER, M; ADORNO, T. W. **Textos escolhidos**. 5 Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os Pensadores; 16).

KANT, I. **Textos Seletos**. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1974.

LOUREIRO, R.; GONÇALVES, E. C. (Semi)formação no contexto das fake news e da pós-verdade na sociedade excitada – de Adorno a Türccke. **Educação em Revista**, v.37, n.1, p. 1-21, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/32637>. Acesso em: 20 abr. 2021.

MONTEIRO, G. P. Consciência e inconsciente na filosofia da educação. *In*: MONTEIRO, G. P. (Org.) **Discussões Filosóficas**. Cruz das Almas: Editora UFRB, 2016.

NIETZSCHE, F. W. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). **PISA 2018 results**. Paris: OECD, 2021. Disponível em: <https://www.oecd.org/pisa/publications/pisa-2018-results.htm>. Acesso em: 12 nov. 2021.

PAIVA NETO, J. R.; LIMA, I. L. S.; ALMEIDA, B. L. F. Crise, transformações sociais e compressão do espaço-tempo na contemporaneidade. *In*: MACHADO, Maria Izabel. (Org.). **Filosofia Contemporânea**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019.

PRESTES, N. H. A razão, a Teoria Crítica e a Educação. *In*: PUCCI, B. (Org.) **Teoria Crítica e Educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt**. Petrópolis: Vozes, 1995.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Relatório do Desenvolvimento Humano 2019**. New York: PNUD, 2019. Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/library/relatorio-do-desenvolvimento-humano-2019.html>. Acesso em 12 nov. 2021.

PUCCI, B. (Org.) **Teoria Crítica e Educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt**. Petrópolis: Vozes, 1995.

PUCCI, B. A Ontologia da Semiformação em tempos de neoliberalismo. **Veritas**, Porto Alegre, v. 63, n. 2, p. 595-613, 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/30764>. Acesso em: 15 nov. 2021.

RÜDIGER, F. **Theodor Adorno e a crítica à indústria cultural: comunicação e a teoria crítica da sociedade**. 3. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

RÜDIGER, F. **O Amor e a Mídia: Problemas de Legitimação do Romantismo Tardio**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.

SASSE, C. Recordista em desigualdade, país estuda alternativas para ajudar os mais pobres. **Agência Senado**, 12 mar. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/03/recordista-em->

desigualdade-pais-estuda-alternativas-para-ajudar-os-mais-pobres. Acesso em: 12 nov. 2021.

SILVA, T. T. Apresentação. *In*: PUCCI, B. (Org.) **Teoria Crítica e Educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt**. Petrópolis: Vozes, 1995.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.

THOMSON, A. **Compreender Adorno**. Tradução de Rogério Bettoni. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

THORSTENSEN, V.; GULLO, M. F. O Brasil na OCDE: membro pleno ou mero espectador?. **FGV EESP**, Working Paper Series, n. 479, p. 3-30, maio 2018. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/23926>. Acesso em 15 nov. 2021.

TIBURI, M. **Crítica da razão e mimesis no pensamento de Theodor W. Adorno**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

TÜRCKE, C. **Sociedade Excitada: Filosofia Da Sensação**. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

UNITED NATIONS CHILDREN'S FUND (UNICEF). **COVID-19 E Desenvolvimento Sustentável: Avaliando a crise de olho na recuperação 2021**. Brasília: PNUD/UNICEF/UNESCO/OPAS, 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/16086/file>. Acesso em 12 nov. 2021.

VAZ, A. F. Sobre os esforços de aufklärung: educação e política depois de Auschwitz. *In*: PUCCI, B.; ZUIN, A. A. S.; LASTÓRIA, L. A. C. N. (Orgs.). **Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2010. p. 7-40. (Coleção: Educação Contemporânea).

VILELA, R. A. T. (Coord). **A teoria crítica da educação de Theodor Adorno e sua apropriação para análise das questões atuais sobre currículo e práticas escolares**. 104 f. Relatório de Pesquisa (Pós-Graduação em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2006. Disponível em: http://www1.pucminas.br/imagedb/mestrado_doutorado/publicacoes/PUA_ARQ_ARQUI20120828100151.pdf. Acesso em 23 abr. 2020.

ZUIN, A. A. S. **Indústria cultural e educação: o novo canto da sereia**. São Paulo: FAPESP e Autores Associados, 1999.

ZUIN, A. A. S.; LASTÓRIA, L. A. C. N.; GOMES, L. R. **Teoria Crítica e Formação Cultural: aspectos filosóficos e sociopolíticos**. Campinas: Autores Associados, 2012.

ZUIN, A. A. S.; PUCCI, B.; LASTÓRIA, L. N. **10 lições sobre Adorno**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

ZUIN, A. A. S.; PUCCI, B.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. (Orgs). **A educação danificada**: contribuições à teoria crítica da educação. Petrópolis/São Carlos: Vozes/UFSCAR, 1998.

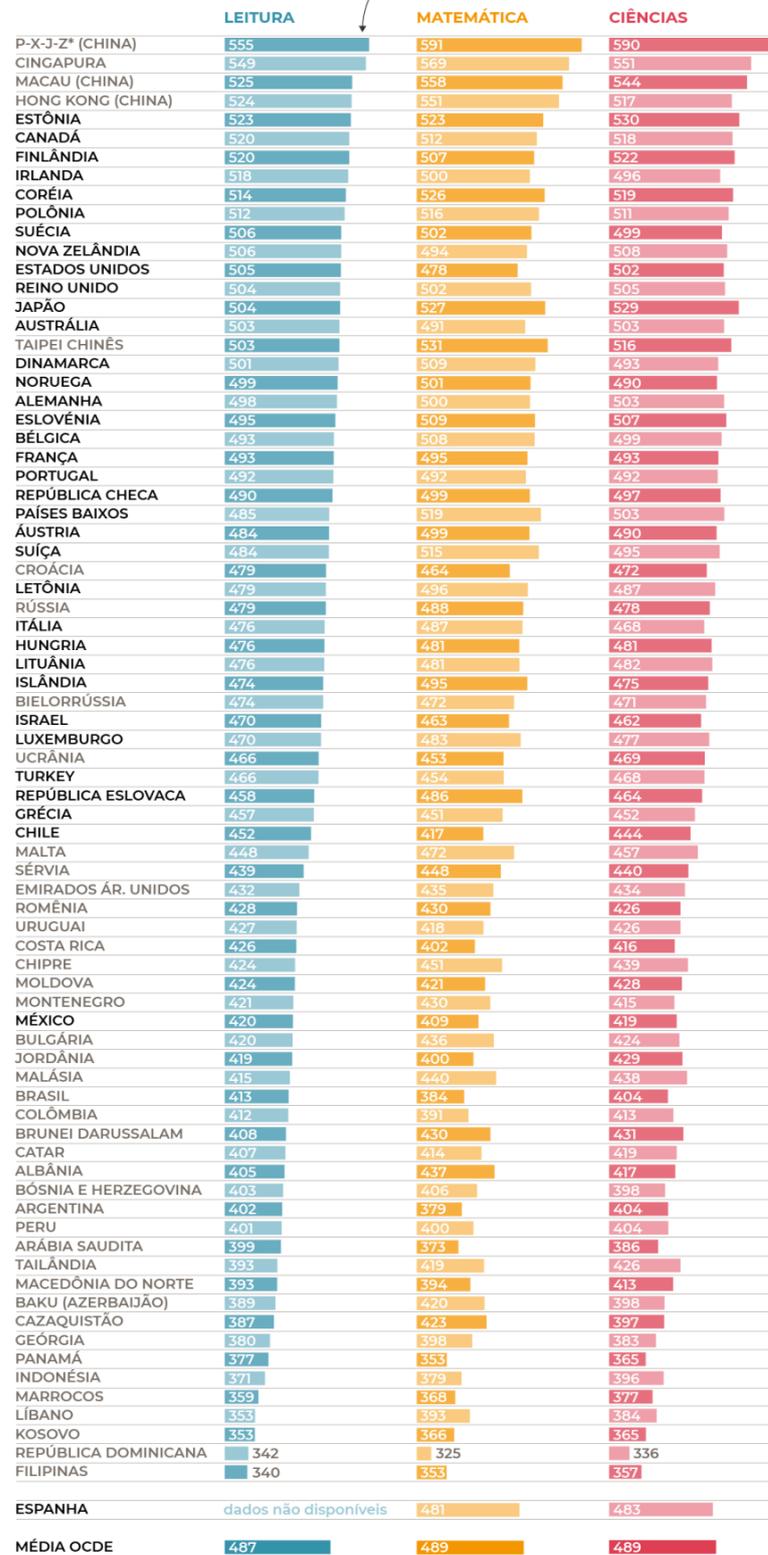
ZUIN, A. A. S.; PUCCI, B.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. **Adorno**: o poder educativo do pensamento crítico. Petrópolis: Vozes, 2000. (Coleção Educação e Conhecimento).

ZUIN, V. G.; ZUIN, A. A. S. A atualidade do conceito de semiformação e o renascimento da Bildung. **Espaço Pedagógico**, v. 24, n. 3, p. 420-436, set./dez. 2017. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/7757/4589>. Acesso em: 15 nov. 2021.

ANEXO 1

RESULTADOS PISA 2018

Os países estão classificados por ordem decrescente da pontuação média de leitura (foco do PISA 2018)



← 300 400 500 600 →

FONTE: OECD (2021, não p.).